



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE
MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

ARIANE BONES BUDKE

FALHAS ARGUMENTATIVAS EM REDAÇÕES DE VESTIBULAR

CASCAVEL – PR

2019

ARIANE BONES BUDKE

FALHAS ARGUMENTATIVAS EM REDAÇÕES DE VESTIBULAR

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de Concentração em Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino

Orientador (a): Dra. Carmen Teresinha Baumgärtner

CASCADEL – PR

2019

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Budke, Ariane Bones

Falhas argumentativas em redações de vestibular /
Ariane Bones Budke; orientador(a), Carmen Teresinha
Baumgärtner, 2019.
115 f.

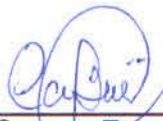
Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

1. Argumentação textual. 2. Redação de vestibular. 3. Falhas argumentativas. I. Baumgärtner, Carmen Teresinha . II. Título.

ARIANE BONES BUDKE

Falhas argumentativas em redações de vestibular

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Linguagem: Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:



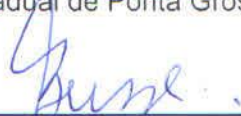
Orientador(a) - Carmen Teresinha Baumgartner

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)



Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)



Sarimar Busse

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Cascavel, 25 de abril de 2019

Dedico esta pesquisa primeiramente a Deus que foi e é meu lugar de descanso e de recarga e que permitiu que tudo ocorresse no momento certo. Dedico também a minha amada mãe, Ana Maria, que mesmo não sabendo o que são falhas argumentativas ou desconhecendo quem foi Bakthin, Perelman e Olbrechts-Tyteca, Ducrot, Koch, Savioli e Fiorin, Weston ou Marcuschi, soube argumentar efetivamente para que eu não desistisse e, juntamente com minha família, deu-me o suporte necessário para esta conquista. A ela todo o meu amor e gratidão.

AGRADECIMENTOS

À professora Carmen Teresinha Baumgärtner, pela orientação, pela paciência, pela firmeza em todos os momentos desta trajetória e por acreditar nesta pesquisa e em minha capacidade desde o período da graduação.

Aos meus pais e irmão, por confiarem em mim, por terem sido meus confidentes durante este processo e jamais terem me deixado esmorecer frente às dificuldades.

Às professoras Sanimar Busse e Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh, pela disponibilidade em ler este trabalho e pelas valiosas sugestões para o melhoramento desta pesquisa.

À professora Sanimar, pelas importantes contribuições para meu crescimento intelectual, científico e profissional desde o período da graduação.

Aos meus alunos, que serviram de inspiração na escolha do objeto desta pesquisa e foram fonte de estímulo durante toda pesquisa.

Aos professores, amigos e familiares que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização do estudo aqui proposto.

Aos amigos, familiares, comadre e afilhada, pela compreensão, presença e apoio ao longo do árduo período de elaboração desta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação da Unioeste, pela oportunidade de realização do curso de Mestrado.

A todos, os meus mais sinceros agradecimentos.

“Tudo tem seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu”

Eclesiastes 3.1- Bíblia Sagrada

BUDKE, Ariane Bones. **Falhas argumentativas em redações de vestibular**. 2019. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, PR.

Orientador (a): Carmen Teresinha Baumgärtner
Defesa: 25 de abril de 2019.

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a argumentação textual e objetivou analisar a argumentação em provas de redação de vestibular do gênero artigo de opinião. Especificamente, identificamos, descrevemos e categorizamos as falhas argumentativas, refletindo sobre suas implicações no atendimento à proposta de redação, ao gênero e à exposição de pontos de vista. O interesse em promover o estudo emergiu de nossa prática pedagógica, do elevado número de argumentações ineficazes encontrado nas redações elaboradas por diversos participantes de concursos de vestibulares, também constatado por Magalhães (2013) e da carência de estudos sobre as falhas argumentativas. Na tentativa de atingir o objetivo proposto, subsidiamos a pesquisa em autores que se dedicaram a investigar a argumentação e a organização textual, como Garcia (1969), Ducrot (1987, 2009), Fiorin (1992), Weston (1996), Marcuschi (2001, 2003, 2008), Schneuwly e Dolz (2004), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Koch (2009) e Bakhtin (2011). Trata-se, portanto, de uma pesquisa pautada na base teórica da Linguística Aplicada, do tipo qualitativa, e que se propôs a analisar as falhas argumentativas em redações. O *corpus* é constituído de cinco redações do gênero artigo de opinião tomadas aleatoriamente no banco de redações do vestibular de uma Instituição de Ensino Superior pública (que nomeamos como Universidade XX neste trabalho), respeitando o critério de nota atribuída entre 20 e 40 pontos de um valor total de 60 pontos. A opção por esse critério deu-se pelo fato de que a maior parte das redações avaliadas pela IES compõe esse conjunto. O levantamento dos dados foi possível por meio de identificação da tomada de posição (tese) e dos argumentos utilizados, classificação dos tipos de argumentos identificados, análise dos argumentos em relação à tese, mapeamento de falhas na argumentação, categorização e análise dos tipos das encontradas. Como resultado desse processo de investigação, constatamos que a capacidade de argumentação dos produtores dos textos analisados ainda requer maior desenvolvimento, visto que encontramos falhas argumentativas em sesenta por cento dos quinze argumentos contidos no *corpus*. As falhas argumentativas diagnosticadas demonstram que os produtores têm pouco domínio das características dos argumentos, bem como dos tipos que podem ser utilizados para dar sustentação a seus pontos de vista. Encontramos baixa utilização de argumentos em algumas redações, pois apresentaram número elevado de sequências expositivas, ao invés de sequências argumentativas.

PALAVRAS-CHAVE: Argumentação textual; Falhas argumentativas; Redação do vestibular.

BUDKE, Ariane Bones. **Fallas argumentativas en redacciones de vestibular**. 2019. 115 f. Disertación (Maestría en Letras). Programa de Postgrado Stricto Sensu en Letras. Universidad Estadual del Oeste del Paraná. Cascavel, PR.

RESUMEN

Esta investigación tiene como tema el argumento textual y tiene como objetivo analizar la argumentación en ensayos de vestibulares del género del artículo de opinión. Específicamente, identificamos, describimos y categorizamos fallas argumentativas, reflexionando sobre sus implicaciones al abordar la propuesta, el género y la exposición de los puntos de vista. El interés en promover el estudio surgió de nuestra práctica pedagógica, del alto número de argumentos ineficaces encontrados en ensayos escritos por varios participantes en vestibulares, también encontrados por Magalhães (2013), y la falta de estudios sobre fallas argumentativas. En el intento de alcanzar el objetivo propuesto, subvencionamos la investigación en autores que se dedicaron a investigar la argumentación y organización textual, como García (1969), Ducrot (1987, 2009), Fiorin (1992), Weston (1996), Marcuschi. 2001, 2003, 2008), Schnewly y Dolz (2004), Perelman y Olbrechts-Tyteca (2005), Koch (2009) y Bakhtin (2011). Es, por lo tanto, una investigación basada en las bases teóricas de la Linguística Aplicada, del tipo cualitativo, y que se propuso analizar las fallas argumentativas en los ensayos. El *corpus* consta de cinco ensayos del género artículo de opinión tomados al azar de la junta de examen de ingreso a la universidad de una institución pública de educación superior (que nombramos como Universidad XX en este trabajo), respetando el criterio de calificación asignado entre 20 y 40 puntos de un valor total de 60 puntos. La opción para este criterio se debió al hecho de que la mayoría de los ensayos evaluados por la IES conforman este conjunto. La recopilación de datos fue posible mediante la identificación del posicionamiento (tesis) y los argumentos utilizados, la clasificación de los tipos de argumentos identificados, el análisis de los argumentos en relación con la tesis, el mapeo de fallas en la argumentación, la categorización y el análisis de los tipos de las encontradas. Como resultado de este proceso de investigación, percibimos que la capacidad de argumentación de los autores de los textos analizados aún requiere mayor desarrollo, ya que encontramos fallas argumentativas en sesenta por ciento de los quince argumentos contenidos en el *corpus*. Las fallas argumentativas diagnosticadas demuestran que los productores tienen poco dominio de las características de los argumentos, así como de los tipos que pueden ser usados para apoyar sus puntos de vista. Encontramos un bajo uso de argumentos en algunos ensayos, ya que presentaban un alto número de secuencias expositivas, en lugar de secuencias argumentativas.

PALABRAS CLAVE: Argumentación textual; Fallas argumentativas; Ensayos del vestibular.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Proposta 1 de redação do vestibular 2016.....	34
Figura 02 – Proposta 2 de redação do vestibular 2016.....	34
Figura 03 – Critérios de correção das redações.....	37
Figura 04 – Redação 1.....	70
Figura 05 – Redação 2.....	75
Figura 06 – Redação 3.....	78
Figura 07 – Redação 4.....	82
Figura 08 – Redação 5.....	84

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Legenda de identificação – códigos.....	69
Tabela 02 – Legenda de identificação – cores.....	.69
Tabela 03 - Identificação da posição da tese nas redações.....	88
Tabela 04 – Tese explícita em frase declarativa	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Identificação de teses nas redações	87
Quadro 02 – Redação 1: tese, argumento, tipo de argumento e falha encontrada.	91
Quadro 03 – Redação 2: tese, argumento, tipo de argumento e falha encontrada.	92
Quadro 04 – Redação 3: tese, argumento, tipo de argumento e falha encontrada.	93
Quadro 05 – Redação 4: tese, argumento, tipo de argumento e falha encontrada.	94
Quadro 06 – Redação 5: tese, argumento, tipo de argumento e falha encontrada.	94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 PERCURSO EMPREENDIDO PARA SELEÇÃO DO <i>CORPUS</i>	23
1.1 O contexto da pesquisa	23
1.2 A pesquisa	24
1.3 A constituição do <i>corpus</i> e procedimentos para seleção dos dados.....	29
1.4 A prova de redação.....	30
1.5 Horizonte espacial comum dos interlocutores envolvidos na interação mediada pelo artigo de opinião.....	37
1.6 Seleção e tratamento dos dados	39
2 O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO E SUAS CONFIGURAÇÕES ARGUMENTATIVAS	42
2.1 Os gêneros do discurso	42
2.2 O gênero artigo de opinião	46
2.3 O que é argumentar?	50
2.4 Tipos de argumentos	57
2.5 A modalização e a argumentação.....	65
3 ANÁLISE DE FALHAS ARGUMENTATIVAS EM REDAÇÕES DO VESTIBULAR	68
3.1 Procedimentos para a identificação e análise das falhas argumentativas.....	68
3.2 Exposição e comentários gerais sobre as teses e falhas	86
3.2.1 Teses.....	86
3.2.2 Argumentos e falhas.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	103
ANEXOS	111

INTRODUÇÃO

Argumentar é uma atividade essencial à efetiva comunicação humana, já que saber defender pontos de vistas e confrontar outros é necessário para a vida social, para o exercício da cidadania e para o posicionamento como ser crítico. Devido a essa relevância, a argumentação tem sido estudada desde a Antiguidade, ao ser abordada nos estudos de Retórica, de Lógica e da Dialética. Atualmente tal tema também é objeto de estudos de pesquisadores de campos distintos, nos mais variados aspectos, tais como: a argumentação jurídica ou em textos jurídicos, a argumentação presente em discursos políticos, em questões de vestibulares, no aprendizado do português como língua estrangeira, no ensino de línguas, em textos escritos na escola, dentre outros.

Diariamente lidamos com situações em que devemos emitir opiniões e justificá-las, defender, confrontar, ou negar pontos de vista. A maior parte das situações que exigem nossas habilidades argumentativas ocorrem no âmbito da oralidade e ocorrem naturalmente, já que muitas vezes nem percebemos que estamos exercitando nossa capacidade argumentativa.

Por outro lado, em certos momentos somos desafiados a manifestar nossas opiniões e a defendê-las por meio da modalidade escrita. É neste momento que algumas dificuldades surgem, decorrentes do fato de que escrever exige operações argumentativas e habilidades linguísticas bem mais complexas, pois o contato visual, a gesticulação, as diferentes entonações dos enunciados, as reiteraões, as ênfases, etc., marcas típicas dos enunciados orais, auxiliam o falante a ser mais eficaz em suas argumentações, e isto já não é possível quando se escreve para um leitor com o qual não se tem contato direto. Desta forma, o texto escrito tem de ser claro, coeso e coerente para ser interpretado da maneira adequada e para causar no leitor a mudança de comportamento, que se caracteriza como um dos objetivos da argumentação.

As grandes transformações sociais, culturais, econômicas, políticas, tecnológicas, religiosas, ambientais, e os conflitos de interesse impõem diversos desafios à sociedade atual e exigem que jovens e adolescentes da Educação Básica e Superior, ou aqueles que procuram entrar no mercado de trabalho, dominem a

capacidade de manifestar suas opiniões e de lidar com situações e problemas de natureza polêmica diversos.

Nesse âmbito, a escola emerge como instituição de importância para a promoção desta capacidade no público que a frequenta, em virtude de ser um espaço privilegiado para a formação e o desenvolvimento do pensamento crítico, e para o fortalecimento da identidade do educando. Esta é uma das funções atribuídas ao ambiente escolar, pois nele o aluno está exposto, com maior frequência, a uma infinidade de informações e aprimora a importância do debate de ideias e do confronto de opiniões para a formação do senso crítico e para o exercício da cidadania. Cabe também à escola ensinar e aprimorar as habilidades linguísticas, textuais e discursivas, essenciais aos alunos no enfrentamento de problemas do cotidiano e no posicionamento ao escrever.

Desse modo, a argumentação se faz presente em inúmeras formas de comunicação social, orais e escritas, denominadas gêneros textuais, com predominância naqueles da ordem do argumentar (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004) que circulam nas mais variadas esferas de atividade humana. No âmbito escolar, são utilizados vários gêneros textuais para desenvolver a capacidade argumentativa dos alunos, como a dissertação-argumentativa¹, o artigo de opinião, a carta do leitor, a carta de reclamação, o comentário e a resposta argumentativa (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004). Nesse contexto, tais gêneros adquirem um caráter relevante no ensino da escrita e no desenvolvimento da efetiva argumentação.

Devido à necessidade de capacidade argumentativa nas mais variadas situações sociais de comunicação e à relevância da redação escolar, exigida em concursos de vestibular, concursos públicos e em algumas entrevistas de emprego, como forma de avaliação e acesso, nos últimos anos estas têm se constituído como tema nas discussões sobre o ensino da produção textual, e se tornado um desafio

¹ Dissertação argumentativa é a nomenclatura dada pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ao gênero proposto em sua prova de redação. O ENEM caracteriza como dissertação argumentativa, em seu manual do candidato, como um texto em prosa sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política, no qual os candidatos devem defender uma tese “[...] apoiada em argumentos consistentes e estruturados com coerência e coesão, formando uma unidade textual.” (BRASIL, 2017, p. 7) Para isso o texto deve ser redigido de acordo com a modalidade padrão da língua portuguesa e o participante também deve elaborar uma proposta de intervenção social para o problema apresentado no desenvolvimento do texto.

para educadores e corretores que se dedicam aos problemas e dificuldades enfrentados pelos estudantes na elaboração de textos da ordem do argumentar.

Levando em conta a relevância da argumentação em nossas interações sociais mediadas pela linguagem (oral ou escrita), nosso estudo tem como tema a argumentação em textos da prova de redação do vestibular em um processo de seleção para ingresso no ensino superior de uma universidade pública. Na delimitação do tema, definimos realizar um levantamento dos usos de argumentos feitos por vestibulandos na referida prova, analisando a presença/ausência de falhas de argumentação em redações do gênero artigo de opinião. Destacamos que o que identificamos como falha no decorrer de nossa pesquisa pode também ser interpretado como tentativas de argumentação, porém da maneira como se apresentam enquadram-se como tentativas ineficazes.

A escolha desse tema teve como ponto de partida a preocupação da mestrandia, em experiência como professora de língua portuguesa e redação no Ensino Médio e em cursos preparatórios para o vestibular, com o desempenho dos alunos na produção textual, sobretudo, quanto a falhas de argumentação nos gêneros dissertativo-argumentativo e artigo de opinião escritos.

Conforme Magalhães (2013), as redações elaboradas por diversos participantes de concursos de vestibulares do Brasil apresentam variados tipos de falhas relacionadas à argumentação, quando os textos realizados se enquadram na ordem do argumentar, como: artigos de opinião, carta do leitor, dissertação argumentativa, comentários críticos-interpretativos, cartas de reclamação ou de solicitação, etc. Com base nesse indicativo, e considerando nossa experiência como professora de Língua Portuguesa, que tem como um dos eixos de ensino a produção de textos, inclusive da ordem do argumentar, propusemos realizar esta pesquisa em redações de vestibular. Entendemos que quem as escreve são pessoas que estão concluindo ou que já concluíram o Ensino Médio, de quem se espera que, após pelo menos dez anos de escolarização, tenham desenvolvido a capacidade de argumentar em textos escritos. Desse modo, dois **questionamentos** direcionaram nosso trabalho: 1. Há falhas de argumentação em redações do vestibular do gênero artigo de opinião da Universidade XX? 2. Em sendo afirmativa a resposta da pergunta anterior, que tipos de falhas estão presentes nas redações analisadas?

Nessa investigação problematizamos as falhas argumentativas, tomando-as como pistas do trabalho do sujeito com a linguagem, tendo como **objetivo geral**: analisar a argumentação em provas de redação do vestibular do gênero artigo de opinião. Para dialogar com as perguntas norteadoras da pesquisa, com vistas a atender ao objetivo mencionado, definimos como **objetivos específicos**: 1. Identificar e descrever as falhas argumentativas. 2. Categorizar as falhas. 3. Refletir sobre suas implicações no atendimento à proposta de redação.

A pesquisa se justifica porque, apesar de haver elevado número de argumentações ineficazes em redações elaboradas por diversos participantes de concursos de vestibulares, como afirma Magalhães (2013), ao realizar levantamento sobre estudos que abordam a argumentação textual em redações no período de 2010 a 2016, percebeu-se a carência de estudos sobre temáticas como: 1) A abordagem do argumentar nos materiais didáticos; 2) A análise da argumentação na produção de acadêmicos; 3) Estudos sobre a redação do ENEM; 4) Estudos sobre a relação do argumentar com as práticas de leitura, e, 5) Estudos sobre a construção da argumentação nos textos dos anos finais do ensino médio e redações do vestibular. Destaca-se que esta última necessidade de investigação é contemplada em nosso estudo.

O *corpus* utilizado para geração dos dados é constituído de cinco redações do gênero artigo de opinião, produzidas no vestibular 2016, tomadas aleatoriamente no banco de redações do vestibular da universidade mencionada, respeitando somente o critério de nota atribuída entre 20 e 40 pontos de um valor total de 60 pontos. A opção por redações com notas entre 20 e 40 pontos se deu porque, observando-se as notas obtidas pelos vestibulandos, constatamos que a maior parte se situa nesse intervalo. Desse modo, compreende-se que essas redações representam o vestibulando médio, que procura essa universidade com o objetivo de ter acesso a um de seus cursos de graduação.

A hipótese da pesquisa é de que as falhas argumentativas influenciam na qualificação final dos textos, já que prejudicaria o êxito no objetivo geral da elaboração de uma produção na ordem do argumentar, isto é, o de convencimento do futuro leitor para que este tenha seu comportamento alterado, uma vez que o intuito de um texto desse gênero é o de defender uma ideia e de convencer o leitor de que a visão de mundo apresentada é a mais adequada.

Ao investigar um problema concreto do uso da linguagem por vestibulandos, este estudo insere-se no campo de pesquisas da Linguística Aplicada interagindo com outras áreas de estudo, como: a Retórica e a Linguística Textual, estando essas áreas inseridas na interface Linguística/Ensino, pois acreditamos que essas duas esferas de estudos e práticas devem andar, de certo modo, lado a lado, visto que o ensino deve estar fundamentado nos conceitos linguísticos.

A pesquisa em questão é relevante, pois apontará aspectos da argumentação em textos escritos que podem servir de subsídios para o ensino da produção textual na escola, no que diz respeito ao domínio da capacidade de linguagem da ordem do argumentar.

Após levantamento do estado da arte sobre pesquisas no âmbito da argumentação, no período 2010 a 2016, identificamos como pesquisas que mais dialogam com o nosso recorte as descritas a seguir, considerando autor, ano de publicação, título, área, nível e objetivos.

A primeira pesquisa é uma dissertação defendida em 2016, de autoria de Juciana Soares de Oliveira, intitulada “Argumentação e ensino de escrita no ensino fundamental: uma proposta de intervenção”, enquadrando-se no campo da Linguística Aplicada e apresentada ao programa de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Essa pesquisa teve como objetivos: investigar a competência argumentativa de alunos de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Fortaleza/ Ceará, a partir da produção escrita de artigos de opinião; realizar uma análise comparativa de duas versões de dez artigos de opinião produzidos por esses alunos; identificar dificuldades relacionadas à ausência de uma ou mais fases da sequência argumentativa prototípica proposta por Adam (2011); e aplicar uma intervenção pedagógica com a finalidade de que essa sequência prototípica se efetive nos textos dos alunos, contribuindo, assim, para a melhoria da escrita argumentativa.

Oliveira (2016) obteve como resultados da escrita inicial dos alunos artigos de opinião com lacuna na estrutura lógica por desconhecimento de algumas fases da sequência argumentativa ou de estratégias argumentativas. Além disso, os alunos apresentavam dificuldades em elaborar a tese, organizar os argumentos em relação à tese e desenvolver a conclusão.

Após esta avaliação diagnóstica, Oliveira (2016) aplicou uma sequência didática a fim de desenvolver a capacidade argumentativa dos alunos e contribui para que eles superarem dificuldades de escrita. Ao comparar as primeiras produções com as do momento pós sequência didática, foi possível perceber que os alunos apresentaram melhor desempenho na escrita e na leitura de textos do gênero. Os sujeitos de pesquisa tornaram-se mais conscientes da necessidade de nortear o leitor sobre o assunto em debate, passaram a selecionar fatos e a defendê-los através de estratégias argumentativas diversas. Oliveira (2016) destaca a necessidade de mudança nas estratégias de ensino, pois ainda consideramos grande parte das produções de nossos alunos pouco satisfatórias no que concerne ao domínio das habilidades comunicativas.

O segundo trabalho é uma tese de doutorado, em Linguística Aplicada, de autoria de Renata Calheiros Alves, apresentada ao programa de pós-graduação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2013. Essa pesquisa objetivou: analisar redações produzidas por candidatos ao vestibular de 2008 da UERJ, nas quais são investigados aspectos concernentes à superestrutura do gênero dissertação de vestibular e às categorias do modo argumentativo de organização do texto, a saber: a tomada de posição, a presença de argumentos orientados para a tese do argumentador, a presença de contra-argumentos e as estratégias argumentativas que se destacam. Além disso, buscou-se entender a relação entre as falhas redacionais e o ensino desse modo argumentativo do texto, apontando os estudos recentes em Teoria da argumentação, Semântica argumentativa, Linguística textual e Análise do discurso, que podem oferecer subsídios ao ensino da argumentação escrita.

Alves (2013) obteve como resultado, primeiramente, que os textos em análise mostram-se predominantemente argumentativos, porém detectou uma deficiência no emprego de todas as componentes argumentativas pesquisadas, já que, por exemplo, em relação à tomada de posição, deparou-se com textos com mais de uma tese, outros textos numa relação de contradição ou com fuga da discussão proposta. Alves (2013) salienta que há uma argumentação presente nos textos analisados, porém com baixo nível de proficiência, o que nos remete para a realidade educacional brasileira e traz-nos a necessidade de pensar em diferentes formas de elevá-la. Em resposta a esta necessidade a pesquisadora apresentou uma série de

atividades como sugestão metodológica, deixando ainda o debate sobre o tema em aberto.

A terceira pesquisa é uma tese de doutorado, de autoria de Silvia Maria Vieira, enquadrada no campo da Linguística Aplicada e apresentada ao programa de pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco em 2013. Essa investigação, intitulada “A construção do argumento no ensino médio: uma investigação dos recursos argumentativos no gênero dissertativo-argumentativo escolar”, teve como objetivo: analisar a construção do argumento na produção textual de alunos do ensino médio, verificando como esses estudantes elaboraram a argumentação escrita, em sala de aula, quando o tema levado à discussão abordava assuntos de natureza controversa. A pesquisa foi realizada em produções textuais do gênero dissertativo-argumentativo de 20 alunos do final da educação básica de uma escola pública, localizada no Estado do Piauí, de forma a identificar e analisar o padrão argumentativo, as estratégias argumentativas, assim como os recursos linguístico-discursivos utilizados pelos aprendizes na sustentação e defesa do seu ponto de vista.

Vieira (2013) constatou que alguns dos alunos das turmas investigadas apresentam dificuldades de produção do gênero dissertativo-argumentativo escolar. As argumentações encontradas nos textos são simples, do tipo dado, justificativa e conclusão, sem conseguir uma argumentação elaborada, pois não conseguem organizar as ideias e nem selecionar as justificativas mais relevantes para a defesa de seu ponto de vista. Quanto à polifonia presente nos textos, notou-se produções com a presença da voz do outro principalmente com o uso de argumentos de autoridade, mas também textos que refletem o ideal de toda a sociedade, através do uso de expressões cristalizadas e frases de senso comum.

Por fim, identificamos também a tese de doutorado de autoria de Rosita Maria Bastos dos Santos, defendida em 2015, intitulada “Argumentação: uma análise da organização textual em produções escritas do ensino médio”, enquadrada no campo da Linguística Textual e apresentada ao programa de pós-graduação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Esse trabalho objetivou: caracterizar a dissertação argumentativa no que diz respeito à estrutura argumentativa e aos níveis estruturais de argumentação que se fazem presentes de modo mais recorrente em

cada uma das séries e observar o comportamento do aluno-escritor ao apoiar seu ponto de vista através de argumentos.

Santos (2015) conclui pela análise que há uma inclinação mais para atender um padrão composicional do gênero do que para refletir sobre a estrutura argumentativa. A pesquisadora percebeu que os alunos apresentam dificuldades de partir de formas mais autônomas e proficientes de articulação argumentativa e acabam por reproduzir o discurso do senso comum, com informações pouco detalhadas e generalizações. Para Santos (2013) o arranjo argumentativo se faz presente, pois nota-se nos textos uma tomada de posição, porém a defesa desta posição é que está sujeita a menor e maior eficiência.

Para o desenvolvimento desta pesquisa recorreremos a pressupostos teóricos sobre dialogismo e gêneros do discurso de Bakhtin (2011), aos trabalhos com as práticas de linguagem a partir de gênero de Schneuwly e Dolz (2004), aos estudos sobre os princípios da retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), à teoria da argumentação de Ducrot (1987, 2009), Carel e Ducrot (2013), à noção de argumentação e linguagem de Koch (2009,) a categorização de tipos de argumentos e de defeitos de argumentação de Savioli e Fiorin (1992), Weston (1996) e Garcia (1969) e às considerações sobre gêneros e critérios de textualidade de Marcuschi (2001, 2003, 2008).

Em termos metodológicos este estudo está inserido no campo da Linguística Aplicada, como dissemos anteriormente, já que trabalha com um tema apresentado como uma problemática enfrentada por vestibulandos ao elaborarem redações da ordem do argumentar, e busca trazer elucidações para esta questão. O estudo caracteriza-se ainda como de natureza qualitativa, em sua maior parte, e do tipo documental, ao realizar o exame cuidadoso de documentos (redações) que ainda não receberam tratamento analítico e/ou que podem ser reexaminados com o objetivo de uma interpretação nova ou complementar.

Quanto à organização, compreende três seções. Na seção 1, são abordados o percurso e os procedimentos metodológicos empreendidos, a saber: o universo da pesquisa, a classificação da pesquisa, a geração de dados para composição do *corpus*, a organização da prova de redação de vestibular e a situação de produção e o tratamento dados às ocorrências identificadas. Na seção 2, consta a apresentação da fundamentação teórica que abrange aspectos referentes aos gêneros do

discurso, à argumentação escrita, à caracterização do gênero artigo de opinião, a tipos de argumentos utilizados em registro escrito e à importância da modalização no discurso argumentativo. A seção 3 é dedicada à identificação, descrição, categorização e análise dos dados, observando-se: tese, argumentos, tipos de argumentos e suficiência desses para a sustentação da tese.

1 PERCURSO EMPREENDIDO PARA SELEÇÃO DO *CORPUS*

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para a realização do presente estudo. Inicialmente, caracterizamos o universo da pesquisa, no item 1.1; no item 1.2, efetuamos sua descrição como uma pesquisa de natureza qualitativa e a classificamos quanto a seu tipo. Na sequência, no item 1.3, especificamos o corpus analisado, caracterizando o contexto da investigação, delineando o perfil dos sujeitos participantes da pesquisa e descrevendo os instrumentos de geração dos dados para a composição do *corpus*. Na seção 1.4, exploramos a situação de produção e caracterizamos a prova de redação, como também os critérios de avaliação a que os textos foram submetidos. Em 1.5 abordamos o horizonte espacial comum dos interlocutores envolvidos na interação mediada pelo artigo de opinião. Por fim, em 1.6 discorreremos sobre a identificação e tratamento dados às falhas encontradas.

1.1 O contexto da pesquisa

A pesquisa se desenvolveu a partir de redações realizadas para o vestibular de uma universidade pública do estado do Paraná, coletadas no banco de dados desta instituição. Trata-se de uma universidade regional, multicampi, abrangendo um total de 94 municípios situados na região oeste e sudoeste do Estado. A Universidade contempla atualmente mais de 35 cursos de graduação em formação bacharel, específicos da profissão e licenciaturas além de diversos cursos de pós-graduação no nível de especialização, mestrado e doutorado. A maior parte das graduações tem duração de 4 anos e asseguram aos graduandos o direito de exercer a profissão.

O ingresso aos cursos de graduação ocorre via vestibular, Sisu, Provou (transferência) ou Provare (vagas remanescentes). O vestibular constitui-se de duas provas feitas no mesmo dia: a primeira, no período da manhã, é de conhecimentos gerais com um total de 77 questões objetivas com cinco alternativas sobre os conteúdos das seguintes disciplinas: Biologia, Filosofia, Física, Geografia, História, Língua Estrangeira, Literatura, Matemática, Química, Português e Sociologia (cada disciplina é contemplada com 7 questões); e a segunda, no período da tarde,

contém questões de conhecimentos específicos do curso pretendido e a prova de redação. Nesta há sempre duas propostas de redações, que podem exigir a construção de um texto do gênero: artigo de opinião, carta do leitor ou comentário interpretativo-crítico. O candidato deve escolher uma das propostas para realizar sua redação. Ambas as provas são realizadas no mesmo dia e em duas etapas.

Percebe-se que os gêneros indicados pertencem à ordem do argumentar, e como o próprio manual do candidato destaca, há a exigência de que o vestibulando apresente uma boa elaboração de argumentos a partir da situação interativa dada.

A aprendizagem, o domínio e o uso da língua escrita impõem ao aluno graus de reflexão sobre o funcionamento da língua. Assim, os “erros” ou “falhas” podem ser tomados como indícios dos processos pelos quais os alunos constroem o conhecimento sobre a língua escrita. Nesse sentido, o professor precisa auxiliar o aluno a superar suas dúvidas e seus conflitos sobre a organização da escrita, e sistematizar esse conhecimento para a sua plena apropriação e uso.

Nesse contexto, é necessário que observemos, baseados em estudos que versam sobre os critérios de textualidade, quais são as principais falhas de argumentação dos participantes no que tange à maneira de estruturá-los, a fim de auxiliar os professores a incorporar ou modificar metodologias que possibilitem os estudantes a compreender o funcionamento da linguagem e a observar de forma sistemática a distinção entre texto coerente e texto incoerente, podendo também contribuir para as discussões sobre a temática e elucidações sobre as ocorrências para os próprios alunos.

Desse modo buscamos compreender se as inúmeras queixas de alunos, professores e corretores, observadas em nossa atuação como professora de produção textual, em relação aos problemas apresentados no momento da escrita das redações e dificuldades de criar textos coerentes, decorrem em partes de problemas de argumentação.

1.2 A pesquisa

Quanto à perspectiva teórica adotada, este estudo insere-se no campo das Ciências Humanas e da Linguística Aplicada (LA). No primeiro caso, trata-se de um estudo voltado para a produção de linguagem humana, em situação social e histórica de interação com o outro. No que se refere à vinculação à LA, a pesquisa

focaliza um problema de linguagem em uso, a argumentação em redações de vestibular. Ambos os campos admitem o texto como lugar para refletir sobre a cultura, a sociedade, suas representações e seus usos da escrita.

Segundo Bakhtin (2011), pensamentos são construídos através do texto, apresentando-se para o outro, em uma relação intensa entre texto e contexto. Desse modo, as produções escritas são o ponto de partida para refletir sobre o que o vestibulando sabe, e o que ainda precisa aprender. Para o estudioso, a produção de um texto é o encontro de outros - o texto pronto em diálogo com tudo aquilo que o locutor já leu e viveu. Tal fato contribui para a noção dialógica de linguagem apresentada pelo autor, visto que todo texto é constituído por outros que o antecedem e com os quais dialoga, e potencializa textos futuros, como respostas.

Em consonância com a LA, a pesquisa está diretamente relacionada a práticas de linguagem, pois investigamos problemas concretos de argumentação na comunicação, buscando interpretá-los de maneira a contribuir na produção de subsídios teóricos e analíticos para o ensino da argumentação na escola. O estudo em questão trabalha com a língua em uso, sendo este campo privilegiado da LA, pois, segundo Leffa (2001), esta área trabalha com a língua que não é apenas um conhecimento abstrato, muito menos um conhecimento que é somente governado por regras ou estruturas, mas, sim, como algo concreto, que acontece entre os indivíduos nas situações de comunicação. Destaca-se ainda que pesquisas em LA não são conclusivas, isto é, a investigação traz considerações daquele momento em que foi realizada, podendo em outros momentos ser repensada e reorientada por outras indagações e outros objetivos.

Desse modo, em nosso estudo, como se faz em LA, trabalharemos com o que está dito, partindo de perguntas de pesquisa, indagações, problemas, pois, assim a investigação surge como tentativa de responder a questionamentos. Em nosso caso específico, considerando as notas medianas que receberam, as indagações são: 1. Há falhas de argumentação em redações do vestibular do gênero artigo de opinião da Universidade XX? 2. Em sendo afirmativa a resposta da pergunta anterior, que tipos de falhas estão presentes nas redações analisadas? Refletir sobre esses questionamentos, orientando-nos pela LA, poderá resultar na produção de conhecimentos que auxiliem no ensino da argumentação na escola. Como destaca Rojo (2006), nesse campo

há uma insistência discursiva no tema da solução de problemas contextualizados, socialmente relevantes, ligados ao uso da linguagem e ao discurso, e na elaboração de resultados pertinentes e relevantes, de conhecimento útil a participantes sociais em um contexto de aplicação (escolar ou não-escolar) (ROJO, 2006, p. 258).

As palavras de Rojo nos mostram que não há atividade humana na qual o linguista aplicado não tenha um papel a desempenhar, já que esta está diretamente comprometida com a solução de problemas humanos que derivam dos vários usos da linguagem, e as falhas de argumentação caracterizam-se como um desses problemas, já que podem dificultar ou até inviabilizar a manifestação de pontos de vista, quando requerida em situações sociais de interação, principalmente quando realizadas em registro escrito.

Sobre a propriedade de enfrentamento de problemas a que a LA se propõe, Leffa (2001) salienta:

Em termos de problema pesquisado, podemos dizer que, em Linguística Aplicada, não criamos problema para pesquisar, mas pesquisamos os problemas que já existem. Não trazemos o problema para o laboratório, limpo e desinfetado, cuidadosamente desembaraçado de todas as variáveis que possam atrapalhar ou sujar nossas hipóteses. Fazemos o caminho inverso. Saímos do laboratório e vamos pesquisar o problema onde ele estiver: na sala de aula, na empresa ou na rua. Figurativamente falando, sujamos as mãos na pesquisa. Fazemos o que já dizia Goodman na década de 60, ao afirmar que sua pesquisa sobre leitura era feita com alunos de verdade em aulas de verdade. Conforme Tucker (1996), a Linguística Aplicada é “um meio de ajudar a resolver problemas específicos da sociedade onde a linguagem está envolvida”. A imersão na realidade e o tratamento dos problemas como eles se encontram - não como gostaríamos de encontrá-los - oferece, é claro, vantagens e desvantagens. A principal desvantagem é a dificuldade de lidar com a quantidade de dados que aparecem. A vantagem maior é a relevância social dos problemas pesquisados. Não se pesquisa para explicar uma teoria; pesquisa-se principalmente para resolver um problema, e por isso, está-se mais próximo de dar um retorno à sociedade. (LEFFA, 2001, p.7)

As afirmações do autor expressam a amplitude e os desafios que uma pesquisa em LA implica. Se esta pesquisa conseguir identificar as falhas de argumentação em redações de vestibular, como vimos insistindo, poderá apresentar aos professores, corretores e principalmente a vestibulandos, pistas para a

abordagem do tema em sala de aula e em trabalhos de elaboração e de avaliação da produção escrita. Desse modo, a pesquisa poderá servir como material elucidativo sobre os falhas para os próprios estudantes e indivíduos que buscam a efetividade argumentativa, visto que “a prestação de serviços não deve ser feita apenas a partir daquilo que se tem para oferecer, mas também a partir daquilo que a sociedade precisa” (LEFFA, 2001, p.6).

Nosso trabalho insere-se na LA por trabalhar com um problema já existente, como destacado por Leffa (2001). buscando por apontar caminhos à efetiva argumentação; e por apresentar e relacionar conceitos da Linguística Textual, da Retórica e da Semântica Argumentativa para tentar explicar e caracterizar a argumentação e identificar os falhas argumentativos nas redações analisadas, já que a LA classifica-se, como destacado por Moita-Lopes (2006), atualmente, como uma área “transdisciplinar” e “indisciplinar”, na qual existem atravessamentos de fronteiras disciplinares, contestação de ideologias e diálogo entre disciplinas e conceitos.

Do ponto de vista da abordagem, pode-se dizer que a investigação possui caráter qualitativo (ERICKSON, 1988), constituída pelo exame detalhado de materiais que ainda não receberam tratamento analítico e/ou que podem ser reexaminados com vistas a uma interpretação nova ou complementar (GODOY, 1995). Denominar-se-á ainda como qualitativa pelo fato de buscar explicar como se caracterizam as falhas argumentativas localizados nas redações analisadas.

O estudo será na sua maior parte de caráter qualitativo, visto que o problema e objetivos da pesquisa contemplam o ensino, no entanto, para que isso se efetive, não serão dispensados aspectos quantitativos, quando da identificação e descrição dos dados apresentados nas produções, etapa em que o trabalho assumirá uma abordagem quantitativa, pois será realizado o levantamento dos problemas de organização dos argumentos realizados pelos participantes, expondo-os posteriormente em tabelas com dados numéricos e percentuais.

Por outro lado, na etapa seguinte o foco é qualitativo, já que a análise tentará compreender a totalidade do fenômeno, mais do que focalizar conceitos específicos. Dessa forma, mesmo analisando o *corpus* de uma perspectiva predominantemente qualitativa, as ocorrências de falha serão submetidas também à análise quantitativa, uma vez que cada redação é tratada em relação ao número de ocorrências

verificadas e seus respectivos percentuais tendo como parâmetro a contagem geral. Segundo Marcuschi (2001), não é relevante estabelecer uma oposição severa entre qualidade e quantidade, pois ambas as abordagens se complementam, de tal forma que tudo depende do que se investiga e da maneira como se faz a investigação. Faremos a análise quantitativa para termos uma ideia geral de quantas vezes cada tipo de falha ocorreu no *corpus* e se os números levantados demonstram percentuais elevados em relação ao todo.

Do ponto de vista dos objetivos, nossa pesquisa classifica-se como explicativa, pois propomos rastrear as redações que compõem o corpus, identificando falhas de argumentação e apontar qual a natureza das causas de falhas. Gil (2008) conceitua como pesquisa explicativa aquela que tem como foco a preocupação em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, esta investigação caracteriza-se como pesquisa documental, visto que se vale de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. Tal perspectiva de pesquisa apresenta-se como vantajosa nos seguintes aspectos elencados por Gil (2002): documentos (redações) que se apresentam como fonte rica e estável de dados, custo baixo, pois envolve em maior parte da execução quase que somente disponibilidade de tempo do pesquisador e não exige contato com os sujeitos produtores. Por outro lado, é uma pesquisa que demanda do pesquisador a consideração das

[...] mais diversas implicações relativas aos documentos antes de formular uma conclusão definitiva. Ainda em relação a esse problema, convém lembrar que algumas pesquisas elaboradas com base em documentos são importantes não porque respondem definitivamente a um problema, mas porque proporcionam melhor visão desse problema ou, então, hipóteses que conduzem a sua verificação por outros meios. (GIL, 2002, p. 47)

Perseguimos esse entendimento nesta pesquisa: produzir inteligibilidades quanto ao uso da argumentação em redações de vestibular, especificamente no que tange a falhas de argumentação, para melhor compreender esse fenômeno, e, conseqüentemente, subsidiar nosso trabalho como professora de Língua Portuguesa

da Educação Básica, assim como o de alunos e professores que possam se interessar pela temática.

1.3 A constituição do *corpus* e procedimentos para seleção dos dados

Para alcançar os objetivos propostos, neste estudo, foi necessário acessar um *corpus de redações* do gênero artigo de opinião de candidatos do vestibular da Universidade XX, os quais se constituíram como nosso material de análise.

O *corpus* foi obtido no banco de redações do vestibular 2016 dessa instituição. Tais redações são elaboradas por candidatos oriundos do primeiro, segundo e terceiro anos do Ensino Médio, e que estão tentando ingressar no Ensino Superior. A escolha deste nível se deu pelo fato de se esperar que, ao final da Educação Básica, o aluno já possua as competências linguístico-discursivas necessárias ao desenvolvimento do discurso argumentativo escrito, demonstre a capacidade de expressar e defenda seus pontos de vista a respeito de um determinado tema, de forma coerente e consistente.

As cinco redações do gênero artigo de opinião que compõem o *corpus* da pesquisa foram coletadas no mês de junho de 2017, após a disponibilização da pasta contendo todas as redações elaboradas pelos vestibulandos para o vestibular 2016.

A pasta de arquivos (intitulada “Redação 2016”) a que tivemos acesso para fins desta pesquisa foi disponibilizada pela coordenação institucional do vestibular, e contém um total de 4692 itens em PDF. Cada item corresponde a uma redação realizada por um candidato e submetida a posterior avaliação dos corretores da banca de redações. As redações contêm um código de sete dígitos a cujo significado não tivemos acesso. Não há marcas dos nomes dos vestibulandos, preservando-se, dessa forma, o anonimato de suas identidades. As redações digitalizadas apresentam a nota, variando de 0 a 60 pontos, atribuída no canto direito superior da imagem. Destaca-se que nesta pasta havia um pouco mais do que um terço das redações escritas nesse vestibular. Portanto, não representa o total das redações, o que não invalida a posterior escolha sobre o quantitativo efetivamente analisado.

É importante ressaltar ainda que a prova de redação traz duas propostas de redação, e que o participante deve optar por realizar uma delas. No ano de 2016, a prova trazia uma proposta para elaboração de uma carta do leitor, para ser publicada na seção de cartas de uma revista de circulação nacional, posicionando-se sobre o tema “ensino domiciliar”. Já a segunda proposta solicitava a escrita de um artigo de opinião, para ser publicado na seção Painel do Leitor de um jornal também de circulação nacional, posicionando-se sobre o tema “exploração do trabalho infantil”. Cada proposta vem acompanhada de um texto, que o vestibulando pode utilizar como apoio para escrever sua redação. Nesses 4692 itens há redações do gênero carta do leitor e do gênero artigo de opinião, além das que foram zeradas por não atingirem o limite de linhas ou por fugirem da temática. Há também a imagem da folha definitiva em branco dos participantes ausentes.

Para selecionar nosso *corpus*, foram vistos os primeiros arquivos da pasta, tomando-se aleatoriamente as redações com notas variando entre 20 e 40 de uma máxima de 60. Tal intervalo de notas foi definido devido ao fato de que a maior parte das redações obtiveram essa pontuação, e, desse modo, entendemos que estaríamos diante de textos que representam o vestibulando médio.

Na sequência, os textos foram impressos para facilitar o manuseio durante a geração e o tratamento dos dados. Foram também digitados no formato *Word*, e nomeados como Redação 1, Redação 2, e assim sucessivamente até a de número 5. A digitação foi realizada para que no momento da categorização das falhas de argumentação e da análise pudessem ser feitos recortes de sequências textuais (ST) com vistas a receberem um tratamento mais específico, sem perder de vista, contudo, a totalidade de cada redação.

1.4 A prova de redação

O manual do candidato do vestibular 2016 disponibilizado aos vestibulandos salienta que a prova de redação desse concurso busca avaliar a capacidade do vestibulando em elaborar redações adequadas aos gêneros solicitados, discorrer sobre um tema proposto, e fazê-lo atendendo às correções gramaticais e ortográficas vigentes, como também visa a mensurar a habilidade “de interagir com o outro, organizar ideias e informações, estabelecer relações, interpretar dados e

fatos e elaborar argumentos a partir de uma situação interativa, o que implica também em processos de leitura.” (UNIVERSIDADE XX², 2015, p. 15).

Nesta perspectiva de avaliação, fica evidente que a prova busca qualificar os textos produzidos levando em consideração que os gêneros do discurso/ texto estão vinculados aos diferentes campos da comunicação humana, constituindo-se como mediadores de inúmeros discursos culturais e sociais, como destaca Bakhtin (2011). Segundo o autor, os gêneros discursivos não são criados pelos falantes em cada momento de comunicação, mas, sim, construídos sócio-historicamente. É importante destacar que os falantes contribuem de forma dinâmica para a manutenção de tais gêneros assim como para a mudança e a constante renovação destes.

Para Bakhtin (2011), os gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados utilizados em determinados contextos, são reflexos de estruturas sociais características de cada cultura. Deste modo, os gêneros são definidos por seus objetivos e

[...] condicionados por fatores (semióticos, sistêmicos, comunicativos e cognitivos); variáveis em contextos discursivos; estão ancorados em alguma situação concreta; estabelecem relações de poder; refletem estruturas de autoridade; são frutos de complexas relações entre um meio, um uso e a linguagem; e são realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas. (SANTOS; HACK. 2009. p. 3)

O estudioso Marcuschi (2003) referenda esta avaliação, pois este salienta ser impossível se comunicar a não ser por meio de algum texto, tratando a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos. Dessa forma,

esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua. [...] É neste contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo. (MARCUSCHI, 2003, p. 3)

Marcuschi, por outro lado, apresenta várias considerações para diferenciar tipo textual (narrativo, descritivo, argumentativo, injuntivo e dissertativo) de gênero textual (poema, receita, bula, fábula, etc).

² A partir de agora utilizamos a denominação “Universidade XX” para nos referirmos à instituição de ensino superior em que se realizou o vestibular, cujas provas de redação estão em análise nesta dissertação.

Buscando avaliar as formas dos candidatos agirem e dizerem sobre o mundo, ao organizar ideias, informações, interpretar dados e fatos e elaborar argumentos sobre determinados temas, a prova traz sempre duas propostas de redação. O vestibulando sempre deve optar por construir sua produção atendendo a umas das propostas. Os gêneros do discurso que foram destacados pelo manual como possíveis de serem solicitados no vestibular 2016 eram: artigo de opinião, carta do leitor e comentário crítico-interpretativo. Nota-se que os gêneros pré-selecionados enquadram-se, segundo Schneuwly e Dolz (2004), dentro da tipologia argumentativa, já que se valem da argumentação para responder a temas controversos ou posicionamentos.

As redações em análise em nossa pesquisa são do gênero artigo de opinião. Tanto para Schneuwly e Dolz (2004), quanto para Köche et al (2010), estes gêneros pertencem à ordem do argumentar, pois o sujeito enunciador assume uma posição a respeito de um assunto polêmico e a defende. No caso da prova da Universidade, o assunto a ser abordado é selecionado previamente pelos organizadores da prova e cada uma das duas propostas apresenta um tema diferente sobre o qual os vestibulandos devem discorrer. Dessa forma,

os temas de redação são acompanhados de uma coletânea de textos extraídos de fontes diversas que apresentam fatos, dados, argumentos e opiniões relacionados com o tema. A coletânea não apresenta a opinião da banca examinadora. São textos como os que estão disponíveis na vida do leitor de jornais, revistas, livros e meio eletrônico. (UNIVERSIDADE XX, 2015, p.15)

O manual ainda destaca que o candidato pode consultar esta coletânea quantas vezes julgar necessário, porém não deve copiar passagens destes textos motivadores, a não ser que os utilize em forma de citação articulada à posição que pretende defender. Tais temas normalmente são atuais e de ordem social, econômica, política ou cultural.

Esse encaminhamento decorre de que tanto na escola quanto em concursos, quando solicitado a realizar um texto de natureza argumentativa, o candidato, conforme esclarece Sousa (2012), deve mostrar ser apto para discorrer e argumentar sobre o tema proposto respeitando os princípios da razão e da ética. Priorizando a questão em debate, os raciocínios e as provas que conduzem à tese

defendida, deixando de lado sentimentos, marcas pessoais e emoções do locutor-autor. Depreende-se da caracterização acima que o argumentar deve ganhar destaque tanto no momento da construção do texto pelo participante, quanto no momento da avaliação.

O guia salienta que os vestibulandos escolham a qual proposta atender, visto que cada proposta é acompanhada

de instruções específicas que delineiam o gênero, com a indicação dos interlocutores aos quais se refere. É preciso que a redação atenda ao gênero discursivo escolhido. Isso implica observar a situação social de produção, circulação e recepção, atendendo ao formato do gênero, ao tema, à interação prevista, ao estilo de linguagem própria do gênero discursivo, aos aspectos textuais, às escolhas lexicais e ao padrão normativo gramatical próprio da variedade linguística usada (UNIVERSIDADE XX, 2015, p. 15).

Tais especificações mais uma vez estão de acordo com as discussões feitas por Bakhtin (2011). Segundo este autor, as dimensões do gênero essenciais e indissociáveis são: os temas, conteúdos ideologicamente formados, que são comunicáveis através dos gêneros e dão a unidade de sentido do texto; a forma composicional pertencente ao gênero, isto é, a organização do texto de um determinado gênero resultante de fatores como as necessidades de interação; as marcas linguísticas ou o estilo do locutor/autor, ou seja, vocabulário, organização sintática, etc. Estes elementos do gênero são determinados pelos parâmetros da situação de produção dos enunciados/textos,

assim, para que os gêneros e os textos sejam compreendidos e produzidos, é preciso que se conheçam os elementos de sua situação de produção. [...] Os elementos essenciais da situação de social mais imediata são os parceiros da interlocução: o locutor e seu interlocutor, ou horizonte/auditório social a que a palavra do locutor se dirige. São as relações sociais, institucionais e interpessoais dessa parceria, vistas a partir do foco da apreciação valorativa do locutor, que determinam aspectos temáticos, composicionais e estilísticos do discurso do texto. (BAUMGÄRTNER; CRUZ, 2009, p. 165)

De acordo com Bakhtin (2011), as condições de produção ainda têm como elementos composicionais: a esfera comunicacional, o papel social dos

interlocutores, o propósito comunicativo do locutor, a percepção dos interlocutores em relação ao referente, o suporte material e o diálogo entre os discursos.

Todos os aspectos mencionados anteriormente são contemplados pela prova de redação da Universidade XX como se pode perceber na figura abaixo, relativas às duas propostas do vestibular 2016 da instituição.

Figura 1 – Proposta 1 de redação do vestibular 2016

PROPOSTA 2

Escreva um **ARTIGO DE OPINIÃO**, para ser publicado na seção Painel do Leitor de um jornal de circulação nacional, posicionando-se sobre a temática contida no texto abaixo.

O amargo gosto do chocolate

A polícia da Costa do Marfim libertou 48 crianças escravizadas, durante uma operação realizada em plantações no cinturão de cacau do país africano e prendeu 22 pessoas acusadas de tráfico humano e exploração infantil, afirmou a Interpol nesta segunda-feira. As prisões fazem parte de uma série de operações planejadas contra o tráfico e a exploração de crianças na África Ocidental, disse a Interpol. Muitas das marcas conhecidas pelos deliciosos e, às vezes, nutritivos chocolates (derivados do cacau) são responsáveis pelo trabalho escravo de centenas de crianças e adolescentes, algumas delas trabalhando nas lavouras há mais de um ano em condições extremas, comprometendo gravemente a sua integridade em todos os sentidos.

(Adaptado de: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/policia-liberta-48-criancas-escravizadas-na-costa-do-marfim.html>, de 23.06.15, acessado em 12.11.15)

Fonte: Universidade XX, 2016. p.14.

Figura 2 – Proposta 2 de redação do vestibular 2016

PROPOSTA 1

Escreva uma **CARTA DO LEITOR**, para ser publicada na seção de cartas da Revista Superinteressante, posicionando-se sobre a temática contida no texto abaixo.

Ensino domiciliar

Cerca de 2.500 famílias brasileiras instruem os filhos fora das salas de aula - e fora da lei. Muitos deles são adeptos do *unschooling*, movimento que quer mais do que tirar as crianças de dentro da escola: o objetivo é tirar a escola de dentro de alunos, pais e mestres.

"Minha filha não sabe o que é ser obrigada a acordar cedo, colocar uma mochila nas costas, estudar o que um professor decidiu que ela deveria saber e ter de fazer uma prova para mostrar do que é capaz", conta Cleber Nunes sobre a filha Ana, de 8 anos. "Nessa idade, o único compromisso de uma criança é brincar. Ela aprende só o que acha interessante. E, mesmo assim, fazemos com que isso faça parte da brincadeira. Sem agenda. Sem ritmo". O que Cleber ensina neste depoimento é o princípio do *unschooling* - desescolarização, em tradução livre - prática que consiste em expor a criança ao mundo, perceber seus interesses e facilitar para que cada situação seja uma chance de aprendizagem. Tudo isso fora da escola - e da lei. No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) afirma ser dever dos pais ou responsáveis matricular os menores na rede regular de ensino a partir dos 4 anos.

*Veja quais são os países com mais estudantes caseiros:**

EUA: 2 milhões

África do Sul: 150 mil

Rússia: 70 a 100 mil

Reino Unido: 20 a 100 mil

Canadá: 80 a 95 mil

França: 12 a 23 mil

**Fonte: Associação de Defesa do Ensino Domiciliar (HSLDA), EUA.*

(Adaptado de Camila Matos, Revista Superinteressante, ed. 348, jun./2015).

ATENÇÃO:

Sua carta deve ter, no mínimo, 20 linhas escritas.

Assine sua carta como João ou Maria.

Fonte: Universidade XX, 2016, p.15.

Nas propostas há a presença de: esfera comunicacional, meio jornalístico; o papel social dos interlocutores, leitor da revista Superinteressante e leitor de um jornal de circulação nacional que assumirá papel de locutor; o propósito comunicativo, posicionar-se sobre as temáticas contidas nos textos motivadores; suporte material, seção cartas da Revista Superinteressante e Painel do Leitor de um jornal de circulação nacional; a percepção do interlocutores, por meio da correção da banca, a fim de verificar se o candidato foi convincente em seus posicionamentos e o diálogo entre os inúmeros discursos que se efetiva pelos candidatos no momento da criação de seus textos, ao abordar o tema, trazendo informações, fatos e argumentos de diferentes esferas para defender seu posicionamento.

Ainda sobre a proposta de redação exposta nos vestibulares, Oliveira (2010) destaca que, para se avaliar a propriedade de um tema para a produção de um texto, deve-se: 1º existir um razoável nível de especificidade, evitando temas vagos; 2º ser atual; 3º provocar debates fora do contexto escolar, ou seja, não ser de consenso; 4º não necessitar de conhecimentos especializados; 5º ser apresentado de maneira aberta, sem que a banca tome antecipadamente uma posição a respeito.

Os quesitos apresentados por Oliveira (2010 *apud* Alves, p.48, 2013) possibilitam perceber o quanto uma produção pode ser influenciada pela organização da proposta dada ao vestibulando. Com base nos critérios apresentados pelo autor, passamos agora a mais uma rápida apreciação da proposta que originou os textos analisados em nossa pesquisa.

A proposta dos textos analisados foi a seguinte: “Escreva um artigo de opinião, para ser publicado na seção Painel do Leitor de um jornal de circulação nacional, posicionando-se sobre a temática contida no texto abaixo.” Assim na sequência à proposta encontrava-se a notícia intitulada “O amargo gosto do chocolate” que versava sobre uma operação realizada pela Interpol na Costa do Marfim. Tal operação havia tido como objetivo a apreensão de pessoas acusadas de tráfico humano e de exploração infantil bem como a libertação de crianças escravizadas em plantações de cacau do país africano. Essa notícia havia sido publicada no site G1 no dia 12 de novembro de 2015.

Confrontando a proposta com os critérios expostos por Oliveira (2010 *apud* Alves, p. 48, 2013), nota-se que:

- a) O debate proposto é de certo modo específico, porém, alguns candidatos podem inferir que se deve falar somente sobre a prática de exploração de mão de obra infantil ou trabalho escravo em países africanos ou na área de exploração do cacau e produção do chocolate;
- b) O tema proposto é atual, considerando a data da notícia que demonstra ainda ser comum a prática de trabalho escravo e exploração infantil em determinados lugares do mundo;
- c) Não se trata de uma questão consensual à sociedade, visto que há a prática por muitos empregadores e a submissão ou desconhecimento de muitos trabalhadores/crianças exploradas;
- d) Ao versar sobre o tema é preciso algum conhecimento sobre, a fim de não apenas discorrer sobre lugares-comuns. Era preciso saber o que caracteriza a exploração infantil, o trabalho escravo, os âmbitos em que mais acontece, uma noção de legislação e regulamentações em vigor em relação à temática, as consequências de praticar a exploração, como realizar a identificação e não contribuir para sua continuidade ao comprar os produtos oriundos de mão de obra explorada, etc.
- e) Quanto ao 5º critério, salienta-se que a proposta já pré-determina o posicionamento do candidato ao apresentar um único texto sobre o tema, demonstrando que o trabalho escravo é algo reprovável, inclusive porque fere a Declaração dos Direitos Humanos. Ou seja, o candidato deve-se posicionar contra a prática apresentada na temática.

O tutorial do concurso disponibilizado pela instituição aos candidatos ainda disponibiliza quais os critérios de correção a que as redações são submetidas. Segue imagem destes expostos na tabela abaixo.

Figura 3 – Critérios de correção das redações

Objeto de Análise	Composição do Gênero	Elementos de Análise
Gênero Discursivo	1. Situação Social de Produção (30)	1.1) Abrange satisfatoriamente o tema?
		1.2) a) Atende à necessidade de interação prevista (com quem, para quem, o que, quando, onde), de acordo com o contexto de produção, circulação, recepção? b) Atende ao gênero solicitado?
		1.3) Expressa o domínio da linguagem do gênero (narrar, relatar, argumentar, expor, descrever ações, etc.?)
	2. Aspectos Textuais (20)	2.1) Coerência: o texto revela articulação, não contradição, progressão, dentre outros pontos?
		2.2) Coesão: há um domínio adequado dos mecanismos de coesão referencial (pronominal) e sequencial (conjuntiva)?
	3. Uso da Norma Culta (10)	3.1) Concordância (verbal e nominal); Regência (verbal e nominal); Conjugação verbal; Pontuação; Aspectos Ortográficos, etc.

Fonte: Universidade XX, 2015, p.16.

A instituição ainda adverte que são desclassificadas as redações que apresentarem menos de 20 linhas, não atenderem ao gênero solicitado, fugirem à temática, apresentarem acentuada desestruturação, trazerem letra ilegível ou feita em forma de desenhos, números, espaçamentos fora do normal entre palavras ou na disposição do texto no papel, estiverem escritas a lápis na versão definitiva, não estiverem na folha de versão definitiva ou escrita em língua vernácula.

1.5 Horizonte espacial comum dos interlocutores envolvidos na interação mediada pelo artigo de opinião

Em relação ao horizonte espacial comum dos interlocutores envolvidos nessa interação mediada pelo artigo de opinião, que é o gênero a que foram submetidas as produções que analisamos em nossa pesquisa, temos o candidato que se encontra em uma sala de aula de um estabelecimento de ensino. O vestibulando está fazendo o concurso e busca seu ingresso em um dos cursos oferecidos por essa instituição de ensino superior.

Na interação temos os seguintes interlocutores:

1) a própria Universidade, interagindo com o candidato através do caderno de provas, que contém as orientações gerais sobre a prova de redação e as duas propostas apresentadas. Uma proposta é referente à produção de uma carta do leitor sobre o tema “Ensino domiciliar” e outra à produção de um artigo de opinião sobre a temática da “Exploração do trabalho infantil”. Ambas vêm acompanhadas por um texto que deve subsidiar a produção da redação.

2) ao fazer a opção pela proposta 2 (artigo de opinião), existem outros interlocutores, conforme a cena projetada pelos organizadores da prova de redação, que são: os avaliadores do jornal, pelos quais o texto passará para provável publicação, e os leitores deste jornal de circulação nacional. Para tal proposta, como exposto na figura 2 da seção anterior, apresenta-se uma notícia adaptada publicada no Jornal Globo em 23 de junho de 2015, cujo título é “ O amargo gosto do chocolate”, em que se fala sobre uma operação da polícia da Costa do Marfim que libertou 48 crianças escravizadas em plantações do cinturão de cacau do país e prendeu 22 pessoas acusadas de tráfico humano e exploração infantil, segundo a Interpol. A notícia salienta que muitas das famosas marcas de chocolate conhecidas por seus deliciosos produtos são responsáveis pelo trabalho escravo de centenas de crianças e adolescentes que trabalham em condições extremas, o que prejudica suas integridades. Anteriormente ao excerto da notícia, o interlocutor 1 dá o comando: “Escreva um **ARTIGO DE OPINIÃO**, para ser publicado na seção Painel do Leitor de um jornal de circulação nacional, posicionando-se sobre a temática contida no texto abaixo.”

3) Por outro lado, o interlocutor real, aquele que de fato irá ler o artigo escrito pelo candidato, é constituído por um grupo de professores de Língua Portuguesa, atuantes no Ensino Superior, que formam a Comissão Permanente de corretores de redação da Universidade.

Dessa forma, neste horizonte espacial comum situam-se o vestibulando; o corpo editorial do jornal de circulação nacional que decidirá se o artigo é bom o suficiente para receber uma publicação e que jamais interagirão com o produtor do artigo; os possíveis leitores deste jornal; e o interlocutor real que tem como função corrigir várias redações e atribuir-lhes uma nota baseado nos critérios de correção da prova.

Como frisam Baumgärtner e Cruz (2009), o lugar que os interlocutores ocupam na sociedade também é parte importante desse horizonte.

O locutor (vestibulando) é alguém que deseja ingressar num curso superior, pelas mais diversas razões, e possivelmente por que a sociedade (família, amigos, ex-professores, etc.) espera isso dele. A aprovação no vestibular se constitui como uma espécie de passaporte para ascensão social, e de coroamento, resultante dos esforços empreendidos pelo próprio vestibulando, bem como pelas

instituições sociais das quais foi/é parte. [...]Num contexto mais amplo, poderíamos dizer que estamos diante de um sujeito que busca seu acesso numa IES pública, num país em que grande parte dos alunos que concluem o Ensino Médio não consegue ingressar num curso superior, nessas instituições, por falta de vagas. (BAUMGÄRTNER; CRUZ, 2009, p. 173-174)

O interlocutor fictício ocupa papel de membro do corpo editorial do jornal o que implica ter formação superior e conhecimento de vários temas relacionados à sociedade, atualidades, história e cultura. Tal fato implica por parte do candidato seleções e tomadas de decisão quanto a “o quê”, “como” dizer e que estilo adotar. O mesmo vale para os possíveis leitores, já que é preciso adotar uma linguagem ao mesmo tempo acessível e cuidada.

Por fim, quanto ao interlocutor real, nesta situação de interação, os professores de língua portuguesa e corretores das redações, já formados no Ensino Superior (público ou privado) e na área. Neste momento, estes corretores têm

[...] o papel de dizer se o texto do vestibulando atende ao solicitado, ou não, do que decorrerá a nota que lhe será atribuída na prova de redação, a qual, junto com as notas obtidas nas demais provas do vestibular, comporão o desempenho do candidato, conforme o qual será aprovado no vestibular, ou não. (BAUMGÄRTNER; CRUZ, 2009, p. 174)

Baumgärtner e Cruz (2009) salientam que, no quesito avaliação dessa situação, temos uma relação assimétrica entre locutor e interlocutor real, já que há uma hierarquia social entre eles. De um lado temos os professores/corretores que sabem e cujo conhecimento não está à prova, e de outro temos os vestibulandos que sabem, ou não, e que precisam demonstrar o quanto sabem através da produção da redação.

1.6 Seleção e tratamento dos dados

Os dados para análise foram gerados por meio do rastreamento que realizamos nas cinco redações que compõem o *corpus*, buscando ocorrências em que houve alguma sequência argumentativa com problemas na sua elaboração. Antes da identificação das ocorrências analisadas, fizemos uma seleção aleatória no banco de redações disponibilizado. Dois critérios foram utilizados para fazer a

separação dos textos que comporiam o *corpus* neste momento: serem textos do gênero artigo de opinião e apresentarem notas entre 20 e 40 pontos. Posteriormente, cada artigo de opinião selecionado foi numerado de 1 a 5 e fielmente digitado em arquivo *word* mantendo a grafia original do vestibulando. Digitamos os textos, a fim de facilitar a exposição dos dados no momento da análise.

No primeiro momento o objetivo foi verificar se havia alguma falha de argumentação. Após essa fase de identificação, passamos ao uso de procedimentos por meio dos quais pudéssemos analisar os tipos de falhas encontradas.

Os procedimentos que elaboramos para a identificação de falhas na argumentação em cada texto em análise compreenderam:

- a) Identificação da tomada de posição (tese);
- b) Identificação dos argumentos utilizados;
- c) Classificação dos tipos de argumentos identificados;
- d) Análise da adequação (ou inadequação) dos argumentos em relação à tese;
- e) Identificação de falhas na argumentação;
- f) Categorização dos tipos de falhas encontradas;

Para facilitar a compreensão e a interpretação dos dados analisados, realizamos no capítulo dedicado à interpretação dos dados, a amostra das etapas de identificação, categorização e análise das ocorrências. Desse modo, expomos a transcrição das redações do *corpus* e destacamos onde se encontram a tese e os argumentos utilizados. Em seguida, classificamos os tipos de argumentos, realizamos comentários sobre a adequação e/ou inadequação destes e categorizamos os tipos de falhas encontrados.

Após expor detalhadamente o tratamento dos textos e de analisá-los, demonstramos os dados identificados em quadros e tabelas, com o intuito de compararmos os tipos de argumentos e as falhas mais recorrentes. Assim, primeiramente, há um quadro com as teses identificadas em cada texto e comentários sobre o posicionamento assumido. Em seguida, expomos uma tabela que demonstra a posição em que a tese apareceu nos textos, isto é, se esta encontra-se na introdução, no desenvolvimento ou na conclusão.

Na sequência, os argumentos identificados são demonstrados em outro quadro. Na sua primeira coluna, há a transcrição dos argumentos, e posteriormente,

na segunda coluna, os classificamos. Ao finalizar, reunimos as falhas e expomos a última tabela na qual contabilizamos a ocorrência destas no *corpus*, seguidos de comentário geral sobre os dados analisados.

2 O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO E SUAS CONFIGURAÇÕES ARGUMENTATIVAS

Esta pesquisa tem como pressuposto básico a ideia de que a linguagem é sempre argumentativa, visto que todo texto traduz um posicionamento ideológico, apresenta um objetivo de comunicação e visa produzir efeito no seu interlocutor, sendo assim, está fundamentada em estudos anteriores, tais como: Ducrot (1987, 2009), Garcia (1989), Savioli e Fiorin (1992), Marcuschi (2001, 2003, 2008), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Koch (2009, 2010), Köche et al (2010), Viana (2010), Koch e Travaglia (2011, 2003), Sousa (2012), Carel e Ducrot (2013), Záttera e Baumgärtner (2015). Antes de tratar deste caráter argumentativo da língua, dedicamos a seção 2.1 desta dissertação para, por meio de revisão de literatura, refletir sobre a noção de gêneros do discurso. Para isso utilizamo-nos de estudos de Bakhtin/Voloshinov (1981), Rodrigues (2000, 2001), Marcuschi (2003), Baumgärtner e Cruz (2009) e Bakhtin (2011), entre outros. Dando sequência à discussão, na seção 2.2 discorreremos sobre a argumentação e sua importância na comunicação escrita e oral.

2.1 Os gêneros do discurso

Bakhtin e Voloshinov (1981) salientam que a língua e a comunicação apresentam certos princípios, como: toda produção ideológica é de natureza semiótica; os signos-ideias surgem da interação social e estão condicionados a ela, por isso sempre o que dizemos procede de alguém para outro; e todo discurso interior apresenta um caráter social, semiótico e dialógico. Desta forma, a comunicação mediada pela linguagem não está descolada do social, sendo as enunciações determinadas pelas formas de organização e pelos lugares sociais que os interlocutores ocupam em diferentes instituições, situações, ambientes e ideologias que nestes circulam.

Bakhtin (2011) afirma que toda atividade humana está ligada ao uso da linguagem, usos que apresentam características diferentes em cada área, e esses empregos dão-se através de enunciados orais e escritos, concretos e únicos. Únicos não só porque refletem as condições e as finalidades de cada campo da atividade,

mas também por seu conteúdo, pelo estilo da linguagem adotada (palavras selecionadas, estruturas sintáticas, etc) e sua construção composicional. A esses enunciados particulares dá-se o nome de gêneros do discurso determinados pelos campos de utilização da língua. O pesquisador russo destaca que

a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica em determinado campo. (BAKHTIN, 2011, p.262)

Desta forma, os gêneros são criados pela sociedade e funcionam como mediadores entre locutores e interlocutores. Sendo formas relativamente estáveis e, portanto, não fixas, uma vez que assim como as atividades humanas estão em constante transformação, podemos notar no decorrer da história o surgimento de novos gêneros ou até mesmo adaptação de gêneros já existentes, como, por exemplo, a carta que ganhou algumas novas características e perdeu espaço significativo para o e-mail que por sua vez manteve características do gênero anterior.

Bakhtin menciona a existência de uma enorme heterogeneidade dos gêneros discursivos e uma dificuldade em determinar a natureza geral do enunciado. Tal heterogeneidade decorre justamente das inesgotáveis possibilidades da multiforme atividade humana. Ao fazer uma categorização, o autor apresenta a seguinte distinção: gêneros primários e gêneros secundários e os define da seguinte forma:

[...] Os gêneros discursivos secundários (complexos- romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições de comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios: por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano ou da carta no romance, ao manterem sua forma e o significado cotidiano apenas no plano do conteúdo romanesco, integram a realidade concreta apenas através do conjunto do romance, ou seja, como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana. No seu conjunto o romance é um enunciado, como a réplica do diálogo cotidiano ou uma carta privada (ele tem a mesma

natureza dessas duas), mas a diferença deles é um enunciado secundário (complexo). (BAKHTIN, 2011. p. 263-264)

De acordo com Bakhtin (2011), os gêneros são constituídos de tema (sentido, conteúdo dos enunciados), de composição (organização de cada gênero) e estilo (escolhas gramaticais pelo falante, etc.). Tais gêneros ainda refletem as mudanças que decorrem na vida social, sendo, como o próprio estudioso diz, correias de transmissão entre a história da sociedade e história da linguagem, visto que todo fenômeno novo em nível linguístico integra o sistema da língua só após ter percorrido um caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos.

Deste modo, os enunciados/gêneros do discurso definem-se por suas relações sócio-ideológicas situadas. Assim o que caracteriza o enunciado e determina sua forma de composição e estilo são as relações sócio-ideológicas da situação de produção e a relação com outros enunciados já ditos ou a serem produzidos.

Para Rodrigues (2000), os enunciados funcionam ainda como variedades de intercâmbio linguístico que correspondem a diferentes situações em distintas esferas sociais que apresentam seus gêneros próprios, como as esferas: de negócios (ex: contrato); cotidiana (ex: bilhete); religiosa (ex: sermão); científica (ex: seminário); jurídica (ex: decreto); jornalística (ex: artigo); escolar (ex: provas); artística (ex: teatro); literária (ex: conto), etc. Neste sentido cada esfera particulariza seus gêneros e apresenta características específicas para estes, segundo as condições, as temáticas do meio e a função discursiva. Tais características se manifestam, conforme a autora, na abordagem do tema; nas relações dialógicas (pois cada enunciado é uma relação na comunicação, visto que constrói-se a partir de enunciados já ditos ou que serão produzidos e levados em conta pelo falante); concepção de autor e destinatário; e estilo, estando vinculado ao enunciado, como único e individual apresentando marcas pessoais; e ao gênero, visto que existem gêneros que permitem um estilo mais pessoal, como os literários, e outros de forma mais padronizada, como os do nível administrativo.

Bakhtin, segundo Machado (2010), destaca ainda que no circuito de responsabilidade falante e ouvinte não são papéis fixos, mas sim resultantes das mobilizações presentes nos processos discursivos da enunciação, ou seja, estas posições são intercambiáveis, já que falante pode transformar-se em ouvinte em

determinadas situações de comunicação ou até mesmo naquela em que já era locutor. Para o estudioso russo os processos interativos nos quais os gêneros discursivos estão inseridos são essenciais, pois os gêneros são formas comunicativas que não são adquiridos em manuais, e sim na interação entre locutores e interlocutores:

a língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não os conhecemos por meio dos dicionários ou manuais de gramática, mas sim graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação discursiva efetiva com as pessoas que nos rodeiam. (BAKHTIN, 1982 apud MACHADO, 2010, p. 157)

Dessa forma, quanto maior o conhecimento dessas formas discursivas maior será a liberdade de uso dos gêneros que devem ser pensados sempre dentro da dimensão espaço-temporal, por serem, como destaca Machado (2010), dispositivos de organização, troca, divulgação, armazenamento, transmissão e de criação de mensagens em contextos culturais específicos. Quanto maior o conhecimento das formas, maior o domínio dos gêneros, conforme Bakhtin, não há transferência de conhecimentos de gêneros, já que mesmo dominando alguns pertencentes a determinadas esferas, pode demonstrar dificuldades de interação em outras situações e esferas. Neste caso o problema pode estar relacionado ao desconhecimento das características específicas do gênero daquele tipo de interação.

Rodrigues (2000) comenta que, ao fazermos analogia com estas dificuldades de interação em certas situações, um dos fatores para o bom desempenho linguístico-discursivo nas diferentes áreas de interação depende da compreensão e do domínio dos gêneros que circulam em cada esfera. Ao fazermos esta transposição de raciocínio para a educação ou para a instituição escolar, meio em que o aluno tem acesso a inúmeros gêneros e que tem como uma das funções possibilitar aos alunos acesso a diferentes esferas da sociedade, nota-se a necessidade de criação e implantação de um projeto pedagógico para a produção escrita. Como enfatiza Rodrigues (2000), deve-se orientar (sem excluir os demais gêneros orais) para aqueles gêneros cujo domínio é necessário para o bom desempenho escolar e para a plena participação na vida social pública.

Ainda sobre a abordagem dos gêneros como práticas sócio-históricas, Marcuschi (2003) enfatiza que nas últimas décadas presenciamos uma explosão de novos gêneros e formas de comunicação, tanto na oralidade quanto na escrita, que isto é revelador do fato de que

os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas. Quase inúmeros em diversidade de formas, obtêm denominações nem sempre unívocas e, assim como surgem, podem desaparecer. (MARCUSCHI, 2003, p. 1)

Marcuschi compartilha da posição de Bakhtin (2011) de que é impossível o ser humano se comunicar a não ser por meio de gêneros textuais. Seguindo assim uma visão, tal qual o autor russo, de língua como atividade social e histórica. Nesta visão de língua os gêneros textuais/discursivos caracterizam-se “como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo” (MARCUSCHI, 2003, p.3), fazendo com que os participantes das interações contribuam para a constituição do mundo de alguma maneira.

2.2 O gênero artigo de opinião

Esta seção traz algumas considerações sobre o gênero textual/discursivo artigo de opinião. Esta explanação é necessária, visto que os textos analisados em nossa pesquisa se enquadram neste gênero.

Na visão de Schneuwly e Dolz (2004), os gêneros textuais são agrupados em cinco tipologias: a do narrar, a do relatar, a do argumentar, a do expor e a do descrever. Para os autores essas tipologias devem ser consideradas no ensino de língua e de produção textual.

Desse modo na classificação dos autores suíços a tipologia do narrar caracteriza-se pelo contar ou imaginar histórias. A tipologia do relatar é aquela em que existe a descrição de acontecimentos vividos. A que tem como característica principal a tomada de posição diante de temas, buscando sustentar a opinião

defendida, refutando a opinião dos demais, negociando e tentando convencer o interlocutor de que o posicionamento defendido é o melhor julgamento, é a tipologia do argumentar. Já a tipologia do expor caracteriza-se por registrar e demonstrar conhecimentos e saberes, obtidos por meio de pesquisas ou estudos. Por fim, a do descrever define-se como aquela que descreve ações que devem ser realizadas, dá instruções e faz prescrições.

Marcuschi (2003) destaca que tipo textual é a expressão utilizada para designar uma construção teórica determinada pela natureza linguística da composição (características de léxico, de sintaxe, de tempos verbais e de relações lógicas).

Marcuschi (2003) e Schneuwly e Dolz (2004) demonstram que cada tipo textual agrupa diversos gêneros textuais, baseado em seus aspectos principais. Assim, na tipologia do narrar enquadram-se gêneros como: contos, fábulas, romances, etc. Na do relatar, notícias, relatos de viagem, relatos de experiência, etc. Em argumentar, artigos de opinião, cartas do leitor, debates, etc. Em exposição, conferências, seminários, artigos científicos, etc. E, na do descrever, gêneros, como: receitas culinárias ou médicas, manuais de instrução, regras de jogo, etc.

Mas é importante salientar, tal qual fazem Schneuwly e Dolz (2004) e Marcuschi, que os tipos textuais podem aparecer em maior ou menor incidência em um gênero textual. Deste modo, em um conto encontra-se predominantemente a narração, porém, também pode-se encontrar trechos em que há personagens debatendo sobre assuntos, isto é, argumentando ou expondo informações. A esse fato Marcuschi (2003) dá o nome de gênero tipologicamente variado. Neste sentido, muitos textos são heterogêneos na questão de tipologia, mas, pelo papel dos segmentos na organização do texto de um tipo em maior grau, recebem um enquadramento em um dos cinco tipos destacados pelos autores.

Segundo Marcuschi (2003), os gêneros são definidos a partir de critérios de ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade. Sendo entidades comunicativas “[...] de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos.” (MARCUSCHI, 2003, p. 5)

Por esse ângulo, o gênero artigo de opinião enquadra-se na tipologia do argumentar, devido às características que lhe são particulares:

[...] discussão de assuntos ou problemas sociais controversos, buscando chegar a um posicionamento diante deles pela sustentação de uma ideia, negociação de tomada de posições, aceitação ou refutação de argumentos apresentados. O discurso argumentativo presente no artigo de opinião tem como finalidade a persuasão ou o convencimento do interlocutor, com a intenção de que ele compartilhe uma opinião ou realize uma determinada ação. (UBER, 2008, p. 4)

As características do artigo de opinião evidenciam o motivo da sua classificação na ordem do argumentar, visto que carrega características de convencimento de espíritos, como demonstrado pelos estudiosos da Retórica na discussão do que é argumentar.

Rodrigues (2000), ao enunciar que o sucesso do aluno na escola passa pelo domínio dos gêneros considerados como objetos de aprendizagem, salienta que os projetos pedagógicos para o ensino da produção escrita devem orientar-se para o domínio dos gêneros, a fim de que exista plena participação na vida social pública, já que toda atividade de comunicação se efetiva por meio de gêneros discursivos. Deste modo a pesquisadora atenta-se para o fato de que a proposta para o ensino da produção escrita de sucesso é aquela que aponta para a elaboração de agrupamentos de gêneros, entre os quais emergem os gêneros da esfera jornalística, pois estes marcam “[...] a força político-ideológica que essa instituição exerce na conjuntura social atual”. (RODRIGUES, 2000, p. 213)

Destaca-se que o artigo de opinião é um gênero da esfera jornalística. Este circula na TV e principalmente em jornais, revistas e Internet. Nos artigos os locutores/autores versam sobre temas controversos, a fim de exigir uma tomada de posição dos leitores, ouvintes, internautas ou espectadores. Deste modo, o produtor desse gênero apresenta seu ponto de vista sobre o tema, como por exemplo: corrupção na política, aborto, aquecimento global, exploração de mão de obra infantil, adoção, etc, expondo suas ideias na versão escrita, utilizando-se de argumentos, sustentados por dados, citações, estatísticas, informações, com a intenção de convencimento. No momento em que o produtor do artigo, sendo adulto, um estudante, ou um vestibulando, estabelece esse posicionamento em seu artigo de opinião, participa ativamente da vida social pública, mesmo que seja ao expressar seus pontos de vista para um leitor hipotético, como é o caso do

vestibulando e na maior parte das produções dos estudantes que escrevem para interlocutores fictícios citados nas propostas de produção nas aulas de produção ou nas de redação dos concursos.

Ainda para Rodrigues (2000)

a entrada dos diferentes gêneros jornalísticos na escola como objetos de ensino/aprendizagem encontra seu respaldo na necessidade de compreensão e domínio dos modos de produção e significação dos discursos da esfera jornalística, criando condições para que os alunos construam os conhecimentos linguísticos-discursivos requeridos para a compreensão e produção desses gêneros, caminho para a cidadania que passa pelo posicionamento crítico diante dos discursos. (RODRIGUES, 2000, p. 214)

Conforme Melo (1994 apud Rodrigues, 2000, p. 215), o gênero artigo de opinião situa-se no âmbito dos gêneros opinativos na área do jornalismo, juntamente com gêneros como editorial, resenha, carta, etc.

Uma importante questão sobre a entrada do gênero artigo de opinião como objeto de aprendizagem na escola é realçada por Rodrigues (2000). Para a estudiosa o ensino deste gênero possibilita ir além do ensino da construção do discurso argumentativo, pois adquire uma dimensão pedagógica especial para as classes excluídas, já que permite a estas condições de interação discursivas nas diferentes esferas sociais em uma sociedade marcada pela divisão de classes. Isto decorre do fato de que nos comunicamos, segundo Bakhtin (2011), unicamente por meio de gêneros discursivos, assim o domínio destes pelos indivíduos de classes excluídas permite modificações nas relações sociais estabelecidas.

Rodrigues (2000) destaca como uma das características do artigo de opinião a heterogeneidade de gênero, já que na sua composição podem ser encontrados fragmentos de textos de outros gêneros, como por exemplo relatos usados como estratégia discursiva de sustentação da argumentação.

Além disso, cada articulista, ao expor suas opiniões, traz para o texto vozes de outras leituras já realizadas e expõe suas posições adotando um estilo próprio de escrever seus textos. Para isso, aciona recursos na construção de seu discurso. Além disso, Uber (2008) aponta que o uso de certos tempos verbais, de advérbios, de questionamentos, de palavras enfatizadas, de conjunções e modalizadores atuam no texto indicando a intencionalidade do autor e seu estilo.

De acordo com Rodrigues (2000), ao escrever um artigo de opinião o produtor deve: a) colocar-se discursivamente como autor; b) construir a imagem dos interlocutores e de suas possíveis opiniões sobre o tema; c) considerar o lugar e o momento social de onde se fala; d) estabelecer seu posicionamento; e, por fim, e) estabelecer uma relação de posicionamento entre o tema enunciado e os outros discursos sobre o mesmo tema.

Quanto à estrutura do artigo de opinião, existem várias maneiras de organizá-lo, no entanto, alguns elementos são gerais, como: contextualização do que será discutido no texto; marcação do posicionamento do autor; utilização de argumentos para fundamentar a visão; antecipação de possíveis argumentos contrários à posição adotada, a fim de evitar lacunas para a possibilidade de contra argumentação dos prováveis leitores para a não adoção do posicionamento expresso; utilização de argumentos para negar a opinião contrária; retomadas de visão assumida e conclusão. Dessa maneira, tentaremos buscar nas redações analisadas aspectos dessa organização.

2.3 O que é argumentar?

A argumentação vem sendo tema de reflexão desde Aristóteles até estudos discursivos atuais. Tal fato nos levaria a crer que essa temática já foi totalmente compreendida e, portanto, esgotada. No entanto, não é este o quadro que encontramos, já que muitas vertentes do tema ainda não receberam o devido tratamento ou nem foram pesquisadas. O ambiente escolar, para o qual se volta esta pesquisa, é um dos espaços, em especial, onde percebemos as maiores dificuldades de compreensão sobre o que é argumentar com eficácia. Assim, temos baixo desempenho dos estudantes no momento de elaborarem a escrita argumentativa tanto no ambiente escolar como quanto são expostos a avaliações para aceder à universidade, já que os resultados de muitos vestibulares e concursos não são satisfatórios no que tange à produção da redação. Tal ineficiência foi notada por Magalhães (2013) em pesquisa sobre a argumentação em redações escolares.

A argumentação está presente em todas as atividades comunicativas. Desta forma, faz parte da rotina dos falantes de qualquer língua que se valem dela para atingir seus objetivos comunicativos. Destarte, a argumentação está intrinsecamente

ligada à linguagem, visto que, quando interagimos utilizando a língua, temos sempre objetivos, efeitos que pretendemos causar, relações que buscamos estabelecer, a fim de atuar sobre o interlocutor para obter respostas e reações. Nessa perspectiva, por meio da argumentação pode-se balizar a interlocução, de modo a direcionar a interpretação do interlocutor.

Para Ducrot (1987), a argumentatividade está inscrita na própria língua, e qualquer língua apresenta em sua estrutura elementos que possibilitam indicar a orientação argumentativa das declarações faladas ou escritas. Esses elementos são categorizados como marcas linguísticas da enunciação, da argumentação, ou de modalizadores.

Por outro lado, ao passarmos esse conhecimento para um nível mais formal e escrito, surgem muitas dificuldades, como destaca Magalhães (2013), e esta é uma habilidade, cujo desenvolvimento ocorre, principalmente, nos anos de escolaridade da Educação Básica. Na direção do que apontamos acima, Magalhães (2013) ainda salienta que, infelizmente, ao analisar redações produzidas para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), concursos de vestibulares e até mesmo dentro de sala, nota-se que muitos alunos que estão nos anos finais da Educação Básica ou já a concluíram, apresentam sérios problemas em relação à produção textual e à efetiva argumentação, dessa forma, tais problemas mostram-se como desproporcionais ao nível de escolaridade já alcançado.

Ao considerarmos a visão de argumentatividade da língua exposta por Ducrot (1987) e as deficiências demonstradas por Magalhães (2013), fica mais evidente a necessidade de promover nas escolas o desenvolvimento da capacidade de refletir e analisar de maneira crítica sobre a utilização da língua como forma de interação e comunicação, para que os alunos/falantes/agentes/escritores se tornem capazes de compreender, analisar, interpretar, agir e produzir textos orais e escritos eficazes. Todavia, o que ocorre atualmente em relação ao ensino da argumentação parece não atender satisfatoriamente a esse objetivo.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) destacam que o mínimo indispensável à argumentação parece ser a existência de uma linguagem em comum, de uma técnica que possibilite a comunicação. Neste sentido, em seu “Tratado de Argumentação: a nova retórica”, os autores salientam que para argumentar é preciso estar atento à adesão do interlocutor ao seu consentimento, pensando sempre nos

argumentos que podem influenciá-lo, já que não é suficiente falar ou escrever, é preciso ainda ser ouvido e ser lido e receber o sinal de que há disposição a aceitar ou analisar os diferentes pontos de vista a serem apresentados.

Assim “para que uma argumentação se desenvolva, é preciso, de fato, que aqueles a quem ela se destina lhe prestem alguma atenção” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 20), por isso é essencial que os enunciados argumentativos não apresentem falhas, pois só desta maneira é que será possível manter a atenção do leitor/ouvinte, e haverá mais chances de convencê-lo, ou seja, de atender, desta forma, o objetivo da argumentação eficaz destacado pelos autores, que é obter a adesão do maior número daqueles a quem se dirige de maneira que desencadeie a ação pretendida ou crie neles a disposição para a ação que se demonstrará em determinado momento.

Ducrot (1987), por sua vez, em sua “Teoria da Argumentação na Língua”, destaca que o sentido de um enunciado deve ser mensurado com base na projeção que ele opera na situação de comunicação, já que a argumentação é uma propriedade inscrita na língua, presente em todos os enunciados em maior e menor grau, e não só técnicas discursivas ativadas com o intuito de convencer ou persuadir o leitor ou ouvinte. Assim a perspectiva de Ducrot se distancia da perspectiva retórica de argumentação.

Já Koch (2009) salienta que ao ato de argumentar subjazem ideologias, pois ao nos expressarmos orientamos o discurso para determinadas conclusões. A estudiosa adota a posição de que

[...] a argumentação constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso, já que a progressão deste se dá justamente por meio das articulações argumentativas, de modo que se deve considerar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem o texto como fator básico não só de coesão, mas principalmente de coerência textual. (KOCH, 2009, p. 21)

Nesse sentido a coerência e a coesão textual dependem das relações argumentativas para se estabelecerem, dado que aquela é definida como a relação de sentido que se estabelece entre conceitos, situações, fatos, afirmações e ideias no texto; e esta caracteriza-se como a manifestação linguística da coerência, ao se efetivar nas relações entre os elementos dos enunciados como: artigos, pronomes,

adjetivos, conjunções, advérbios, entre outros. Segundo Koch (2009), o texto é coerente para os sujeitos em determinadas situações de comunicação. Por consequência, para construir a coerência deve-se levar em conta os elementos linguísticos que formam o texto, bem como o conhecimento enciclopédico, crenças, convicções, pressuposições e contexto sociocultural.

Como já dito, o indivíduo se vale do discurso para influenciar o outro, visando que ele adote a mesma opinião ou atitude. Para isso, segundo Koch (2009), organiza o texto empregando pistas linguísticas (por vezes operadores argumentativos) que conduzem a uma determinada conclusão.

Segundo Marcuschi (2008), a comunicação se dá através de textos. O texto consiste em um uso da linguagem por “um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações alternativas e colaborativas” (MARCUSCHI, 2008, p. 79). Desse modo, os textos vão além das frases, e se constituem como unidades de sentido que “refratam o mundo na medida em que o reordena e reconstrói” (MARCUSCHI, 2008, p. 72). Os textos, como unidades de sentido que comunicam, nas quais convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas, podem ser orais ou escritos. É importante ressaltar que em nosso estudo, quando mencionada a palavra texto, a entendemos, como a produção escrita realizada pelos vestibulandos.

Para o pesquisador o ensino ou trabalho com a língua portuguesa deveria privilegiar a diversa produção textual e suas contextualizações na vida cotidiana, uma vez que a sequência de enunciados em um texto não é aleatória e, do ponto de vista sociointerativo, produzir um texto assemelha-se a jogar um jogo. Conforme Marcuschi (2008),

[...] produtores e receptores de texto (ouvinte/leitor – falante/escritor todos devem colaborar para um mesmo fim e dentro de um conjunto de normas iguais. Os falantes/escritores da língua, ao produzirem textos, estão enunciando conteúdos e sugerindo sentidos que devem ser construídos, inferidos, determinados mutuamente. A produção textual, assim como um jogo coletivo, não é uma atividade unilateral. Envolve decisões conjuntas. (MARCUSCHI, 2008, p. 77)

De acordo com Marcuschi (2008), o texto surge na complexa relação entre linguagem, cultura e sujeitos históricos que operam em contextos diferentes e só se completa com a participação do leitor/ouvinte. Para o estudioso o texto com um ato comunicativo deve obedecer a um conjunto de critérios de textualização,

visto que ele não é a escolha aleatória de um conjunto de frases nem aparece em qualquer ordem. Os critérios elencados pelo autor são sete: coesão e coerência, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, intertextualidade e intencionalidade (conhecimentos de mundo), sendo estes critérios de acesso à produção de sentido e não de formação de textos.

Desse modo,

considerando o texto como uma atividade sistemática de atualização discursiva da língua na forma de um gênero, os sete critérios de textualização mostram o quão rico é um texto em seu potencial para conectar atividades sociais, conhecimentos linguísticos e conhecimentos de mundo. (MARCUSCHI, 2008, p. 97)

É nos critérios de textualidade, coesão e coerência, que as operações argumentativas tomam maior relevância e se efetivam, contribuindo para a progressão textual e para a manutenção temática, bem como para que o texto atinja os fins para os quais foi produzido.

Na articulação e organização textual, que estabelecem a enunciação do evento comunicativo e dos argumentos, os operadores argumentativos, as marcas das intenções e os modalizadores elencados por Koch (2009) assumem papel de importância, uma vez que encadeiam os enunciados, determinando a orientação discursiva e revelam a atitude perante o enunciado que se produz.

Para Koch (2009) a qualidade da produção e da recepção textual inicia-se com o conhecimento da língua e do valor argumentativo das marcas, pois a argumentatividade está inscrita na língua e por consequência em todos os gêneros textuais produzidos pelos falantes/produtores.

Adam (2011) fala que os gêneros textuais são compostos por *tipos de sequências*, ou *sequências textuais*, definidas como unidades linguístico-textuais, as quais permitem identificar se um texto é narrativo, descritivo etc., em conformidade com o tipo de sequência predominante. Segundo o autor, quando nos comunicamos podemos lançar mão de um número limitado e estável de sequências: *narrativas*, *descritivas*, *argumentativas*, *explicativas*, *injuntivas* (prescritivas) e *dialogais*. O aprendizado dos tipos de sequências textuais pelos falantes de uma língua se daria por meio do contato com textos de diferentes gêneros (orais ou escritos). Na prática, é pouco provável que encontremos um texto que contenha só um tipo de sequência.

O que frequentemente encontramos (e produzimos) são textos com mais de um tipo de sequência.

Nessa perspectiva, a *sequência narrativa* consiste na apresentação de uma situação inicial, no estabelecimento de um problema, seguida de um conjunto de ações realizadas por um agente que pode solucionar o problema (ou não); a *sequência descritiva* compreende um conjunto de operações que apresentam elementos caracterizadores de um objeto, animal ou pessoa); a *sequência dialogal* apresenta fala entre personagens; a *sequência injuntiva* apresenta a prescrição de comportamentos ou de instruções com finalidades específicas; a *sequência argumentativa* apresenta uma tese, a defesa, a contra-argumentação e a conclusão; e a *sequência explicativa/expositiva* apresenta informações, conhecimentos sobre conceitos, definições, acontecimentos.

Como nosso tema de discussão é a argumentação no gênero artigo de opinião, com base nos estudos de Adam (2011), compreendemos que os textos em análise devem ter como sequência predominante a argumentativa, considerando que neles se coloca em discussão um tema polêmico, apresentando-se ponto(s) de vista, seguidos de argumentos, podendo haver outros tipos de sequências, que poderão contribuir para atingir os propósitos argumentativos visados.

O texto de teor argumentativo é visto por muitos autores, e pelos próprios vestibulandos ou aprendizes da língua em ambiente escolar, como complexo, pois exige a defesa de uma ideia, de uma opinião, uma tese, procurando que o leitor aceite-a ou creia nela. Destarte, o argumento seria “[...] todo e qualquer procedimento discursivo que contribua para a sustentação de um ponto de vista e favoreça sua aceitação pelo interlocutor [...]”. (DITTRICH; FAVARETTO; MORAES, 2009, p. 41)

Dittrich, Favaretto e Moraes (2009) salientam que no momento em que o aluno/candidato produz seus textos argumentativos, este é avaliado na medida em que suas asserções estão apoiadas em dados, evidências ou de que modo ele articula sua produção em torno de informações carentes de sustentação. É preciso ainda que o texto esteja articulado em torno de uma tese central, a fim de que os argumentos sirvam de estrutura de apoio que permitam revelar em que linha argumentativa apontam.

Depreende-se da caracterização de avaliação proposta por Dittrich, Favaretto e Moraes (2009) que o bom argumento deve ganhar destaque tanto no momento da construção do texto pelo aluno/candidato, quanto no momento da avaliação.

É necessário frisar que a aprendizagem e domínio da língua escrita impõem ao aluno graus de reflexão sobre o funcionamento da língua, por isso os “erros” ou “falhas” podem ser tomados como indícios dos processos pelos quais os alunos constroem o conhecimento sobre a língua escrita e o professor precisa auxiliar o aluno a superar suas dúvidas e seus conflitos sobre a organização da escrita e a sistematizar esse conhecimento. Nesse contexto, faz-se necessária a existência de estudos que versem sobre a argumentação textual em idade escolar.

Dolz e Schneuwly (2004) salientam que os objetivos principais do processo pedagógico no ensino de língua portuguesa são preparar os alunos para dominar a língua em situações variadas, fornecendo-lhes instrumentos eficazes; desenvolver nos alunos uma relação com o comportamento discursivo consciente e voluntário, favorecendo estratégias de autorregulação; ajuda-los a construir uma representação das atividades de escrita e de fala em situações complexas, como produto de uma lenta elaboração (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 49).

Nesse sentido, para Leal e Morais (2006), é importante que os aprendizes tenham contato com a maior diversidade possível de textos e em diferentes contextos de interação em suas trajetórias escolares para que possam desenvolver suas capacidades de escrita, comunicação e cognição. Para os autores é relevante trabalhar com texto de opinião na escola, dado que argumentar é uma atividade social fundamental, que permeia a vida dos indivíduos em todos os campos da sociedade, pois defender uma visão é essencial na conquista de espaço social e autonomia.

Alguns autores têm se debruçado sobre o estudo do desenvolvimento da capacidade de defender ideias. Muitos desses trabalhos apontam dificuldades na produção de textos escritos tanto por crianças, como por adolescentes e adultos quando tentam argumentar. De acordo com Leal e Morais (2006), as dificuldades podem ser oriundas de: 1) inabilidade nas operações cognitivas necessárias para a produção; 2) de maior nível de complexidade das estruturais textuais; 3) da falta de familiaridade com esses modelos na escola; 4) das condições de produção de textos em que se busca argumentar; 5) da conjugação de alguns desses fatores; 6) de

outros fatores; 7) ou de processos didáticos inadequados, que não conduzem a práticas diversificadas de escrita.

Assim, conforme Leal e Moraes (2006), é preciso ensinar os alunos a criarem produções da ordem do argumentar desde o início da escolarização, e precisamos refletir sobre as melhores estratégias para fazer isso, ao nos defrontarmos com a realidade de tantas dificuldades e falhas linguísticas e textuais no momento da produção. Desse modo, percebemos a necessidade de reavaliar e estudar as estratégias utilizadas pelos participantes/vestibulandos no momento da escrita para a construção de suas teses, as respectivas comprovações e formulações que os fizeram cometer falhas na intenção de significação original ou deixaram o sentido comprometido.

Destacamos que entendemos como argumentar a articulação de pontos de vista, o posicionamento de forma pessoal em relação a um tema polêmico, a defesa de uma tese com argumentos válidos do ponto de vista racional e ético, colocando em debate questões complexas que permitem diversas interpretações, assim o locutor toma a palavra com o objetivo de falar sobre um tema e de mostrar seu posicionamento em relação ao assunto, buscando convencer o interlocutor a adotar seu ponto de vista, mediante demonstração de provas, argumentos e razões.

Tendo em vista a importância da noção de argumentação na presente pesquisa, na sequência refletimos sobre tipos de argumentos catalogados na literatura da área, com vistas a rastreamos nas redações em análise sua presença ou ausência.

2.4 Tipos de argumentos

Ao construir um texto argumentativo, o produtor deve marcar sua opinião e defendê-la no decorrer do desenvolvimento textual. Para que um escrevente tenha mais chances de argumentar com clareza e consiga atingir o objetivo de convencimento do interlocutor, é preciso que sua tese seja enunciada no decorrer do texto. Desse modo, o ponto de vista sobre determinado assunto no interior do texto recebe o nome de tese. Após tê-la definido e enunciado nas produções, os produtores devem organizar seus argumentos para defendê-la de maneira lógica, visto que estes têm por finalidade comprovar a tese e persuadir o leitor de que a

conclusão é verdadeira. Neste sentido, a argumentação deve basear-se nos princípios da lógica, como salienta Garcia (1989), pois desta forma os argumentos ficarão encadeados, apontando coesão, além de haver cuidado com a coerência, ajudando os indivíduos a apresentarem conclusões mais bem aceitas e uma argumentação mais linear.

Weston (1996) destaca que argumentar é oferecer um conjunto de razões ou dados favoráveis a uma conclusão, sendo os argumentos tentativas de sustentar certos pontos de vista com razões e forma pela qual defendemos e explicamos, caracterizando-se como essenciais. Para o autor “[...] um bom argumento não se limita a repetir conclusões. Em vez disso, oferece dados e razões suficientes para que as outras pessoas possam formar a sua própria opinião” (WESTON, 1996, p.5). Ao não oferecer razões suficientes para os leitores formarem sua própria opinião, o autor estaria incorrendo em uma falha argumentativa.

Conforme Weston (1996), muitos estudantes não argumentam bem, pois ao serem instigados a argumentar sobre determinados assuntos, não oferecem verdadeiras razões que façam pensar que seus pontos de vista são corretos, e, sim, escrevem afirmações intrincadas que acabam por não constituir um ensaio argumentativo.

Segundo Perelman y Olbrechts-Tyteca (2005), todo texto tem em sua essência um produtor que procura persuadir o seu leitor e para isso aquele usa de recursos de natureza lógica e linguística. A esses recursos acionados com vistas a levar o leitor a crer naquilo que o texto enuncia, os autores dão o nome de procedimentos argumentativos. Alguns dos recursos argumentativos que os autores declaram como essenciais para uma produção atingir seus objetivos, são: a unidade, a comprovação das teses defendidas com citações e exemplos concretos e a refutação de argumentos contrários, pois um produtor não pode ignorar que existem opiniões opostas àquelas que se defendem no interior da produção.

Para Weston (1996), o primeiro passo a fim de redigir argumentos bem estruturados é perguntar-se: O que devemos provar? A que conclusão queremos chegar? Na sequência, o produtor deve apresentar as suas ideias seguindo uma ordem, buscando por argumentos de formulação relativamente curta, que revelem seu raciocínio ao leitor. A utilização de argumentos curtos, escritos em um ou dois parágrafos, é uma ótima forma de evitar falhas e melhor organizar o texto, pois as

produções se tornam mais concisas e objetivas. Usar de argumentos curtos é ainda essencial na hora em que os vestibulandos são submetidos à prova de redação, já que não lhes é ofertada grande extensão para a construção de suas redações, no mínimo 20 linhas e no máximo 30.

Nas palavras de Weston (1996) é preciso ainda argumentar a partir de premissas fidedignas, pois se o escrevente descobrir que não pode argumentar adequadamente a favor de suas premissas ou se estas forem fracas, sua conclusão será fraca ou os argumentos devem ser repensados ou abandonados. Ainda é preciso usar de uma linguagem precisa, específica e concreta, evitando termos abstratos, vagos, gerais ou tendenciosos. O produtor deve evitar uma linguagem tendenciosa “cuja única função é a de influenciar as emoções dos leitores ou ouvintes, quer seja a favor, quer contra a ideia que está a discutir” (WESTON, 1996, p. 10). Ao fazer uma analogia entre a linguagem utilizada nos textos de nossos alunos e vestibulandos e a dos sermões proferidos por religiosos, o autor salienta que a linguagem de tipo tendenciosa prega aos fiéis já convertidos, mas a apresentação cuidadosa dos fatos é capaz de conversões.

O autor ainda frisa que ao argumentar deve-se buscar por termos consistentes ou únicos para cada ideia. Weston (1996) exemplifica essa dica ao mencionar que, se informar no texto que os pontos de vista de fulano são de direita, mantenha no decorrer de sua exposição os termos “de direita” e não busque termos como: de tendência conservadora ou do tempo da outra senhora. Termos consistentes são importantes quando o argumento depende de conexões entre as premissas. Além disso, para o estudioso é importante que ao argumentar nos limitemos a apenas um sentido para cada termo.

Expostas algumas considerações da organização de um texto argumentativo, passamos a descrever e classificar alguns dos principais tipos de argumentos. Essa descrição é importante, pois as características aqui expostas em relação a cada tipo de argumento serão a base para a categorização daqueles identificados, categorizados e analisados nas redações do *corpus* desta pesquisa. Alguns dos tipos de argumentos que podem ser usados na tentativa de defender o ponto de vista são: de autoridade; de consenso; de exemplificação; de provas concretas; de relação causa-consequência; de analogia; de enumeração; e de contra-argumentação.

Os **argumentos de autoridade** são aqueles em que se utiliza de citações de autores renomados para dar credibilidade sobre o ponto de vista. Para que um argumento de autoridade seja completamente efetivo é preciso que as fontes sejam citadas. Para Weston (1996) a citação serve para estabelecer a verdade da premissa e para permitir ao leitor encontrar a informação sozinho, desta forma as citações devem incluir o maior número de informações necessárias. As fontes ainda devem ser qualificadas para fazerem as afirmações que fazem e serão qualificadas quando tiverem as informações e bases apropriadas. Segundo Weston (1996), quando as citações não são imediatamente claras, é preciso um argumento curto que as explique.

As fontes necessitam ser imparciais, visto que aqueles que têm algo a ganhar ou perder num assunto não são as melhores fontes de informação sobre o tema, pois podem apresentar resultados ou afirmações tendenciosas. Para exemplificar tal característica, o autor destaca que, ao se discutir o tema “Direitos Humanos”, uma entidade que poderia ser usada na organização de um argumento de autoridade seria a Anistia Internacional, pois é uma fonte imparcial sobre a situação do tema porque não apoia ou combate qualquer governo específico. Assim, um bom argumento deve verificar suas fontes e notar se não existem outras informações relevantes.

É essencial também que se compare as fontes antes de expor as informações repassadas por estas. Relacionando o exemplo da utilização da Anistia Internacional com esta característica, destaca-se mais uma vez a credibilidade de tal organização, uma vez que seus relatórios são corroborados por outras organizações independentes de defesa dos direitos humanos. O argumento de autoridade é a estratégia argumentativa utilizada no excerto abaixo

Segundo o diretor do Centro de Informação da Organização das Nações Unidas (ONU), Giancarlo Summa, o sistema de cotas em universidades e os programas sociais melhoraram a vida da população negra do Brasil. (COELHO, 2015, p. 142)

Neste exemplo de Coelho (2015) nota-se o uso de uma declaração do diretor da ONU como voz de autoridade para a fundamentação do argumento, figura que se caracteriza como renomada, imparcial e tem conhecimento profundo da temática em discussão.

Nos **argumentos baseados no consenso** são citadas proposições dadas como verdadeiras e indiscutíveis, em determinadas épocas, ou seja, estas informações são evidentes por si mesmas. Neste tipo de argumento entrariam argumento como: “A educação é a base do desenvolvimento.” Savioli e Fiorin (1992) demonstram que neste tipo de argumento

Não se deve, no entanto, confundir argumento baseado no consenso com lugares-comuns carentes de base científica, de validade discutível. É preciso muito cuidado para distinguir o que é uma ideia que não mais necessita de demonstração e a enunciação de preconceitos do tipo: o brasileiro é indolente, a Aids é um castigo de Deus, só o amor constrói. (SAVIOLI; FIORIN, 1992, p. 286)

Já os **argumentos baseados em exemplos** caracterizam-se como aqueles em que se fundamenta a tese em exemplos representativos para apoiar uma generalização. Para Weston (1996) uma argumentação eficaz desse tipo utiliza-se de exemplos precisos e apresenta mais de um, pois para o autor um único exemplo pode, por vezes, ser usado a título ilustrativo, não oferecendo muito apoio a generalizações. Assim, se o candidato afirmar que o trabalho e a exploração infantil são uma prática comum em todos os países, deve, para sustentar tal generalização, trazer mais de um caso em que crianças foram encontradas trabalhando e sendo exploradas em diferentes lugares do mundo. Ao trazer mais de um caso, tal estrutura funcionaria como uma amostra, segundo Weston (1996), como exemplo do restante. Além disso, é importante que essa amostra tenha representatividade baseada no conjunto a partir do qual o escrevente está a generalizar. Assim, “conjuntos grandes requerem normalmente mais exemplos” (WESTON, 1996. p. 13).

Ainda em relação ao argumento baseado em exemplos, Weston (1996) destaca que a informação de fundo deve ser apresentada para o leitor avaliar o conjunto de exemplos. O estudioso exemplifica esse requisito da seguinte maneira:

[...] quando um argumento fornece taxas de frequência, a informação de fundo relevante tem de incluir o número de exemplos. O roubo de carros na cidade universitária pode ter aumentado 100%, mas, se isto quer dizer que foram roubados dois carros em vez de um, não mudou grande coisa. (WESTON, 1996, p. 16)

A princípio a taxa de aumento de roubos de carros na cidade universitária é impressionante, visto que é de 100%. Porém, esse número é inútil para demonstrar o acréscimo pelo simples fato de que não foi apresentada a quantidade anterior de roubos. Assim, sem a informação de fundo não é possível saber se o crescimento de 100% é realmente relevante.

Por fim, Weston (1996) salienta ser necessário verificar as generalizações buscando a existência de contra-exemplos, pois se o autor consegue pensar em contra-exemplos a sua amplitude de argumentação precisa ser revista. O autor ressalta que se deve pensar em contra-exemplos a generalizações, não só quando se constrói o próprio texto, mas também quando se lê o de outros escreventes. Ao ler o texto de outrem “[...] pergunte se as conclusões terão de ser revistas, se porventura tais conclusões poderão ter de ser inteiramente abandonadas ou se um suposto contra-exemplo poderá ser reinterpretado de maneira a construir outro exemplo” (WESTON, 1996, p.17).

Por outro lado, os **argumentos baseados em provas concretas** são aqueles que apoiam as posições em dados pertinentes e adequados, podendo utilizar-se de dados estatísticos para comprovar as teses. Nesse caso, o produtor deve valer-se de estatísticas e dados revelados por órgãos confiáveis, como o IBGE por exemplo. O trecho que segue é um exemplo de argumento de prova concreta retirado de uma notícia sobre trabalho infantil exposta na revista Carta Capital em outubro de 2017:

No Brasil, a cada três crianças em situação de trabalho infantil, duas são do sexo masculino. Quando se olha para o trabalho doméstico, 94% são do sexo feminino. Os dados são do Mapa do Trabalho Infantil, uma iniciativa Rede Peteca, parte da Associação Cidade Escola Aprendiz, com o Ministério Público do Trabalho (MPT). A ferramenta traz um quadro da situação de 2,7 milhões de crianças e adolescentes entre cinco e 17 anos que trabalham no Brasil. (CARTA CAPITAL, 2017)

No exemplo acima percebe-se a referência aos dados estatísticos publicados pelo Mapa do Trabalho Infantil utilizados como argumento de prova concreta.

Nos **argumentos de causa-consequência** temos a explicação ou justificativa que aparecem a fim de levar à conclusão. Assim busca-se as relações de causas, ou seja, os motivos, bem como os efeitos, isto é, as consequências do problema abordado no tema e a vertente defendida na tese. Conforme Weston (1996), é essencial que o argumento deste tipo explique por que razão faz sentido que A

cause B. É importante que se encontre a causa mais provável, uma vez que a maioria das coisas que acontecem tem mais de uma causa possível.

O autor ainda destaca que é preciso perceber se os fatos não são somente coincidências. Weston (1996), para exemplificar tal requisito, cita o seguinte argumento: “Dez minutos depois de ter tomado os comprimidos para dormir do Dr. Amoníaco adormeci profundamente. Logo, os comprimidos para dormir do Dr. Amoníaco provocaram-me sono” (WESTON, 1996, p. 26). Neste excerto a intenção é explicar o fato de ter adormecido e ter adormecido parece ter sido a consequência de haver tomado os comprimidos ou os comprimidos são a causa de ter adormecido. No entanto, pode-se ter adormecido naturalmente. O estudioso ainda salienta que em um argumento deste tipo qualquer um de dois fatos correlacionados pode causar o outro e que as causas de determinados fatos podem ser complexas.

Os **argumentos por analogia** são aqueles que objetivam levar o leitor a aderir à tese fundamentado em comparações ou semelhanças demonstradas nos dados apresentados. Esse tipo de argumento ao invés de trazer vários exemplos para apoiar a generalização, argumenta, segundo Weston (1996), “a partir de um caso ou exemplo específico para provar que outro caso, semelhante ao primeiro em muitos aspectos, é também semelhante num outro aspecto determinado” (WESTON, 1996, p. 17).

O estudioso destaca ainda que, quando um argumento ressalta a semelhança entre mais de um caso, é muito provável que a palavra *como* apareça e este seja um argumento por analogia. Este tipo de argumento requer que a premissa seja verdadeira e que se retire uma conclusão a partir da analogia que é realizada com a premissa/ primeiro exemplo. Ao realizar analogias não é preciso que o primeiro exemplo seja exatamente igual ao da conclusão, pois estas exigem apenas semelhanças relevantes.

Para exemplificar tal tipo de argumento, Weston (1996) traz a seguinte estrutura: “O presidente americano George Bush argumentou uma vez que o papel do vice-presidente é o de apoiar as políticas do presidente, concordando ou não com elas, porque ‘ninguém quer meter golos na própria baliza’.” Podemos perceber que na analogia aqui realizada a administração americana não é exatamente como uma equipe de futebol, pois um time é composto de 30 ou 40 pessoas, enquanto a administração americana é constituída por milhares de pessoas. Porém, neste caso

o tamanho da equipe é irrelevante para o argumento do presidente, já que sua argumentação é sobre o que o trabalho em equipe exige. Além disso, é importante destacar que a premissa na qual se fundamenta a analogia é verdadeira, visto que quando alguém entra para uma equipe de futebol concorda em receber as ordens do treinador, pois o sucesso depende da obediência, entrosamento e habilidade dos respectivos membros. Desse modo, a analogia se dá entre a equipe de governo e um time de futebol.

Por sua vez, os **argumentos por enumeração** enumeram os fatos que contribuem para a comprovação da tese. Na argumentação por enumeração temos uma estrutura que traz uma série de argumentos dentro de um inicial, como por exemplo em “A existência de situações atuais de exploração da mão de obra infantil é repugnante. Primeiro, porque há mais de décadas a Declaração Universal dos Direitos da Criança já determinou que toda criança tem direito a liberdade, a brincar e ao convívio social. Depois, porque é inaceitável situações em que um ser se ache tão superior ao outro, acreditando poder aproveitar-se da fragilidade alheia por meio da exploração.” Neste exemplo percebemos o posicionamento inicial (tese), “A existência de situações atuais de exploração da mão de obra infantil é repugnante.”, que vem seguido de dois argumentos enumeradores que demonstram os motivos de ser um ato repugnante.

Por fim, os **argumentos por contra-argumentação** são os que preveem e apresentam ideias opostas à argumentação apresentada no texto, com o intuito de refutar tais opiniões divergentes das que se defendem no texto. Nascimento e Chiaro (2015) definem contra-argumento como aquele que traz a opinião do interlocutor, geralmente diferente da opinião do proponente. Destacam ainda que a noção de contra-argumento engloba “qualquer refutação que provoque ‘abalos’ no argumento defendido pelo proponente, podendo partir de um interlocutor ou até mesmo do próprio proponente, ao recordar e selecionar mentalmente discursos contrários ao seu argumento [...]” (NASCIMENTO; CHIARO, 2015, p. 201). Tais autores defendem o modelo de argumentação baseado na tríade: argumento, contra-argumento e resposta.

Um exemplo para a utilização desse tipo de argumento, para o tema das redações que analisamos, seria: “Mesmo que o combate ao trabalho e à exploração infantil seja propagado, o problema ainda não será resolvido, já que existe a falta de

reconhecimento dos exploradores e explorados é uma questão cultural que deve ser trabalhada para a extinção da problemática. Falta de reconhecimento destes de que realmente encontram-se em situação de exploração e daqueles de que realmente exploram.” (criação das investigadoras) Neste exemplo percebe-se o posicionamento inicial (argumento) em “Mesmo que o combate ao trabalho e à exploração infantil seja propagado, o problema ainda não será resolvido”; o contra-argumento em “já que existe a falta de reconhecimento dos exploradores e explorados é uma questão cultural que deve ser trabalhada para a extinção da problemática.”; e a resposta em “Falta de reconhecimento destes de que realmente encontram-se em situação de exploração e daqueles de que realmente exploram.”

2.5 A modalização e a argumentação

A modalização evidencia-se nas marcas avaliativas e argumentativas que o falante realiza em seus enunciados, com a intenção de evidenciar sua relação com o conteúdo. Koch (2010), Fiorin (2000) e Corbari (2016) salientam que os elementos modalizadores contribuem para o delineamento de opiniões demarcadas na relação do locutor, enunciado e interlocutor. Koch (2010) afirma que os modalizadores são “importantes na construção do sentido do discurso e na sinalização do modo como aquilo que se diz é dito” (KOCH, 2010, p. 50). Como indica Corbari (2016), tal recurso reflete pontos de vista, que interpretamos como tese em nossa análise do *corpus*, e sinaliza o tipo de comunicação pretendida. Baseado nessas afirmações optamos por dedicar uma seção em que tecemos considerações sobre modalização e de como esta pode colaborar para a marcação da argumentação nas produções de linguagem.

A modalização, segundo Fiorin (2000), tem papel de exprimir a posição do enunciador em relação àquilo que diz, sendo definida, conforme o autor, como predicados que sobredeterminam predicados. Os predicados são de dois tipos. Os de estado (ser), de nomenclatura nominal, e os de transformação (fazer), chamados de verbais com presença de verbos significativos que indicam ação. Há, conforme Fiorin (2000), modalizações incidentes sobre os predicados de ser e de fazer.

De acordo com Fiorin (2000), as palavras podem manifestar modalizações. Como exemplos o autor cita: substantivos (*Tenho certeza, a incerteza, a proibição, permissão*, etc); adjetivos (*é necessário, é possível, é permitido, é impossível, é*

verdadeiro, etc); verbos (*recusa, admite, determina, proibiu, facultou*, etc); advérbios (*necessariamente, obrigatoriamente, talvez, possivelmente*, etc). O estudioso destaca outras estruturas, como: frases declarativas e interrogativas; perguntas retóricas, estas utilizadas como artifício, pois o falante que as usa já sabe a resposta.

Koch (2010) acrescenta que há modalizações que estão cristalizadas na forma de expressões do tipo “é + adjetivo” e destaca, como Fiorin (2000), que outras diversas formas de expressão podem atuar como modalizadores, ao dar destaque para: certos advérbios; locuções adverbiais; verbos auxiliares modais (poder, dever, etc.); construções com auxiliar+ infinitivo (ter de + infinitivo) e orações modalizadoras (Não há dúvida de que...).

No gênero artigo de opinião, gênero dos textos do corpus, há uma dinâmica que implica um processo de negociação, já que o produtor tem como objetivo levar o leitor a aceitar seu posicionamento e seus argumentos sobre um dado tema. A negociação, como destaca Corbari (2016), efetiva-se, nessa situação comunicativa, no uso de recursos e estratégias linguísticas, manipuladas para agir sobre o interlocutor. O uso de expressões como *é bom, é errado, certamente, é inaceitável, provavelmente*, são exemplos das estratégias mencionadas anteriormente, e classificam-se como modalizadores.

Segundo Corbari (2016),

A modalização pode ser atualizada no texto de forma mais ou menos explícita, mais ou menos velada, dependendo, entre outros fatores, do gênero textual ao qual o produtor recorre para levar cabo suas intenções. Quanto mais alto o grau de argumentação de um texto, mais passível ele está de ser preenchido por marcas de modalização explícita. Logo, o artigo de opinião constitui *locus* propício para o aparecimento dessa estratégia linguística, considerando que, nesse contexto enunciativo, a posição que o produtor toma em face do conteúdo que apresenta e de seu interlocutor é explicitada e assumida. (CORBARI, 2016, p. 122)

Logo, já que em algumas das produções analisadas em nosso *corpus* a tese não está declarada no decorrer do texto ou em uma única frase, mas, sim, marcada no uso de advérbios, adjetivos, substantivos, etc., optamos por levar em

consideração no momento da análise o uso dos modalizadores³ como marca de posicionamento.

No próximo capítulo expomos a análise detalhada da argumentação de cada uma das 5 redações do *corpus*, identificamos, descrevemos e categorizamos as falhas argumentativas, refletindo sobre suas implicações no atendimento à proposta de redação. Para isso, primeiramente trazemos a transcrição da redação e posteriormente submetemos o texto aos procedimentos para identificação e análise expostos na seção 2.6. Por fim, apresentamos comentários sobre as ocorrências encontradas e ao final fazemos uma análise geral dos dados.

³ Castilho e Castilho (1992) classificam os modalizadores em três grupos: Modalização Epistêmica, Deontica e Afetiva, porém, destacamos que em nossa análise não nos atentaremos a enquadrar os modalizadores identificados em uma destas classificações, e, sim, focaremos na identificação dos itens lexicais que foram utilizados para marcar o posicionamento.

3 ANÁLISE DE FALHAS ARGUMENTATIVAS EM REDAÇÕES DO VESTIBULAR

As redações analisadas nesta pesquisa, disponíveis na seção Anexos, estão numeradas de 1 a 5, recebendo a denominação ascendente Redação 1, Redação 2, Redação 3, e assim sucessivamente. Foram analisadas de acordo com os critérios expostos na seção 1.6 “Tratamento de dados”, quais sejam: identificação da tese, dos argumentos, classificação dos argumentos e suficiência dos argumentos para a comprovação da tese. Neste sentido os dados analisados e categorizados serão expostos nas seções posteriores em quadros, a fim de dar maior clareza para a interpretação dos dados. É importante destacar que os excertos transcritos nos quadros de análise não sofreram nenhum tipo de correção gramatical, sendo cópia fiel da escrita contida nas redações dos vestibulandos.

3.1 Procedimentos para a identificação e análise das falhas argumentativas

Dedicamos esta seção à descrição de como as falhas foram identificadas e tratadas no decorrer da análise. Para isso, trazemos a transcrição integral das redações do *corpus* (um total de 5 redações). Neste primeiro momento, apresentamos e descrevemos cada ação tomada em cada etapa da categorização na primeira redação e, em seguida, damos continuidade à transcrição e à análise das demais, organizando a discussão em forma de texto e posteriormente expondo os dados gerais em quadros.

Destacamos que cada redação ficou disposta em uma página, não permitindo que ficasse parte da imagem da transcrição em uma página e parte em outra. Optamos por tal organização, a fim de facilitar a leitura e interpretação dos dados. A numeração das linhas seguiu a numeração das linhas da folha de versão definitiva da prova de redação, razão pela qual há algumas que não foram plenamente preenchidas com escrita. Utilizamos os seguintes códigos: “R” seguido de um número cardinal (R1, R2, Rn) para denominar cada uma das redações analisadas; “l.” seguido de um número cardinal para nos referirmos à linha em que se encontra a sequência da redação em análise (l. 1, l.2, l.n); SE para indicar sequências expositivas/explicativas, que constam em cor verde; Arg seguido de um número

(Arg. 1, Arg. 2, Arg. n) para indicar a presença de argumento e a quantificação em relação à tese, cujas sequências estão grafadas em cor azul; e a escrita em vermelho para colocar em destaque a(s) tese(s). Na sequência, expomos em tabela os códigos utilizados para a identificação dos dados analisados.

Tabela 1 – Legenda de identificação - códigos

R1, R2, Rn	Número da redação
l.1, l.2, l.n	Número da linha
SE	Sequência expositiva
Arg.1, Arg.2, Arg.n	Número do argumento

Tabela 2 – Legenda de identificação - cores

Vermelho	Tese
Azul	Argumento
Verde	Sequência expositiva

Para manter os textos na íntegra, com suas respectivas sinalizações de análise, evitando que sejam quebrados em duas páginas, destinamos o início de página para cada um, quando for o caso.

Expomos na sequência a imagem da transcrição da primeira redação do *corpus* com os dados identificados.

Figura 4 – Redação 1

1	O amargo gosto do chocolate	
2	Hoje em dia temos acesso fácil como TV, internet, mídia, noticiários que	Introdução
3	nos relatam um alto índice de crianças em países pobres trabalhando. (SE 1)	
4	Na África há maioria dessas crianças não tem pai e nem mãe, os mesmos	
5	morrerão de fome ou pela guerra lutando por dias melhores. (SE 2)	Desenvolvimento
6	Essas mesmas crianças são obrigadas a trabalhar em situações	
7	vulneráveis, sem dignidade e perdem parte importante de suas vidas (Arg. 1)	
8	como brincar e estudar, crescer como criança. (Arg. 2) Na África centenas	
9	de crianças trabalham colhendo derivados do chocolate, e muitas dessas	
10	nem sequer conhece o gosto desse tão bom chocolate o qual elas tem	
11	contribuído para a fabricação. (SE 3)	Tese
12	Vivemos num mundo tão grande, bom, mas ao mesmo tempo com	
13	realidades tão assustadoras, pessoas cada vez pensando só nelas, poder	Desenvolvimento
14	aquisição, status, pessoas desumanas, avassaladoras... (Arg.3) Estamos	
15	caminhando para tempos modernos, chip, inovações, robôs substituindo	
16	homens, e olha só:	
17	- Crianças trabalhando? Onde? (Arg. 4)	Conclusão
18	Para nós fica a imagem de um chocolate gostoso, que muitas vezes	
19	passou por mãos tão pequeninas que traziam consigo o gosto amargo de	
20	uma vida tão injusta. (Arg. 5)	
21	Toda criança merece respeito, amor, família, educação, alimentação...	
22	toda a criança hoje é a imagem de um “ser grande” – homem amanhã. (Arg. 6)	

Iniciamos a análise da primeira redação do corpus localizando a tese apresentada pelo produtor. Em uma leitura geral notamos que a redação aponta para um posicionamento contra a exploração de mão de obra infantil e o trabalho escravo, por meio de informações, exemplos e argumentos que demonstram indignação contra aqueles que praticam este crime.

Em uma segunda leitura mais cuidadosa, buscamos identificar excertos do texto em que o autor fizesse afirmações que expressassem seu posicionamento em relação ao tema, ou seja, buscamos localizar a tese (em vermelho na imagem da redação 1). Entendemos por tese o excerto do texto em que o autor faz uma afirmação expondo seu posicionamento diante do tema. Não consideramos trechos que revelam somente a existência do trabalho escravo ou exploração infantil, mas, sim, partes que demonstrem, por exemplo, porque o autor do texto acredita que essa prática ocorra. Neste momento tivemos muitas dificuldades no que concerne à localização da tese, tal dificuldade se repete nas demais redações analisadas. A esse respeito, teóricos (TOULMIN, 2001; SARMENTO, 2013) indicam que haverá

uma frase declarativa, geralmente no início do texto, que demonstrará o posicionamento do produtor. Porém, na prática de análise não foi isso o que constatamos. A redação inicia-se com uma contextualização do tema, por meio de sequências expositivas (SE).

Segundo Silva (2018), as sequências expositivas têm como objetivo a transformação de uma convicção, isto é, um estado de conhecimento com a atitude comunicativa de fazer saber. A autora salienta que o esquema global das sequências expositivas compreende a análise e/ou síntese de representações conceituais. Este tipo de estrutura é comumente encontrado em “manuais didáticos, exposições orais, seminários, conferências, comunicações orais, palestras, verbetes, artigos enciclopédicos, resumos de textos expositivos e explicativos, relatórios científicos” (SILVA, 2018, p. 151).

Destacamos que no parágrafo introdutório e no primeiro parágrafo do desenvolvimento do texto constatamos a presença de sequências expositivas, que destacam a existência da prática de exploração (informação já dada no texto de apoio fornecido junto da proposta de redação). Compreendemos que esses trechos podem figurar como tentativas de argumentação, porém, não os classificamos como argumentos justamente por não justificarem a tese.

Os excertos caracterizados nesta classificação são os seguintes: “Hoje em dia temos acesso fácil como TV, internet, mídia, noticiários que nos relatam um alto índice de crianças em países pobres trabalhando” (l. 2-3, R.1), “Na África há maioria dessas crianças não tem pai e nem mãe, os mesmos morrerão de fome ou pela guerra lutando por dias melhores.” (l. 4-5, R.1) e “Na África centenas de crianças trabalham colhendo derivados do chocolate, e muitas dessas nem sequer conhece o gosto desse tão bom chocolate o qual elas tem contribuído para a fabricação.” (l.8-11, R1). As sequências informam sobre o alto índice de crianças trabalhando em países pobres, que na África a maior parte dessas crianças não tem pai e nem mãe e que neste mesmo país há centenas de crianças que trabalham colhendo derivados de chocolate. Como dito anteriormente, tais sequências se limitam a informar sobre a existência da exploração infantil.

Na análise desse primeiro texto identificamos três partes que remeteriam à opinião do autor. A primeira parte ocorre após a introdução, no primeiro parágrafo do desenvolvimento, ao afirmar que “Vivemos num mundo tão grande, bom, mas ao

mesmo tempo com realidades tão assustadoras” (l. 12-13, R1). A segunda “uma vida tão injusta” (l. 20, R1) e a terceira em “Toda criança merece respeito, amor, família, educação, alimentação...” (l. 21). Considerando o que dizem anteriormente mencionados, esses trechos compõem-se de frases declarativas que estariam apontando para um dado posicionamento. As declarações sugerem que o autor do texto é contrário à prática da exploração do trabalho escravo infantil.

Normalmente os manuais de redações ensinam que a tese deve aparecer logo no parágrafo de introdução, a fim de direcionar o leitor sobre o tratamento dado ao tema, mas nada impede que a posição do autor apareça nas outras partes do texto argumentativo. O fato de a opinião vir em parágrafos que não o da introdução ou aparecer em mais de uma parte do texto também foi encontrado por Alves (2013), em sua pesquisa sobre a argumentação em redações do vestibular da UERJ. Sobre este fato, Alves (2013) assevera que esse tipo de organização demonstra uma preferência por exposição de argumentos e depois a tese, talvez com a intenção de dar maior credibilidade ao próprio posicionamento. Diferente da preferência percebida por Alves, no texto em análise, a tese é antecedida pela contextualização do tema, e seguida de argumentos.

Após a identificação da tese e de fazermos alguns comentários sobre ela, passamos a uma terceira leitura, a fim de identificar os argumentos (Arg. 1, 2, n) apresentados em defesa da opinião. Os argumentos encontrados (em azul na imagem da redação 1) foram numerados de 1 a 6.

Identificamos como primeiro argumento (Arg. 1) do texto o excerto: “Essas mesmas crianças são obrigadas a trabalhar em situações vulneráveis, sem dignidade e perdem parte importante de suas vidas” (l. 6-7, R.1). Este argumento foi classificado como do tipo causa e consequência, visto que afirma que as crianças perdem parte importante de suas vidas (consequência) porque são obrigadas a trabalhar em situações vulneráveis e sem dignidade (causa).

Na sequência, o Arg. 2 se organiza por enumeração “como brincar e estudar, crescer como criança.” (l. 8, R1). O excerto “pessoas cada vez pensando só nelas, poder aquisição, status, pessoas desumanas, avassaladoras...” (l. 13-14, R1) foi identificado como o argumento 3 da redação 1. Categorizamos este argumento como do tipo causa e consequência, no qual para comprovar a tese buscaram-se os motivos e os efeitos do fato. No caso em análise, o autor apresenta os motivos pelos

quais haveria exploração do trabalho infantil. Este argumento apresenta-se, de certo modo, deslocado dentro do texto, pois há uma quebra da sequência textual. Outro aspecto a se considerar é que o ponto de vista expresso na tese 1 não é satisfatoriamente desenvolvido, uma vez que a declaração de que “vivemos num mundo tão grande, bom” não é seguida nem antecedida de argumentos que a comprovem. O texto se limita a expor porque haveria “realidades tão assustadoras”.

O mesmo problema é notado no argumento 4, baseado em consenso, por meio do qual o autor espera obter a concordância do leitor, já que se refere a algo que seria de conhecimento de todos (“Estamos caminhando para tempos modernos, chip, inovações, robôs substituindo homens”). E ao dizer, “e olha só:- Crianças trabalhando? Onde?” (l. 14-17, R1), há uma ruptura na continuidade temática ocasionada pela indagação, a qual não é desenvolvida na sequência, pressupondo que o leitor preencheria essa lacuna semântica. Porém, pode-se inferir que esta indagação seria a tentativa de provar as realidades assustadoras. Destacamos que este trecho em que o autor se dirige a seus interlocutores por meio de perguntas, enquadra-se na tipologia dialogal tal qual classificam Köche *et al* (2010).

O argumento 5, “Para nós fica a imagem de um chocolate gostoso, que muitas vezes passou por mãos tão pequeninas que traziam consigo o gosto amargo de uma vida tão injusta.” (l.18-20, R1), do tipo causa-consequência.

Por fim, o argumento 6, “Toda a criança hoje é a imagem de um “ser grande” – homem amanhã.” (l. 22, R1), foi categorizado como do tipo argumento de consenso, no qual, segundo Köche *et al* (2010), há a exposição de proposições aceitas universalmente como verdades. No caso do argumento 6, anteriormente temos a exposição de consenso de que toda a criança tem direito a elementos básicos para sobrevivência, como: respeito, amor, família, educação, alimentação, etc e a de que a criança de hoje será o adulto de amanhã, ou melhor, o futuro. Porém, neste argumento incorre-se em falha argumentativa ao citar um lugar comum que pouco acrescenta à argumentação da tese, pois, sem dúvida a criança será um adulto. Nosso entendimento dessa ocorrência se apoia nos estudos de Lottermann e Zanchet (2009), que definem como expressões de lugar comum ou senso comum uma série de ocorrências em que o vestibulando faz uso de fórmulas estereotipadas, vazias de significação, sem que impliquem diferença significativa no conteúdo que veiculam, ou seja, repetem uma linguagem banalizada.

Estruturas de senso comum como a mencionada, utilizadas na conclusão como forma de fecho padrão, “Toda a criança hoje é a imagem de um “ser grande” – homem amanhã.” (l. 18-19, R1), podem ser analisadas como de cunho moralista forjadas em conselhos ou sugestões. No caso da ocorrência de falha no argumento 6 da R1, temos um lugar comum marcado por clichê conteudístico que revela uma “percepção uniforme do mundo e da realidade” (ROCCO, 1981, p. 66). Com base em Lottermann e Zanchet (2009), avaliamos que a ocorrência em generalizações ou em argumentos de senso comum resulta em enfraquecimento da tese.

Ao incorrer em falhas de senso comum os vestibulandos deixam de atingir a principais funções do texto dissertativo, já que não se valem de argumentação coerente e consistente que reflete a respeito de uma questão, apresenta justificativas, avalia, conceitua e exemplifica, conforme o que caracterizam Köche *et al* (2010).

Com os comentários do argumento 6 da R1, finalizamos a análise da primeira redação do corpus e passamos, na sequência, à análise da redação 2 seguindo os mesmos procedimentos adotados na primeira. Primeiro, demonstramos a imagem da transcrição da redação com numeração de linhas. Assim como na imagem da redação 1 há a identificação das partes principais da redação (introdução, desenvolvimento e conclusão), a sinalização das sequências expositivas, tese e argumentos. Posteriormente, classificamos e tecemos comentários em relação às estruturas identificadas.

Figura 5 – Redação 2

1	Descaso Na Costa do Marfim		
2	Passados séculos após o sancionado a lei que proibi o trabalho escravo	Introdução	
3	em muitos países, uma triste notícia veio a tona. Costa do Marfim,		
4	conhecida por suas grandes plantações e exportações de cacau, acabou		
5	caindo aos olhos da mídia internacional. (SE. 1)		
6	Após investigações a polícia internacional acabou desbancando um		
7	esquema de trabalho escravo, pessoas presas, crianças escravizadas	Desenvolvimento	
8	libertas, (SE 2) o ser humano não tem limites, até onde vai toda essa		
9	maldade? (Arg.1) Deveria haver uma rígida fiscalização, não somente nas		
10	plantaçõesde cacau, em todos que envolvem denúncias. (Arg.2) Tirar		
11	crianças de seus lares e familiares, praticamente jogando sua infância fora,		
12	realmente é um crime bárbaro e as pessoas responsáveis devem pagar.		
13	Chega num ponto em que a sociedade não agüenta ver tanta dor,		Tese
14	tristeza, ligamos nossas televisões em qualquer horário; Somente notícias		
15	ruins, não podemos aceitar e deichar esse tipo de situação passar		Conclusão
16	despercebido. (Arg. 3)		
17	Depois de libertas, a vida dessas crianças nunca mais vão ser as		
18	mesmas, como se sentiria, se seus filhos fossem arrancados de você		
19	a força? (Arg. 4) Será mesmo que o gosto adoçado do chocolate vale		
20	realmente a pena, sendo levado em consideração cada gota de suor		
21	escravo derramado? (Arg. 5) “Não devemos fazer ao próximo oque não		
22	queremos para nós”, reflatam e procurem saber a origem de cada produto		
23	adquirido, (Arg. 6) nunca devemos concordar com esse tipo de atitude.		

Ao buscarmos a tese na redação 2, encontramos dois trechos em que há posicionamento do produtor. O primeiro em “Tirar crianças de seus lares e familiares, praticamente jogando sua infância fora, realmente é um crime bárbaro e as pessoas responsáveis devem pagar.” (l. 10-12, R2) e o segundo em “nunca devemos concordar com esse tipo de atitude” (l. 23, R2). Nestes dois trechos nota-se que o produtor é contrário a prática exposta na temática, enquadrando, no primeiro excerto, tal atitude como um ato bárbaro e que traz consequências para a vida das crianças (perda da infância) tal qual na R1.

Há ainda neste posicionamento a declaração de que os responsáveis devem pagar, ou seja, o candidato manifesta a necessidade de justiça. Na linha 23 percebemos uma reafirmação da tese em uma frase declarativa e conclusiva que funciona como fecho padrão utilizando de uma expressão moralista com sujeito na primeira pessoa do plural para declarar que “nunca devemos concordar com esse tipo de atitude” bárbara. Já o trecho “Depois de libertas, a vida dessas crianças

nunca mais vão ser as mesmas” (l.17-18, R2) temos um ponto de vista sem a argumentação do porquê a vida das crianças não vai mais ser a mesma, ou seja, temos um posicionamento de conclusão que não é desenvolvido. Tal declaração é baseada em um consenso, visto que destaca o fato de vítimas de exploração sempre carregaram marcas das situações degradantes a que foram submetidas.

É importante destacar também que a tese da R2 não aparece, logo, no parágrafo introdutório, e sim no primeiro parágrafo de desenvolvimento e na última linha do parágrafo conclusivo.

Na sequência, identificamos os argumentos apresentados em defesa da tese. Os argumentos encontrados (em azul na imagem da redação 2) foram numerados de 1 a 6.

Salientamos que, como na R1, na R2 também encontramos sequências expositivas. Nesta redação toda a parte introdutória é composta por sequências deste tipo. Identificamos e dividimos esses casos em dois excertos: “Passados séculos após o sancionado a lei que proibi o trabalho escravo em muitos países, uma triste notícia veio a tona. Costa do Marfim, conhecida por suas grandes plantações e exportações de cacau, acabou caindo aos olhos da mídia internacional.” (l. 2-5, R2) e “Após investigações a polícia internacional acabou desbancando um esquema de trabalho escravo, pessoas presas, crianças escravizadas libertas” (l. 6-8, R2). Nestas sequências não temos a exposição de argumentos na direção de justificação da tese, mas, sim, informações que comprovam que ainda existem práticas de trabalho escravo, mesmo depois da assinatura da lei Áurea, e isso é comprovado pela retomada à notícia exposta no texto motivador. Nesta redação há recuperação aos dados do texto motivador desde o título (Descaso Na Costa do Marfim), como também o foi no título da R1 (O amargo gosto do chocolate).

Identificamos como primeiro argumento da R2 e com caráter dialogal o trecho “o ser humano não tem limites, até onde vai toda essa maldade?” (l. 8-9, R2). Este argumento foi classificado como de consenso e apresenta falha na afirmação que tenta trazer como universal “o ser humano não tem limites”, pois tal declaração traz um lugar comum, já que não tem base científica, o mesmo ocorre no questionamento presente no final do argumento “até onde vai toda essa maldade?”, uma indagação clichê utilizada em diversas situações.

O argumento 2, “Deveria haver uma rígida fiscalização, não somente nas plantações de cacau, em todos que envolvem denúncias”, (l.9-10, R2), foi classificado como do tipo enumerativo, visto que menciona que a fiscalização deve ocorrer em mais de um ambiente de trabalho. Tal argumento apresenta falha de construção ao deixar uma lacuna na passagem do primeiro ambiente para o segundo, pois ali deveria aparecer um conector, como “mas também” para dar continuidade ao raciocínio. Além disso, ainda apresenta a ausência do referente para “todos que envolvem denúncias”.

Na sequência temos o argumento 3, “Chega num ponto em que a sociedade não agüenta ver tanta dor, tristeza, ligamos nossas televisões em qualquer horário; Somente notícias ruins, não podemos aceitar e deixar esse tipo de situação passar despercebido”, (l.13-16, R2), do tipo causa e consequência em que se expressa como causa o fato das televisões noticiarem somente informações negativas e como consequência a sociedade não agüentar mais ver tanta dor e tristeza. A falha argumentativa aqui se dá devido à afirmação generalizadora, pois as notícias publicadas pela mídia televisiva não são só de teor negativo. A parte final desse argumento “não podemos aceitar e deixar esse tipo de situação passar despercebido” também traz uma falha ao utilizar de uma expressão de cunho moralista por meio de um discurso exortativo, como destacam Lottermann e Zanchett (2009), pois o uso desse lugar comum desobriga o produtor de fornecer dados mais precisos em relação às atitudes que realmente deveriam ser tomadas para a resolução do problema. Nesse argumento há ainda um problema de apresentação e desenvolvimento do argumento.

O excerto “como se sentiria, se seus filhos fossem arrancados de você a força?” (l.18-19, R2) foi classificado como o argumento 4 e também de caráter dialogal. Ao analisar este trecho, percebemos uma marca de interlocução com o leitor, de caráter retórico, mas que de alguma forma pretendia ter força de argumento que não é atingido, pois apresenta falha por não se referir à tese que o antecede.

“Será mesmo que o gosto adoçado do chocolate vale realmente a pena, sendo levado em consideração cada gota de suor escravo derramado?” (l. 19-21, R2) foi classificado como o argumento 5 e de caráter dialogal. Este argumento foi identificado como de causa-consequência, pois questiona se a doçura do chocolate

justifica o trabalho escravo infantil envolvido em sua produção. A redação sugere que o trabalho escravo infantil seria uma consequência da produção do chocolate. Observamos que o texto apresenta dificuldade em abordar a temática para além do contido no texto de apoio, o que de alguma forma fragiliza a apresentação da tese, de argumentos, de contra-argumentos e da síntese.

Por fim, na R2 temos o argumento 6, “Não devemos fazer ao próximo o que não queremos para nós, reflitam e procurem saber a origem de cada produto adquirido” (l.21-23, R2), do tipo consenso, em que se recorre ao discurso religioso, já conhecido pelo interlocutor, na tentativa de convencê-lo a não praticar a exploração do trabalho escravo infantil. Esse trecho, de teor exortativo, seguido de uma espécie de aconselhamento (“reflitam e procurem saber a origem de cada produto adquirido”) encaminham para a síntese (“não devemos concordar com esse tipo de atitude”) do posicionamento relativo à temática.

Figura 6 – Redação 3

1	O verdadeiro gosto do chocolate	}	Introdução
2	O chocolate com suas varias utilidades e sabores, que saem das		
3	produções de cacau, trazem muitas revelações por toda essa		
4	fabricação. Sendo essas são as pessoas que são tráficoadas para		
5	o trabalho escravo e, passam por uma situação de vida extrema, para		
6	a saude e educação. (SE 1)		
7	Com tudo isso as rotinas de trabalhosão longas, e assim a maioria	}	Desenvolvimento
8	das pessoas que são tráficoas são crianças e jovens, pelo foto de terem		
9	mais disposição de trabalho. Após muitas investigações feitas pela		
10	policia, conseguiram a li bertação de verias crianas e jovens		
11	escravizados, e tambem foram apreendidos varios respossaveis		
12	pela a escravidão infantil localizados na Costa do Marfim. (SE 2)		
13	Apesar do gosto amargo ou doce que o chocolate tráz, ele e	}	Insinuação de tese
14	marcado por varias historias, que quem já vivenciou consegue		
15	explicasas de uma for que na vida dessa pessoas ficará eternamente	}	Conclusão
16	lembrada, fazendo com que cada chocolate quefoi fabricado, por cada		
17	um tenha um gosto diferenciado,(Arg. 1) pois a marca da excravidão		
18	das pequena crianças e jovens estarão estampado em seus rostos.		

Como nas redações anteriores, nesta redação nosso primeiro passo de análise foi buscar o excerto que marcava o posicionamento do produtor, isto é, a tese, identificamos através do léxico uma insinuação de tese (em vermelho na redação) no desdobramento para a consequência do argumento. Não conseguimos

identificar nenhuma frase que marque claramente a tese, isso se dá porque em sua maior parte o texto é somente expositivo, trazendo sequências sem avaliação e argumentação sobre o tema. Em uma leitura geral conseguimos perceber, por meio de modalizadores, que o autor é contrário a prática, pois usa “eternamente”, para referir-se às marcas na vida dos escravizados; “gosto diferenciado” para o produto da exploração e “pequenas” para qualificar a fragilidade dos explorados.

Na expressão “gosto diferenciado” é possível estabelecer uma relação com o título “O verdadeiro gosto do chocolate”, pois o autor observa, que dependendo da forma de produção e tipo de utilização de mão de obra para isso, o chocolate pode ter gostos doces ou amargos.

Em um segundo momento, buscamos identificar os argumentos utilizados e mais uma vez encontramos sequências expositivas que não vão em direção à defesa de um ponto de vista. Nesta redação as sequências expositivas correspondem a mais da metade do texto, que é constituído por três parágrafos, ou seja, dois parágrafos do artigo de opinião são constituídos de exposição de informações que somente comprovam a existência do crime de exploração ou retomam o texto de apoio sem indicar que se trata da voz do outro.

A primeira sequência identificada é “O chocolate com suas varias utilidades e sabores, que saem das produções de cacau, trazem muitas revelações por toda essa fabricação. Sendo essas são as pessoas que são tráficoadas para o trabalho escravo e, passam por uma situação de vida extrema, para a saude e educação.” (l.2-5, R3) expõe que existe o tráfico de pessoas para o trabalho escravo em plantações de cacau e por isso o chocolate carregaria revelações para além da diversidade de sabores.

“Com tudo isso as rotinas de trabalho são longas, e assim a maioria das pessoas que são tráficoadas são crianças e jovens pelo fato de terem mais disposição de trabalho. Após muitas investigações feitas pela policia, conseguiram a libertação de varias crianças e jovens escravizados, e tambem foram apreendidos varios resposaveis pela a escravidão infantil localizados na Costa do Marfim.” (l.7-12, R3) foi identificada como a segunda sequência expositiva que traz informações sobre a faixa etária mais procurada pelos traficantes, e revela que a jornada de trabalho é longa. Nesta sequência há uma incoerência externa, pois não se relaciona com o conhecimento no mundo real, como caracterizado por Koch e Travaglia (2003), no

trecho “a maioria das pessoas que são tráfico são crianças e jovens pelo fato de terem mais disposição de trabalho”, já que as crianças são consideradas frágeis para a realização de trabalhos que exigem esforço físico e não que elas devam ser traficadas por apresentar mais disposição para o trabalho.

A segunda parte desta sequência, “Após muitas investigações feitas pela polícia, conseguiram a libertação de várias crianças e jovens escravizados, e também foram apreendidos vários responsáveis pela escravidão infantil localizados na Costa do Marfim.” (l. 9-12, R3), somente retoma a notícia exposta no texto motivador da proposta, isto é, traz um fato somente para comprovar que existe o problema e não salienta que tal informação vem de outro texto. A presença elevada de sequências expositivas na R3 enfraquece a argumentação do texto e demonstram capacidade insuficiente de organizar ideias e informações, estabelecer relações com outras áreas em que a exploração infantil ocorre, ao interpretar dados e fatos a fim de elaborar argumentos consistentes.

Destacamos que é possível os produtores usarem de sequências expositivas dentro de seus textos para fins de contextualização, mas salientamos também que é possível e aconselhável iniciar um posicionamento em relação à temática. O que notamos nos textos até agora analisados é que não há indícios de posicionamento em meio às informações, já que se continua com a mesma conduta, com apresentação de informações incompletas e problemas de relação entre elas.

O fato de as redações analisadas apresentarem grande parte de sua composição com sequências expositivas também foi identificado por Oliveira (2016). A autora destaca que

alunos que não são submetidos a um estudo sistemático por meio de sequências didáticas costumam produzir artigos de opinião nos quais não se identificam algumas fases da sequência textual argumentativa, como destaca Adam (2011), pois o que se percebe é a presença de uma sequência meramente expositiva, na qual o aluno apenas explica o assunto proposto. (OLIVEIRA, 2016, p. 158)

Como argumento identificamos um trecho “marcado por várias histórias, que quem já vivenciou consegue explicá-las de uma forma que na vida dessas pessoas ficará eternamente lembrada, fazendo com que cada chocolate que foi fabricado, por cada um tenha um gosto diferenciado” (l.14-17, R3) do tipo causa-consequência, visto que informa a causa do chocolate ter um gosto diferenciado, ou seja, ser marcado por

várias histórias de exploração que deixarão marcas eternamente lembradas. Aqui percebemos um problema de organização textual que prejudica a clareza do argumento, só conseguimos identificar realmente como um argumento do tipo causa-consequência porque como pesquisadoras temos conhecimento da temática, do contrário seria difícil o enquadramento.

Destacamos que essa redação, como as anteriores analisadas, também associa a exploração infantil somente ao âmbito das plantações e à fabricação do chocolate, silenciando ou não tendo conhecimento de que a exploração do trabalho infantil ocorre em diversos ambientes. Essa falha demonstra como os produtores dos textos analisados não conseguiram analisar criticamente o tema e relacioná-lo com as demais áreas, deixando assim suas argumentações fracas, já que muitas vezes se reduzem a expor o já dito no texto motivador. Tal fato faz emergir também possivelmente um baixo nível de leitura dos candidatos que, por não terem leituras e conhecimento de mundo sobre o tema, acabam por reproduzir o discurso presente no texto motivador. A seguir, vamos à descrição e análise da redação 4.

Figura 7 – Redação 4

1	O comodismo cega o indivíduo	
2	É possível percebermos que apesar de grandes inovações	Introdução
3	tecnológicas nas diversas áreas – transporte, saúde, educação,	
4	indústria -, (SE1) o mundo ainda enfrenta grandes obstáculos que	
5	necessitam serem superados, dentre eles, o tráfico humano e a	
6	exploração infantil. Que encontram-se em expansão.	
7	Indubitalmente demonstra-se lamentável sabermos que vivemos	
8	no século XXI e presenciamos marcas vergonhosas de séculos	
9	passados. Muitas pessoas acreditam que quando a Princesa Isabel	
10	assinou a Lei Áurea, onde foi decretada o fim da escravidão, esse	
11	problema estaria resolvido. Porém, não é o que está ocorrendo com	
12	o decorrer dotempo em que, ao invés da criminalidade diminuir	
13	considerávelmente, está se mascarando. (SE 2)	Desenvolvimento
14	É importante ressaltar que, apresenta-se frequente o número de	
15	pessoas que muitas vezes são iludidas com propostas maravilhosas	
16	de empregos e, ao chegarem no local são comercializadas a traficantes	
17	de órgãos e até mesmo a exploração sexual. (SE 3) Mas não é somente	
18	forados países de origem que essa banalização violenta do ser	
19	humano, mas também internamente. Como é o caso uma quantidade	
20	significativa de crianças sendo obrigadas a trabalharem em indústrias	
21	e fazendas. (SE 4) Segundo investigações policiais, muitos objetos que	
22	usamos no cotidiano – alguns de marcas famosas e respeitadas-, são	
23	confeccionados por pequenos seres, que como muitas de nossas	
24	crianças, poderiam estudar e brincar, mas encontram-se presas	
25	trabalhando em locais despresíveis. (SE 5)	Conclusão
26	Até quando passaremos por essas situações? A resposta é simples.	
27	Esses crimes contra a dignidade humana, terá os elevados números	
28	em decréscimo, somente quando políticas publicas forem implantadas	
29	e colocadas em ação juntamente com o auxílio do conjuntura social.	
30	Onde a população desprenda-se do comodismo que as torna cegas e	
31	ajude na difícil e lenta tarefa de zelar pelos direitos humanos	
32	assegurados pela Constituição Federal.	

Iniciamos a análise da R4 buscando a tese apresentada pelo produtor. Encontramos as sequências “o mundo ainda enfrenta grandes obstáculos que necessitam serem superados, dentre eles, o tráfico humano e a exploração infantil. Que encontram-se em expansão.” (l. 4-6) e “crimes contra a dignidade humana” como reveladoras do posicionamento do autor em relação à prática exposta na temática. Conseguimos perceber também devido ao uso dos modalizadores que o candidato é contrário como em: “grandes obstáculos a serem superados” para o

tráfico humano e exploração infantil; “lamentável” ainda termos atitudes retrógradas praticadas com frequência no século passado, sendo executadas na atualidade que geraram e geram “marcas vergonhosas”.

Quando passamos à busca pelos argumentos, mais uma vez encontramos sequências expositivas em elevado número. Identificamos 5 sequências que ocupam 70% do texto, quase três parágrafos de quatro.

A primeira sequência, “É possível percebermos que apesar de grandes inovações tecnológicas nas diversas áreas – transporte, saúde, educação, indústria” (l. 2-4, R4), faz um contraponto dos avanços atuais com o tema que será anunciado na tese a seguir.

A segunda, “Indubitavelmente demonstra-se lamentável sabermos que vivemos no século XXI e presenciamos marcas vergonhosas de séculos passados. Muitas pessoas acreditam que quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, onde foi decretada o fim da escravidão, esse problema estaria resolvido. Porém, não é o que está ocorrendo com o decorrer do tempo em que, ao invés da criminalidade diminuir consideravelmente, está se mascarando.” (l. 7-13, R4), retoma a assinatura da Lei Áurea para indicar que muitos acreditam ter acabado naquela época a exploração, mas que não é essa a nossa realidade.

A terceira sequência, “É importante ressaltar que, apresenta-se frequente o número de pessoas que muitas vezes são iludidas com propostas maravilhosas de empregos e, ao chegarem no local são comercializadas a traficantes de órgãos e até mesmo a exploração sexual.” (l. 14-17, R4), ressalta que as pessoas são aliciadas, iludidas e enganadas por falsas promessas e por isso são alvos de exploração.

A sequência, “Mas não é somente forados países de origem que essa banalização violenta do ser humano, mas também internamente. Como é o caso uma quantidade significativa de crianças sendo obrigadas a trabalharem em indústrias e fazendas.” (l. 17-21, R4), demonstra que a prática de exploração não ocorre somente em outros países, como o caso noticiado no texto de apoio, mas que também ocorre no nosso.

A última sequência, “Segundo investigações policiais, muitos objetos que usamos no cotidiano – alguns de marcas famosas e respeitadas-, são confeccionados por pequenos seres, que como muitas de nossas crianças, poderiam estudar e brincar, mas encontram-se presas trabalhando em locais despresíveis.”

(l.21-25), traz a informação de que muitas investigações policiais demonstraram que marcas famosas fazem uso de mão de obra explorada, como o texto de apoio citou.

No último parágrafo da redação há um indício mais evidente de posicionamento do autor sobre o trabalho escravo infantil na caracterização desta prática como “crimes contra a dignidade humana” (l. 22, R4 - em vermelho). Na sequência, há a apresentação de formas que levariam à redução do número de crimes em “terá os elevados números em decréscimo, somente quando políticas públicas forem implantadas e colocadas em ação juntamente com o auxílio do conjuntura social. Onde a população desprenda-se do comodismo que as torna cegas e ajude na difícil e lenta tarefa de zelar pelos direitos humanos assegurados pela Constituição Federal.” (l. 22-26, R4). Nessas propostas de solução há a ideia da necessidade de engajamento das diferentes partes componentes da sociedade, governo, população, “conjuntura social”, para a resolução do problema.

No caso da R4 percebe-se mais características do gênero texto expositivo do que do gênero artigo, já que um maior posicionamento e argumentação em defesa desse são as principais características deste gênero solicitado pela prova e isto não ocorre na R4. Passemos à apresentação e análise da redação 5.

Figura 8 – Redação 5

1	Escravidão	
2	Cada vez mais vemos notícias sobre adultos e crianças que são	Introdução
3	encontrados em estado de calamidade em plantações e propriedades	
4	rurais, que sobrevivem sem as mínimas condições. (SE 1)	
5	É comum vemos pedidos de ajuda em produtos que compramos, e	
6	muitos destes nem sabemos a origem, em 2014 várias pessoas foram	Desenvolvimento
7	libertadas de canaviais onde eram escravas. (SE 2)	
8	Estima-se que na China crianças são forçadas a trabalhar 18 horas	
9	por dia em fábricas de calçados, roupas, brinquedos e utensílios. (SE 3)	Tese
10	As leis contra a escravidão devem ser mais rígidas, pois	
11	principalmente no Brasil, o país do “jeitinho”, os grandes latifundiários	
12	que escravizam pessoas muitas vezes saem impunes e cometem novos	
13	crimes novamente. (Arg. 1)	
14	Precisamos acabar de uma vez por todas com a escravidão,	
15	nenhuma pessoa merece ser aprisionada por outra e viver em	
16	condições precárias. (Arg. 2)	Conclusão

Na última redação analisada (R5), há dois trechos que marcam o posicionamento do autor em relação ao tema “As leis contra a escravidão devem ser mais rígidas” (l. 10, R5) e “Precisamos acabar de uma vez por todas com a escravidão” (l. 13, R5). Os dois excertos marcam posicionamento generalista em relação ao tema, já que se utiliza de clichê para expressar algo que é de conhecimento partilhado por muitos, isto é, que é preciso de leis mais rígidas visando coibir a prática de escravidão e chegar a sua erradicação. Aliás esse é um clichê usado não só para esse tema, como também para muitos outros que envolvem problemáticas sociais, como destacam Lottermann e Zanchet (2009). Portanto, não há um real posicionamento sobre o trabalho infantil, seguido ou antecedido de argumentos. Pode-se perceber também que o segundo excerto do último parágrafo reafirma a mesma tese generalista.

Identificamos, em mais da metade do texto, a presença de sequências expositivas que retomam dados, sem menção às devidas fontes. As sequências são as seguintes: SE 1 “Cada vez mais vemos notícias sobre adultos e crianças que são encontrados em estado de calamidade em plantações e propriedades rurais, que sobrevivem sem as mínimas condições.” (l. 2-4, R5); SE 2 “É comum vermos pedidos de ajuda em produtos que compramos, e muitos destes nem sabemos a origem, em 2014 várias pessoas foram libertadas de canaviais onde eram escravas.” (l. 5-7, R5); SE 3 “Estima-se que na China crianças são forçadas a trabalhar 18 horas por dia em fábricas de calçados, roupas, brinquedos e utensílios.” (l. 8-9, R5). Estas sequências demonstram que a prática de trabalho escravo ocorre com crianças e adultos em plantações e propriedades rurais, que muitos produtos trazem pedidos de ajuda, mas que não sabemos as origens destes, introduzem de forma abrupta as informações desconexas de que em 2014 muitas pessoas foram libertas de canaviais e de que na China muitas crianças são forçadas a trabalhar 18 horas em fábricas de mais diversos ramos. Como podemos observar, houve apropriação de informações contidas no texto motivador (e em outros materiais), com articulação frágil e desacompanhadas de procedimentos para indicação de sua inserção no texto.

Como argumentos identificamos dois excertos. O primeiro, “pois, principalmente no Brasil, o país do “jeitinho”, os grandes latifundiários que escravizam pessoas muitas vezes saem impunes e cometem novos crimes

novamente.” (l.10-12, R5), do tipo causa-consequência, salienta a causa do porquê da necessidade de enrijecimento das leis, já que no Brasil, segundo o texto, haveria o “jeitinho”, que traz como consequência a impunidade de muitos criminosos que voltam a cometer os mesmos atos ilícitos.

Em “nenhuma pessoa merece ser aprisionada por outra e viver em condições precárias” (l.13-14, R5), temos o segundo argumento do tipo causa-consequência que traz somente a causa do porquê precisamos acabar com a escravidão, ou seja, incorre em falha porque demonstra somente que ninguém merece ser aprisionado ou viver em condições precárias, mas não traz a consequência dos indivíduos viverem assim. Ao realizar a leitura global dessa última redação percebe-se que o autor apenas tangencia rapidamente o tema trabalho escravo infantil, visto que se refere bem mais à escravidão de forma geral.

Até aqui apresentamos a descrição e a análise de aspectos relativos à presença (ou ausência) de argumentação nas redações. Na próxima seção, expomos os dados identificados e categorizados nas redações do corpus em quadros e tabelas.

3.2 Exposição e comentários gerais sobre as teses e falhas

Primeiramente, nesta seção discorreremos sobre as teses identificadas nas redações e na sequência abordamos os argumentos identificados e as falhas encontradas.

3.2.1 Teses

O texto argumentativo caracteriza-se como o resultado de uma situação de comunicação na qual o sujeito se engaja numa polêmica de modo a sustentar um ponto de vista, visando a convencer ou a persuadir seu interlocutor, segundo Alves (2013). Deste modo, o ponto de vista representará a opinião do produtor entre tantas outras em relação à temática do texto.

Essa tomada de posição é denominada tese pela literatura especializada, caracteriza-se como um dos componentes da superestrutura argumentativa e direciona toda a argumentação a ser exposta no decorrer das redações, por isso

nossa opção por defini-lo primeiro item a ser observado. A tese, conforme Oliveira (2010 *apud* Alves, 2013, p. 53), pode ser explicitada por uma declaração inicial, por perguntas ou por uma frase incompleta, terminada por reticências.

Na sequência, segue o quadro com a tese identificada em cada texto analisado, com comentário geral sobre o posicionamento tomado.

Quadro 1- Teses

REDAÇÃO	TESE	
1	Tese <u>contra</u> a exploração de mão de obra infantil explícita em frases declarativas, presente no <u>desenvolvimento e conclusão</u> .	<p>Excertos:</p> <p>-“Vivemos num mundo tão grande, bom, mas ao mesmo tempo com realidades tão assustadoras” (l. 12-13)</p> <p>-“uma vida tão injusta.” (l. 20)</p> <p>-“Toda criança merece respeito, amor, família, educação, alimentação...” (l. 21)</p>
2	Tese <u>contra</u> a prática de trabalho escravo, explícita em frases declarativas no <u>desenvolvimento e conclusão</u> .	<p>Excertos:</p> <p>-“Tirar crianças de seus lares e familiares, praticamente jogando sua infância fora, realmente é um crime bárbaro e as pessoas responsáveis devem pagar.” (l. 10-12)</p> <p>-“Depois de libertas, a vida dessas crianças nunca mais vão ser as mesmas” (l.17-18)</p> <p>- “nunca devemos concordar com esse tipo de atitude” (l.23).</p>
3	Tese <u>contra</u> a prática de exploração de mão de obra e trabalho escravo. Destacamos os dois excertos abaixo como os de maior indício de posicionamento, isto é, uma insinuação de tese ao destacar as marcas deixadas no produto fruto de exploração. Salientamos também que o uso de modalizadores (transcritos abaixo)	<p>Excertos:</p> <p>- “Apesar do gosto amargo ou doce que o chocolate tráz, ele e marcado por varias historias” (l. 13-14)</p> <p>- “Pois a marca da excrevidão das pequena crianças e jovens estarão estampadas em seus rostos.” (l. 17-18)</p> <p>Modalizadores:</p> <p>-“<i>eternamente</i>” (l.15), para referir-se às marcas na</p>

	também nos indicam que o produtor não é favorável. Excertos concentrados na <u>conclusão</u> .	vida dos escravizados -“gosto <i>diferenciado</i> ” (l.17) para o produto da exploração -“ <i>pequena</i> ” (l.18) para qualificar a fragilidade dos explorados.
4	Tese <u>contra</u> a prática de trabalho escravo e infantil, explícita em frases declarativas na introdução e conclusão e no uso de modalizadores.	Excertos: - “o mundo ainda enfrenta grandes obstáculos que necessitam serem superados, dentre eles, o tráfico humano e a exploração infantil. Que encontram-se em expansão.” (l. 4-6) -“crimes <i>contra</i> a dignidade humana” (l.27) Modalizadores: -“ <i>lamentável</i> ” (l.7) ainda termos atitudes retrógradas praticadas com frequência no século passado, sendo executadas na atualidade. - “ <i>marcas vergonhosas</i> de séculos passados” (l.8-9) para referir-se à escravidão. - “ <i>Idespresíveis</i> ” (l.25) para a caracterização dos locais em que os explorados trabalham.
5	Tese <u>contra</u> o tráfico de pessoas para o trabalho escravo, explícita em frases declarativas no último parágrafo de <u>desenvolvimento e no de conclusão</u> .	Excertos: -“As leis contra a escravidão devem ser mais rígidas” (l.10) -“Precisamos acabar de uma vez por todas com a escravidão” (l.14)

Fonte: Banco de dados da pesquisadora

Primeiramente, em relação à tomada de posição, elemento necessário no texto argumentativo, é importante salientar que os textos do *corpus* de um modo geral, satisfazem a esse critério. Das cinco redações analisadas quatro apresentam uma tese em forma de declaração, tal qual os materiais indicam e uma apresenta um posicionamento à proposta em alguma parte do texto marcado pelo uso de modalizadores.

Tabela 3 – Identificação da posição da tese nas redações

Redações com tese explícita	Redações com esboço de tese identificada no uso de modalizadores
4	1

Em relação à parte do texto em que a tese é apresentada, encontramos a seguinte disposição: três teses explícitas no desenvolvimento e na conclusão, uma na introdução e conclusão, nenhuma somente na introdução, no desenvolvimento ou conclusão, e uma identificada pelos modalizadores usados no decorrer do texto. Abaixo segue a tabela demonstrando em quantidade a posição da tese em relação ao *corpus*.

Tabela 4 – Tese explícita em frase declarativa: localização na estrutura da redação

Introdução	Desenvolvimento	Introdução e desenvolvimento	Introdução e conclusão	Desenvolvimento e conclusão
			R4	R1 - R2 – R5

Destaca-se a preferência pela marca do posicionamento a partir do meio do texto para o fim, como foi observado por Alves (2013).

Na defesa da tese são usados no decorrer do texto argumentos que se constituem como componentes de um projeto para a não refutação de seus posicionamentos. Não é possível determinar como os argumentos estarão configurados, pois estes podem se configurar em relações lógicas ou podem se configurar em outros modos de organização e irão variar, de acordo com a temática a que estarão relacionados, além de serem uma construção sociocultural que emerge das relações sociais e conhecimentos do produtor. Muitos textos argumentativos dos alunos fracassam por estarem comprometidos na apresentação de argumentos facilmente refutáveis ou ausentes. Dessa maneira o segundo item a ser identificado foram os argumentos utilizados pelos candidatos na defesa do ponto de vista.

Antes de apresentarmos os argumentos identificados e a classificação de cada um, é importante destacar a alta incidência de sequências expositivas nas

redações analisadas. Todas as redações apresentaram pelo menos duas sequências expositivas, quando não quase que o texto todo composto por elas. Classificamos com essa nomenclatura determinados excertos dos textos (em verde nas imagens), pois eles não argumentavam em direção à comprovação da tese, e sim traziam informações que comprovavam a existência de trabalho escravo ou exploração infantil, demonstravam como estes aconteciam ou retomavam dados do texto motivador.

Adam (2011), ao trabalhar com os gêneros textuais, destacou que estes são compostos de sequências textuais que os caracterizam como sendo textos do gênero narrativo, descritivo, argumentativo e etc. O autor destaca que a classificação se dá pela avaliação do tipo de sequência dominante, já que em um mesmo texto podem ser encontradas sequências narrativas e descritivas, por exemplo. Nessa perspectiva, a *sequência argumentativa* apresenta uma tese, a defesa, a contra-argumentação e a conclusão; e a *sequência explicativa/expositiva* apresenta informações, conhecimentos sobre conceitos, definições, acontecimentos.

O que é importante destacar é o fato de Adam (2011) sinalizar que o aprendizado dos tipos de sequências textuais pelos indivíduos se dá por meio do relacionamento com textos de diferentes gêneros (orais ou escritos), assim, supõe-se pela grande incidência de sequências expositivas nas redações analisadas, quando a maior parte deveria ser de sequências argumentativas, que os vestibulandos não têm grande contato com textos classificados como argumentativos.

Bakhtin destaca que não há transferência de conhecimentos de gêneros, já que mesmo dominando alguns, pode-se demonstrar dificuldades de interação em outros. Neste caso o problema pode estar relacionado ao desconhecimento das características específicas do gênero daquele tipo de interação.

Rodrigues (2000) comenta que um dos fatores para o bom desempenho linguístico-discursivo nas diferentes áreas de interação depende da compreensão e do domínio dos gêneros que circulam em cada uma. Desse modo há a necessidade de um projeto pedagógico para a produção escrita, a fim de proporcionar o maior contato possível com os gêneros textuais existentes e desenvolver as habilidades escritas. Como enfatiza a autora, deve-se orientar (sem excluir os demais gêneros

orais) para aqueles gêneros cujo domínio é necessário para o bom desempenho escolar e para a plena participação na vida social pública.

Seguimos agora na próxima subseção com a exposição em conjunto dos argumentos e falhas encontrados e suas classificações.

3.2.2 – Argumentos e falhas

Primeiramente, nesta subseção, expomos cinco quadros referentes aos itens identificados e analisados nas redações do *corpus*. Cada quadro é dedicado ao detalhamento dos itens analisados em cada redação. Assim dispomos a tese, os argumentos, suas classificações tipológicas, segundo as características dos argumentos expostas no capítulo sobre teoria da argumentação, e as respectivas falhas encontradas.

Quadro 2 – Redação 1: tese, argumentos, tipo de argumento e falha encontrada

R1	TESE	Tese identificada em frases declarativas -“Vivemos num mundo tão grande, bom, mas ao mesmo tempo com realidades tão assustadoras” (l. 12-13) -“uma vida tão injusta.” (l. 20) -“Toda criança merece respeito, amor, família, educação, alimentação...” (l. 21)
	ARGUMENTO	TIPO DE ARGUMENTO E FALHA
	Arg. 1 “Essas mesmas crianças são obrigadas a trabalhar em situações vulneráveis, sem dignidade e perdem parte importante de suas vidas” (l. 3-6)	Arg. 1: Causa-consequência -Sem falha.
	Arg. 2 “como brincar e estudar, crescer como criança.” (l. 9-10)	Arg. 2: Enumerativo - Sem falha. Enumeração do fato veio primeiro.
	Arg. 3 “pessoas cada vez pensando só nelas, poder aquisição, status, pessoas desumanas, avassaladoras...” (l. 17-18)	Arg. 3: Causa-consequência -Falha de deslocamento que provoca uma quebra de sequência.
	Arg. 4 “Estamos caminhando para tempos modernos, chip, inovações, robôs substituindo homens, e olha só:- Crianças trabalhando? Onde?” (l.18-21)	Arg. 4: Consenso -Falha de continuidade e pressupõe que o leitor preencheria a lacuna semântica
Arg. 5 “Para nós fica a imagem de um	Arg. 5: Causa-consequência	

chocolate gostoso, que muitas vezes passou por mãos tão pequeninas que traziam consigo o gosto amargo de uma vida tão injusta.” (l. 22-25)	- Causa implícita nos argumentos anteriores.
Arg. 6 “Toda a criança hoje é a imagem de um “ser grande” – homem amanhã.” (l. 27-28)	Arg. 6: Consenso -Falha ao realizar uma citação de lugar comum.

Fonte: Banco de dados da pesquisadora

Quadro 3 – Redação 2: tese, argumentos, tipo de argumento e falha encontrada

R2	TESE	Tese identificada em frases declarativas -“Tirar crianças de seus lares e familiares, praticamente jogando sua infância fora, realmente é um crime bárbaro e as pessoas responsáveis devem pagar.” (l. 10-12) -“Depois de libertas, a vida dessas crianças nunca mais vão ser as mesmas” (l.17-18) - “nunca devemos concordar com esse tipo de atitude” (l.23).
	ARGUMENTO	TIPO DE ARGUMENTO E FALHA
	Arg. 1 “o ser humano não tem limites, até onde vai toda essa maldade?” (l. 7).	Arg. 1: Consenso -Falha ao citar um lugar comum.
	Arg. 2 “Deveria haver uma rígida fiscalização, não somente nas plantações de cacau, em todos que envolvem denúncias.” (l.8-9).	Arg. 2: Enumerativo - Falha na falta de conector na passagem do primeiro exemplo para o segundo e falha em generalizar no segundo exemplo, já que deveria ter especificado que lugares são aqueles em que ocorre exploração de mão de obra escrava.
	Arg.3 “Chega num ponto em que a sociedade não agüenta ver tanta dor, tristeza, ligamos nossas televisões em qualquer horário; Somente notícias ruins, não podemos aceitar e deixar esse tipo de situação passar despercebido.” (l.12-14)	Arg. 3: Causa-consequência -Falha na afirmação generalizadora de que há somente notícias ruins a passar nos noticiários. Na parte final há uma falha na expressão de senso comum de cunho moralista por meio de discurso exortativo.
	Arg. 4 “como se sentiria, se seus filhos fossem arrancados de você a força?” (l.16, R2)	Arg. 4: Não conseguimos classificar. -Falha porque pretendia ter força de argumento, mas ficou somente como uma marca de interlocução.
	Arg. 5 “Será mesmo que o gosto adoçado do chocolate vale realmente a pena, sendo levado em consideração cada gota de suor escravo derramado?” (l. 17-18)	Arg. 5: Causa-consequência -Sem falha
	Arg. 6 “Não devemos fazer ao próximo o que não queremos para nós”, reflitam e procurem saber a origem de cada produto adquirido” (l.18-20)	Arg. 6: Consenso -Sem falha

--	--	--

Fonte: Banco de dados da pesquisadora

Quadro 4 – Redação 3: tese, argumentos, tipo de argumento e falha encontrada

R3	TESE	<p>Tese <u>contra</u> a prática de exploração de mão de obra e trabalho escravo. Destacamos os dois excertos abaixo como os de maior indício de posicionamento, isto é, uma insinuação de tese ao destacar as marcas deixadas no produto fruto de exploração. Salientamos também que o uso de modalizadores (transcritos abaixo) também nos indicam que o produtor não é favorável. Excertos concentrados na <u>conclusão</u>.</p> <p>Excertos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Apesar do gosto amargo ou doce que o chocolate traz, ele e marcado por varias historias” (l. 13-14) - “Pois a marca da excrevidão das pequena crianças e jovens estarão estampadas em seus rostos.” (l. 17-18) <p>Modalizadores:</p> <ul style="list-style-type: none"> -“eternamente” (l.15), para referir-se às marcas na vida dos escravizados -“gosto diferenciado” (l.17) para o produto da exploração -“pequena” (l.18) para qualificar a fragilidade dos explorados.
	ARGUMENTO	TIPO DE ARGUMENTO E FALHA
	<p>Arg.1 “marcado por varias historias, que quem já vivenciou consegue explicas de uma for que na vida dessa pessoas ficará eternamente lembrada, fazendo com que cada chocolate quefoi fabricado, por cada um tenha um gosto diferenciado” (l.14-17, R3)</p>	<p>Arg. 1: Causa-consequência -Falha na organização que prejudica a clareza do argumento</p>

Fonte: Banco de dados da pesquisadora

Quadro 5 – Redação 4: tese, argumentos, tipo de argumento e falha encontrada

R4	TESE	<p>Tese <u>contra</u> a prática de trabalho escravo e infantil, explícita em frases declarativas na introdução e conclusão e no uso de modalizadores.</p> <p>Excertos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “o mundo ainda enfrenta grandes obstáculos que necessitam serem superados, dentre eles, o tráfico humano e a exploração infantil. Que encontram-se em expansão.” (l. 4-6) -“crimes contra a dignidade humana” (l.27) <p>Modalizadores:</p> <ul style="list-style-type: none"> -“lamentável” (l.7) ainda termos atitudes retrógradas praticadas com frequência no século passado, sendo executadas na atualidade. - “marcas vergonhosas de séculos passados” (l.8-9) para referir-se à escravidão. - “Idespresíveis” (l.25) para a caracterização dos locais em que os exploradps trabalham.
	ARGUMENTO	TIPO DE ARGUMENTO E FALHA
	Nenhum argumento foi identificado.	-

Fonte: Banco de dados da pesquisadora

Quadro 6 – Redação 5: tese, argumentos, tipo de argumento e falha encontrada

R5	TESE	<p>Tese identificada em frases declarativas</p> <ul style="list-style-type: none"> -“As leis contra a escravidão devem ser mais rígidas” (l.10) -“Precisamos acabar de uma vez por todas com a escravidão” (l.14)
	ARGUMENTO	TIPO DE ARGUMENTO E FALHA
	Arg.1 “As leis contra a escravidão devem ser mais rígidas, pois principalmente no Brasil, o país do “jeitinho”, os grandes latifundiários que escravizam pessoas muitas vezes saem impunes e cometem novos crimes novamente.” (l.10-13, R5)	Arg. 1: Causa-consequência -Sem falha.

	Arg. 2 “Precisamos acabar de uma vez por todas com a escravidão, nenhuma pessoa merece ser aprisionada por outra e viver em condições precárias.” (l.15-16, R5)	Arg. 2: Causa-consequência -Falha ao não trazer a consequência dos indivíduos viverem em situações precárias.
--	--	---

Fonte: Banco de dados da pesquisadora

Percebe-se que a utilização de argumentos foi mais frequente na primeira e na segunda redação. Na terceira, quarta e quinta, a incidência de argumentos é baixa, na quarta redação não conseguimos identificar nenhum. A presença de poucos argumentos nas três últimas deve-se ao índice elevado de sequências expositivas que não contribuem para o posicionamento dos produtores, mas, sim, revelam a existência do problema exposto na temática ou até mesmo parafraseiam as informações do texto motivador sem indicação da voz que as emitiram.

Os falantes valem-se do discurso argumentativo com fins de influenciar o outro a adotar seu posicionamento, atitude ou avaliação do tema e para isto Koch (2009) destaca que o texto deve ser organizado de forma que direcionem a uma determinada conclusão. Já Sousa (2012) salienta que articular pontos de vista, posicionar-se de forma pessoal em relação a um tema polêmico, defender uma tese com argumentos válidos do ponto de vista racional e ético são ações fundamentais para uma argumentação efetiva. Como podemos perceber na análise das redações do corpus, os candidatos não atingiram tais ações e não foram eficazes no convencimento de seus interlocutores, já que construíram texto em sua maior parte expositivos e argumentos com falhas. Isto justifica o fato de terem recebido notas medianas. As notas medianas decorrem principalmente porque, como destacam Dittrich, Favaretto e Moraes (2009), quando o aluno/candidato produz seus textos argumentativos, é avaliado na medida em que suas asserções estão apoiadas em dados, evidências ou de que modo ele articula sua produção em torno de informações insuficientes em sustentação.

Ao apresentar redações com baixo nível de argumentatividade e falhas nos argumentos, os candidatos não conseguem desenvolver uma argumentação que faça com que aquele a quem ela se destina lhe preste alguma atenção, já que este é o fator fundamental, segundo Perelman; Olbrechts-Tyteca (2005), para que a argumentação se desenvolva efetivamente. Nas redações analisadas isto não

acontece pois não há a presença de elementos convincentes e claros o suficiente para mudar a forma de pensar do receptor.

Quanto à tipologia dos 15 argumentos identificados nas 5 redações analisadas, percebe-se maior utilização de argumentos do tipo causa-consequência (8), seguido dos de consenso (4) e dos de enumeração (2). Não conseguimos atribuir uma classificação específica para o argumento 4 da R3, e o caracterizamos como uma marca de interlocução que pretendia ter força de argumento, mas não foi bem sucedido.

Quanto às falhas diagnosticadas, percebe-se que quase todos os argumentos apresentaram falhas. As falhas encontradas foram: de organização textual ou ruptura de continuidade que impedem a clareza do argumento, de citação de lugar comum, como diagnosticado por Lottermann e Zanchett (2009) e Rocco (1981), falta de conector, como diagnosticado por Rocco (1981), e por presença de premissas fracas. Para Weston (1996) se o produtor perceber que não pode sustentar seus argumentos porque estes partem de premissas fracas ou inadequadas, deve-se repensar ou abandonar os argumentos, já que por consequência a conclusão também será fraca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado no decorrer desta pesquisa, e salientado por autores como Ducrot (1987, 2009), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Koch (2009, 2010), argumentar é uma atividade essencial à efetiva comunicação humana, visto que saber defender pontos de vistas é necessário para a vida social e para nosso posicionamento como ser críticos. No decorrer de nossas vidas, na maior parte das vezes somos incitados a argumentar em situações orais, mas em certos momentos somos desafiados a manifestar nossas opiniões e a defendê-las na modalidade escrita.

A situação do vestibular, especificamente na prova de redação, é uma destas situações em que precisamos argumentar efetivamente na modalidade escrita e neste instante surgem muitas dificuldades em apresentar uma argumentação eficaz, isso decorre do fato de que argumentar exige operações argumentativas e habilidades linguísticas bem mais complexas, já que os recursos visuais e entoacionais não podem ser acionados. Desta forma, o texto escrito tem de ser claro, coeso e coerente para ser interpretado da maneira adequada e para causar no leitor a mudança de comportamento, que se caracteriza como o principal objetivo da argumentação.

Levando em conta a relevância da argumentação em nossas interações sociais mediadas pela linguagem (oral ou escrita), a importância dela no momento da avaliação dos textos solicitados para o ingresso à universidade, as inúmeras notas baixas ou zeradas das redações e queixas de professores, corretores e alunos da dificuldade em encontrar e realizar argumentações efetivas, iniciamos nossa pesquisa como os seguintes questionamentos: 1. Há falhas de argumentação em redações do vestibular do gênero artigo de opinião da Universidade XX (IES situada no interior do estado do Paraná), referida anteriormente? 2. Em sendo afirmativa a resposta à pergunta anterior, que tipos de falhas estão presentes nas redações analisadas?

Para encontrarmos respostas para tais perguntas, analisamos cuidadosamente 5 redações do gênero artigo de opinião com notas entre 20 e 40 de um total de 60, ou seja, redações medianas, em busca de falhas argumentativas. Partimos do pressuposto de que quem as escreveu são pessoas que estão

concluindo ou que já concluíram o Ensino Médio, de quem se espera que, após pelo menos dez anos de escolarização, tenham desenvolvido a capacidade de argumentar em textos escritos.

A descrição e a análise nos permitiram constatar que a capacidade de argumentação dos produtores dos textos do nosso *corpus* requer ainda ser melhor desenvolvida, visto que encontramos falhas argumentativas em 9 de um total de 15 argumentos identificados na totalidade das cinco redações. As falhas argumentativas diagnosticadas demonstram fragilidades no domínio das características dos argumentos, pois alguns destes do tipo causa-consequência ou não trazem a causa ou não declaram a consequência. Observamos também um uso reduzido de tipos de argumentos, conforme classificação descrita na literatura que aborda esse tema, o que pode ser uma evidência de desconhecimento sobre tipos que podem ser utilizados para o convencimento do outro. Os argumentos presentes no *corpus* foram, em geral, de causa-consequência, consenso e enumerativo, mesmo assim com baixa incidência.

Outra das falhas mais constatadas nos argumentos apresentados é a afirmações de lugar comum, clichês ou senso comum, que acabam por enfraquecer a argumentação, pois as afirmações realizadas são superficiais, repetindo-se informações desgastadas, que pouco ou nada acrescentam à força argumentativa em defesa de um dado ponto de vista/tese. Outra falha encontrada com certa frequência foi de falta de organização textual, que acaba por prejudicar a clareza da informação, incidindo também sobre a qualidade e a adequada apresentação dos argumentos. Isso pode ser resultante das condições de produção das redações em análise (prova de redação de vestibular), uma vez que se escreve para um interlocutor real, banca de correção de redações da instituição, mas tem-se como parâmetro de composição e interlocutor hipotético o da situação contida na proposta pela qual optou. Entretanto, acreditamos que um escritor competente conseguiria lidar com essa bidirecionalidade, sem prejudicar a organização de seu texto na defesa de um ponto de vista e de argumentos que lhe deem sustentação. A partir da análise realizada, nosso ponto de vista é de que essas falhas expressam um manuseio pouco frequente da argumentação na modalidade escrita da língua, tanto no contexto escolar quanto fora dele. Outra falha localizada no *corpus* foi decorrente da falta de conector do tipo “não só, mas também....”, na qual o produtor não

mencionou a segunda parte da informação, de modo que produziu uma ruptura na cadeia de raciocínio e de apresentação de informações. Informações generalizantes também foram observadas. Nesse caso, esse tipo de informação diminui a força deixando a redação ou partes dela superficiais. A ausência de especificação prejudica o conteúdo dos argumentos e por vezes a própria clareza do texto, enfraquecendo premissas, argumentos e síntese.

Mais preocupante ainda foi o que observamos em R4, na qual não conseguimos identificar nenhum argumento explícito, apenas a tese e o uso de modalizadores que acenam para um ponto de vista. A baixa identificação de argumentos deve-se ao fato de que todos os textos, alguns mais outros menos, apresentaram número elevado de sequências expositivas que comprovavam a existência do problema da exploração de mão de obra infantil e escrava ou reproduziam o discurso do texto motivador, mas não demonstravam posicionamento do produtor ou comprovavam a tese apresentada. Destacamos que o uso de sequências expositivas é pertinente, mesmo em redações do gênero artigo de opinião. Elas podem sim ser utilizadas para realizar contextualizações de modo a situar o interlocutor quanto ao tema em pauta. O problema é quando compõem a maior parte de uma redação em que o tipo de sequência principal é a argumentativa, que compreende no mínimo a apresentação de um ponto de vista/posicionamento/tese, seguida de argumentos e contra-argumentos e de síntese. Desse modo, o uso excessivo de sequências expositivas, ao invés de auxiliar na formulação da argumentação, podem prejudicá-la, principalmente quando se produz uma redação com um pequeno número de linhas.

Queremos destacar ainda a dificuldade enfrentada por nós no momento da descrição e análise dos dados. Nossos passos de análise consistiam em primeiro encontrar a tese da redação para depois identificar os argumentos utilizados para comprová-la. Encontramos inúmeros obstáculos nesta etapa de identificação de tese e argumentos, pois a literatura que versa sobre estes componentes do texto argumentativo traz exemplos modelares do que seria uma tese, quase sempre definida como uma frase declarativa, e de como se apresentariam cada tipo de argumento, trazendo como exemplos excertos de textos jornalísticos bem escritos, na maioria das vezes. Salientamos que quando fomos para os textos dos vestibulandos, as características disponibilizadas na literatura se mostraram de difícil

localização e identificação, uma vez que estes apresentaram problemas de diversas ordens, como baixa informatividade, falhas de coesão, de progressão e de uso formal da língua, por exemplo, resultando em truncamentos, que tornaram árdua a percepção de teses e argumentos (quando haviam). Uma prova disso é a adaptação que tivemos que fazer para identificar as teses por meio da localização e análise dos modalizadores presentes nas redações, além do fato de que observamos a presença daquilo que seria a tese sendo colocado esparsamente em mais de uma sequência do texto.

Nossa análise mostrou, portanto, falhas no âmbito da argumentação, tais como as aqui elencadas, além do uso de trechos do texto motivador contido nas propostas de redação do vestibular. Estes, se bem empregados, podem colaborar para a argumentatividade. No entanto, no *corpus* observamos um alto grau de dificuldade quanto à inserção das vozes do texto motivador: ausência de emprego de recursos linguísticos e de pontuação que articulam a voz do autor da redação com aquelas vozes. O que houve de modo mais frequente foi a apropriação e explicitação dessas vozes com pouca ou nenhuma indicação das fontes. Tal questão mostra limitações na abordagem de um conteúdo bastante comum nos currículos: o uso de discurso direto, indireto e indireto livre e suas possibilidades de manifestação na superfície textual. Nas redações analisadas quase que em sua totalidade, somente houve a reprodução fiel (e às vezes até infiel, deturpando as informações do texto motivador) de informações relacionadas à exploração de mão de obra infantil e trabalho escravo nas plantações de cacau. Ao mesmo tempo, pudemos conferir que houve pouca (para não dizer que não houve, correndo o risco de fazer uma afirmação improcedente), extrapolação do texto motivador. De modo geral, as cinco redações remetem predominantemente a esse texto.

Fundamentados nos estudos de Adam (2011), como dissemos anteriormente, entendemos que as redações em análise deveriam ter como sequência predominante a argumentativa, considerando que o gênero solicitado era artigo de opinião, o qual requer a apresentação de pontos de vista, seguidos de argumentos e de contra-argumentos para atingir o objetivo de convencimento, podendo, sim, existir outros tipos de sequências que poderiam contribuir para atingir os propósitos argumentativos visados, porém estas deveriam aparecer com menos incidência.

Lembramos que Leal e Morais (2006) mencionam em seus estudos a importância de que os aprendizes tenham contato com a maior diversidade possível de textos e em diferentes contextos de interação em suas trajetórias escolares, a fim de que possam desenvolver suas capacidades de escrita e comunicação. Os autores ainda assinalam que trabalhar com textos de opinião na escola contribui imensamente para a vida dos indivíduos, já que sustentar um posicionamento em relação a determinado assunto é essencial na conquista de espaço social e autonomia.

A incidência elevada de sequências expositivas, ao invés de sequências argumentativas nos textos analisados, pode decorrer das dificuldades encontradas na produção de textos escritos tanto por crianças, como por adolescentes e adultos, como apontado por Leal e Morais (2006). Dificuldades como a inabilidade nas operações cognitivas necessárias para a produção; o maior nível de complexidade das estruturas textuais; a falta de familiaridade com esses modelos na escola; as condições de produção de textos em que se busca argumentar; a conjugação de alguns desses fatores; por outros fatores; ou por processos didáticos inadequados, que não conduzem a práticas diversificadas de escrita.

Salientamos que a pesquisa em questão foi relevante, pois apontou aspectos da argumentação em textos escritos que podem servir de subsídios para o ensino da produção textual na escola, no que diz respeito ao domínio da capacidade de linguagem da ordem do argumentar, já que realizar esta ação com eficiência exige organização, para que um argumento articule-se ao outro de maneira harmônica e inteligível, buscando a produção de sentido.

Frisamos a necessidade de mais estudos nesta área e que estes aprofundem a identificação das falhas argumentativas mais recorrentes em *corpus* maiores de estudo, e que apontem caminhos para a superação destas. Reconhecemos que o percurso aqui empreendido não é definitivo, tampouco o único possível. As descrições e análises que fizemos talvez digam mais sobre o nosso estágio de desenvolvimento e de conhecimento sobre o tema argumentação, do que propriamente sobre as possibilidades de análise que o *corpus* oferece. Ainda assim, procuramos fazê-las fundamentando-nos em estudos de pesquisadores que há muito se debruçaram/debruçam sobre o assunto. A descrição e a análise de redações de vestibular quanto à argumentação foi desafiadora, principalmente

porque nos provocou a pensar não a partir dos modelos encontrados na literatura, mas daquilo que esses textos reais compreendiam, produzindo em nós sentimentos de absoluto desconforto e deriva, mas que pouco a pouco foram sendo superados pelo desejo de produzir inteligibilidades sobre argumentação e falhas na argumentação em redações de vestibular.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J. M. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALVES, M. **Como escrever teses e monografias**: um roteiro passo a passo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- ALVES, R. C. **Dissertações de vestibular e ensino da argumentação escrita**. 2013. 163f. Tese (Doutorado em Letras). Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- BAKHTIN, M./ VALOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- _____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAUMGÄRTNER, C. T.; CRUZ, C. A. A. S. Gêneros do discurso: apontamentos. In: CATTELAN, J. C.; LOTTERMANN, C. (Coord.) **A redação do vestibular da Unioeste**: alguns apontamentos à luz da linguística textual. Cascavel: Edunioeste, 2009.
- BÍBLIA SAGRADA. **Há, para todas as coisas, um tempo determinado por Deus**. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: Clever, 2001. p. 640. Velho Testamento e Novo Testamento.
- CAREL, M; DUCROT, O. Por uma análise argumentativa global do sentido. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**. v.9, n.2, p. 238-253, jul./dez.2013.
- CARTACAPITAL. No Brasil, o trabalho infantil atinge 2,7 milhões de crianças e adolescentes. **CartaCapital**, 17 out. 2017, Caderno de Sociedade. Disponível em:<

<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/no-brasil-o-trabalho-infantil-atinge-2-7-milhoes-de-criancas-e-adolescentes/>>. Acesso em: 21 de dezembro de 2018.

COELHO, M. O. C. **Redação para o ENEM**. São Paulo: EDIPRO, 2015.

CORBARI, A. T. Modalizadores: a negociação em artigo de opinião. **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, Tubarão, SC, v. 16, n.1, p.117-131, jan./abr. 2016.

DITTRICH, I. J.; FAVARETTO, R. A. MORAES, M. A. B. de.; Dissertação e argumentação na redação do vestibular. In: CATTELAN, J. C.; LOTTERMANN, C. (Coord.) **A redação do vestibular da Unioeste**: alguns apontamentos á luz da linguística textual. Cascavel: Edunioeste, 2009.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Ver. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

_____. Argumentação retórica e argumentação linguística. **Letras de hoje**. v.44, n.1, p.20-25, jan/mar, 2009. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/5648/4116>.

Acessado: em 12 de março de 2018.

ERICKSON, F. Métodos qualitativos de investigación sobre la enseñanza. In: WITTRICK, M. C. **La investigación de la enseñanza**. Buenos Aires: Paidós. v. 2: métodos cualitativos y observación, 1988.

FERREIRA, N. S. de. A. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. Ago. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>>. Acesso em: 11 julho de 2017.

FIORIN, J. L. Modalização: da língua ao discurso. **Alfa**: Revista de Linguística. v. 44. São Paulo, 2000. Disponível em:<

<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4204>>. Acesso em: 21 de dezembro de 2018.

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1969.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, S. **Pesquisa qualitativa - tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, v.35, n. 3, Mai/Jun. p.20.29, 1995.

GOMES, H. F.; LOSE, A. D. **Documentos científicos: orientações para a elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos**. Salvador: UFBA, 2007.

HOFFMANN, C. A. et al. A argumentação em texto de vestibular da Unioeste de 2007. In: CATTELAN, J. C.; LOTTERMANN, C. (Coord.) **A redação do vestibular da Unioeste: alguns apontamentos à luz da linguística textual**. Cascavel: Edunioeste, 2009.

KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **A coerência textual**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, I. V. **A inter-ação pela linguagem**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Argumentação e linguagem**. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KÖCHE, V. S; BOFF, O. M. B.; MARINELLO, A. F. **Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor**. Petrópolis: Vozes, 2010.

LEAL, T. F.; MORAES, A. G. de. **A argumentação em textos escritos: a criança e a escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LEFFA, V. J. A linguística aplicada e seu compromisso com a sociedade. **Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada**, 6, 2001, Belo Horizonte, MG. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/la_sociedade.pdf. Acesso em: 12 de abril de 2018.

LOTTERMANN, C.; ZANCHET, M. B. Construção e desconstrução do senso comum. In: CATTELAN, J. C.; LOTTERMANN, C. (Coord.) **A redação do vestibular da Unioeste**: alguns apontamentos à luz da linguística textual. Cascavel: Edunioeste, 2009.

NASCIMENTO, J. L.; CHIARO, S. Análise da produção argumentativa em redações de jovens pré-acadêmicos. **Tópicos Educacionais**. Recife. v. 21. n. 1, jan/jun. 2015. Disponível em: <
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/download/22413/18606>
>. Acesso em: 21 de dezembro de 2018.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. **Bakhtin**: conceitos-chave. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MAGALHÃES, M. M. A argumentação em redações escolares. SILEL - SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 3, 2013, Uberlândia, MG. Anais do SILEL, EDUFU, 2013. p. 1-13.

MARCUSCHI, L. A. Aspectos da questão metodológica na análise verbal: o continuum qualitativo-quantitativo. **Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, Caracas, v.1, n. 1, p.23-42, 2001.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Ed. 2. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. Disponível em: <
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/322091/mod_resource/content/1/MARCUSCHI%20G%C3%AAneros%20textuais.pdf>. Acesso em: 28 de junho de 2018.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MEDEIROS, A. E. de.; DIAS, A. M. I. O estado da arte sobre a pesquisa em educação do campo na região nordeste (1998 – 2015). **Revista Cadernos de Pesquisa.** [on-line]. São Luís. v. 22. n. 3, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2178-2229.v22.n3.p.115-132>>. Acesso em: 11 julho de 2017.

MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

OLIVEIRA, J. S. **A argumentação e ensino de escrita no ensino fundamental:** uma proposta de intervenção. 2016. 163f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Centro de Ensino Superior de Seridó. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Currais Novos.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação:** a nova retórica. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ROCCO, M. T. F. **Crise na linguagem:** a redação no vestibular. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

RODRIGUES, R. H. O artigo jornalístico e o ensino da produção escrita. In: ROJO, R. (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula:** praticando os PCNs. São Paulo: Educ, Mercado das Letras, 2000.

_____. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo:** cronotopo e dialogismo. 2001. 356f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e

Estudos da Linguagem). Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

ROJO, H. R. R. Fazer Linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SANTOS, A. R. B.; HACK, J. R. **As marcas linguísticas da sequência argumentativa no gênero artigo de opinião**. CELLIP, 19, 2009, Cascavel, PR. Disponível em:< <http://www.hack.cce.prof.ufsc.br/wp-content/uploads/2010/01/Cellip2009.pdf>> Acesso em: 24 de agosto de 2018.

SANTOS, R. M. B. **Argumentação**: uma análise da organização textual em produções escritas do ensino médio. 2015. 171f. Tese (Doutorado em Letras). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SARMENTO, Leila Lauar. **Oficina de Redação**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2013.

SAVIOLI, F. P; FIORIN, J. L. **Para entender o texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1992.

SILVA, L. P. Sequências textuais. IESDE BRASIL. Disponível em:< www.portalava.com.br/ava/videoAulasOnlineAssinatura/aulas/...=/download> Acesso em: 21 de dezembro de 2018.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: SILVEIRA, D. Tolf. GERHARDT, T. E. (Org). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-42.

SOUSA, V. de. **Redação**. Belo Horizonte: Editora Educacional, 2012. Coleção préEnemVest.

TOULMIN, S. **Os usos dos argumentos**. Tradução de Reinaldo Guarany. Martins Fontes: São Paulo, 2001.

UBER, T. J. B. **Artigo de opinião**: estudos sobre um gênero discursivo. 2008. Disponível em: <
http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_terezinha_jesus_bauer_uber.pdf>. Acesso em: 29 de junho de 2018.

UNIVERSIDADE XX. **Manual do candidato: concurso vestibular 2016**. Cascavel, 2015. Disponível em: <
<https://www5.unioeste.br/portal/arquivos/vestibular/publicacoes/2016/002.pdf>>
Acesso em: 04 de agosto de 2017.

_____. Caderno de provas segundo dia de provas do vestibular 2016. Cascavel, 2016. Disponível em: <
<https://www5.unioeste.br/portal/arquivos/vestibular/publicacoes/2016/006.pdf>>
Acesso em: 30 de junho de 2018.



VIANA, A. C. M. (Coord.) **Roteiro de redação**: lendo e argumentando. São Paulo: Scipione, 2010.

VIEIRA, M. S. **A construção do argumento no ensino médio**: uma investigação dos recursos argumentativos no gênero dissertativo-argumentativo escolar. 2013. 290f. Tese (Doutorado em Letras). Centro de Artes e Comunicação – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco.

WESTON, A. **A arte de argumentar**. Tradução e apêndice: Desidério Muchó. Gradativa: Lisboa, 1996. Disponível em: <
<https://everleit.files.wordpress.com/2013/04/a-arte-de-argumentar.pdf>> Acesso em: 24 de agosto de 2018.

ZÁTTERA, P.; BAUMGÄRTNER, C. T. A questão da coerência em textos escritos por alunos do ensino fundamental. In: COSTA-HÜBES, T. da C.; ROSA, D. C. da.

(Orgs.). **A pesquisa na educação básica: um olhar para a leitura, a escrita e os gêneros discursivos na sala de aula.** Campinas: Pontes Editores, 2015.

 6508052	REDAÇÃO VERSÃO DEFINITIVA	3.0 
INSTRUÇÕES: 1) CUIDADO! Não amasse, não dobre, nem suje este cartão, sob pena de impossibilidade de reconhecimento pelos equipamentos ópticos. 2) Utilize caneta esferográfica PRETA.		
<p>O Amargo gosta do Chocolate.</p>		
<p>Hoje em dia temos acesso fácil como TV, internet, mídia, noticiários que nos relatam um alto índice de crianças em países pobres trabalhando. Na África há maioria dessas crianças não tem pai e nem mãe, os mesmos morrem de fome ou pela guerra lutando por idios melhores.</p>		01 02 03 04 05 06
<p>Essas mesmas crianças são obrigadas a trabalhar em situações vulneráveis, sem dignidade e perdem parte importante de suas vidas como brincar e estudar, crescer como criança. Na África centenas de crianças trabalham colhendo derivados do chocolate, e muitas dessas nem se quer conhece o gosto desse tão bom chocolate, o qual elas tem contribuído para a fabricação.</p>		07 08 09 10 11 12 13 14
<p>Vivemos num mundo tão grande, bom, mas ao mesmo tempo com realidades tão assustadoras, pessoas cada vez pensando só nelas, poder, aquisição, status, pessoas desumanas, avassaladoras... Estamos cominhando para tempos modernos, chip, inovações, robôs substituindo homens, e ela só:</p>		15 16 17 18 19 20
<p>- Crianças trabalhando? Onde?</p>		21
<p>Para nós fica a imagem de um chocolate gostoso, que muitas vezes passamos por mãos tão pequeninas que traziam consigo o gosto amargo de uma vida tão injusta.</p>		22 23 24 25
<p>Toda criança merece respeito, amor, família, educação, alimentação... Toda criança hoje é a imagem de um "ser grande" - homem amontã.</p>		26 27 28
ANEXOS		
		29 30

ANEXO 1 - Espelho das redações analisadas

Nbs.: Este rodapé será cortado antes da correção pela banca de redação



5513108

**REDAÇÃO
VERSÃO DEFINITIVA**

22
AP

INSTRUÇÕES:

- 1) CUIDADO! Não amasse, não dobre, nem suje este cartão, sob pena de impossibilidade de reconhecimento pelos equipamentos ópticos.
- 2) Utilize caneta esferográfica PRETA.

Deserto Na Costa do Marfim

REDAÇÃO 1

Passados séculos após o descobrimento e lei que proibiu o trabalho escravo em muitos países, uma triste história vive a zona costeira do Marfim, conhecida por suas iguais plantações e exportações de cacau, oculto aos olhos da mídia internacional.

Após investigações a polícia internacional oculta descobrindo uma rede de trabalho escravo, pessoas presas, crianças escravizadas libertas, e sua humilhação não tem limites, até onde vai tudo isso realmente? Devemos tomar uma atitude fiscalizadora, não somente em plantações de cacau, na falta que também diminuiu, mas também de suas lojas e familiares, principalmente pagando a sua infâmia fora, realmente é uma coisa horrível e as pessoas responsáveis devem pagar.

Chega um ponto em que o escravidão não aguenta mais tanta dor, indignação, ligamos nossas televisões em qualquer horário; Somente milhões ruins, não podemos aceitar a deitar esse tipo de situação passar despercebido.

Depois de libertos, a vida dessas crianças nunca mais vão ser as mesmas, como se sentiram, de suas filhas foram arrancadas de nós a força? Será mesmo que a justiça adequada do trabalho vale realmente a pena, sendo levado em consideração como iguais de suas crianças escravizadas? Não devemos fazer nenhuma mudança se não queremos para nós, refletam e procurem saber a origem de cada criança escravidão, nunca devemos conviver com esse tipo de escravidão.

3337433321

Obs.: Este rodapé será cortado antes da correção pela banca de redação

REDAÇÃO 2



4210931

REDAÇÃO VERSÃO DEFINITIVA

INSTRUÇÕES:

- 1) CUIDADO! Não amasse, não dobre, nem suje este cartão, sob pena de impossibilidade de reconhecimento pelos equipamentos ópticos.
- 2) Utilize caneta esferográfica PRETA.

REDAÇÃO 3

O vendidinho apito do chocolate.

O chocolate com suas várias utilidades e sabores, que saem das produções de cacau, trazem muitas revelações por toda essa fabricação. Sendo assim são os produtos que são transferidos para o trabalho escravo, porém por uma situação de vida extrema, para a saúde e educação.

Com tudo isso os sistemas de trabalho são longos, e assim a maioria dos jovens que são transferidos são crianças e jovens, pelo fato de terem mais dispositivos de trabalho. Após muitas investigações feitas pela polícia, conseguiram a libertação de vários crianças e jovens escravizados, e também foram apreendidos vários responsáveis pela a escravidão infantil localizada na costa de Marfim.

Apartir dos apito emerge a ideia que o chocolate traz, ele é marcado por vários sistemas, que quem foi escravo consegue explicar de uma forma que na vida dessa pessoa ficará eternamente lembrada, fazendo com que cada chocolate que foi fabricado, por cada um tenha um apito diferenciado, pois a marca da escravidão dos pequenos crianças e jovens estarão estampado em seus rostos.

3337433321

Obs.: Este rodapé será cortado antes da correção pela banca de redação



6405276

36

REDAÇÃO
VERSÃO DEFINITIVA

INSTRUÇÕES:

- 1) CUIDADO! Não amasse, não dobre, nem suje este cartão, sob pena de impossibilidade de reconhecimento pelos equipamentos ópticos.
2) Utilize caneta esferográfica PRETA.

REDAÇÃO 4

O comodismo leva ao individualismo

É possível percebermos que apesar de grandes inovações tecnológicas nas diversas áreas - transporte, saúde, educação, indústria -, o mundo ainda enfrenta grandes obstáculos que necessitam vários cuidados, dentre eles, o tráfico humano e a exploração infantil que enfrentam-se em expansão.

Indubitavelmente demonstramos lamentavelmente saberemos que vivemos no século XXI e presenciemos mercados convergentes de produtos produzidos. Muitas pessoas acreditam que quando a Kinross trabalhou a Lei Anísio, onde foi decretada a fim da escravidão, esse problema estaria resolvido. Porém, não é o que está ocorrendo com o decorrer do tempo em que, ao invés da eliminação e diminuição consideravelmente, está se aumentando.

É importante ressaltar que apresenta-se crescente o número de pessoas que muitas vezes são iludidas com propostas maravilhosas de empregos, ao chegarem no local são comercializadas e traficadas de órgãos e até mesmo para a exploração sexual. Isso não é somente para estes países de origem que essa comercialização violenta do ser humano, mas também internacionalmente. Isso é o caso de uma quantidade significativa de crianças sendo obrigadas a trabalhar em indústrias e fazendas. Segundo investigações policiais, muitos delitos que usamos no cotidiano - desde cursos de mercados, fones e respostas - são perfeccionados por pequenos bandidos, que usam muitas de nossas crianças, adolescentes e jovens, mas encontram-se pessoas trabalhando em locais desprivilegiados.

Até quando passaremos por essas situações? A resposta é simples. Esse crime contra a dignidade humana, terá os devidos mínimos onde vivemos, somente quando políticas públicas forem implantadas e realizadas em uma justa medida com o auxílio do Conflito Social. Onde a população dependa-se do comodismo que as torna cegas e ajuda na difícil e lenta tarefa de gerar pelo direito humanos assegurados pela Constituição Federal.

3337433321

Obs.: Este rodapé será cortado antes da correção pela banca de redação



REDAÇÃO
VERSÃO DEFINITIVA

22

4711544

INSTRUÇÕES:

- 1) CUIDADO ! Não amasse, não dobre, nem suje este cartão, sob pena de impossibilidade de reconhecimento pelos equipamentos ópticos.
- 2) Utilize caneta esferográfica PRETA.

REDAÇÃO 5

	01
Esclavidão	
Cada vez mais vemos notícias sobre adultos	02
e crianças que são encontrados em esta-	03
dos de calamidade em plantações e proprie-	04
dades rurais, que sobrevivem sem as	05
mínimas condições.	06
É comum vermos pedidos de ajuda em	07
produtos que compramos, e muitos destes	08
nem sabemos a origem, em 2014 vários	09
peões foram libertados de campos, onde	10
vivem escravos.	11
Infelizmente que na China crianças são	12
forçadas a trabalhar 18 horas por dia	13
em fábricas de calçados, roupas, brinqu-	14
edos e utensílios.	15
As leis contra a escravidão devem	16
ser mais rígidas, pois principalmente no	17
Brasil, o país do "feitiço", os grandes	18
latifundiários que usam vários peões	19
muitas vezes são impunes e com-	20
tem novos crimes novamente.	21
Precisamos acabar de uma vez por	22
toda com a escravidão, nenhuma pessoa	23
deve ser prisionada por outra e vi-	24
ver em condições precárias.	25
	26
	27
	28
	29
	30

3337433321

Obs.: Este rodapé será cortado antes da correção pela banca de redação